

UMA PROPOSTA SÓCIO-INTERACIONISTA PARA O ESTUDO DOS TEXTOS BÍBLICOS

Camile Maria Botelho Regadas Tanto

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

MARÇO DE 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica de Professora Doutora Maria Antónia Coutinho.

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O(A) orientador(a),

Lisboa, de de

*A Deus,
Porque dEle, e por meio dEle, e para
Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a
glória eternamente. Amém!*

(Romanos 11:36)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo privilégio de trabalhar com a Sua Palavra.

À Professora Antónia Coutinho, pela sua preciosa orientação. Muitos são professores, poucos são mestres. Obrigada por fazer parte do grupo mais restrito.

A Christian Tanto, marido querido, pela paciência, incentivo e apoio constante.

A Denise e Roberto Regadas, meus pais e primeiros mestres, pelo incentivo e investimento.

A Poliana e Roberta, irmãs amadas, pelo companheirismo.

À Família Soares, pela acolhida calorosa em Portugal.

À Família Vander Heiden, pelos estudos bíblicos instigadores.

Aos irmãos do Centro Evangélico de Loures, pelo apoio e pelas orações.

À Alexandra Castro, pela amizade e prontidão em ajudar.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a consecução deste trabalho,

Muito grata.

RESUMO

UMA PROPOSTA SOCIOINTERACIONISTA PARA O ESTUDO DOS TEXTOS BÍBLICOS

Camile Maria Botelho Regadas Tanto

PALAVRAS-CHAVE: sociointeracionismo, gêneros textuais, textos bíblicos, proposta didática.

A hipótese que orienta este trabalho é a de que a área das Ciências da Linguagem – ou, de forma específica, a Lingüística dos textos e dos discursos – pode trazer um contributo relevante para o estudo dos textos bíblicos.

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma unidade didática a partir da reformulação do material analisado (*Como Estudar a Bíblia*, anexo 1), a fim de promover um processo didático-pedagógico que oriente a compreensão e a interpretação dos textos bíblicos.

O resultado desta contribuição (lingüística) para os estudos bíblicos visa promover a interiorização de aspectos lingüísticos que favoreçam o desenvolvimento do conhecimento e da capacidade de agir do indivíduo neste âmbito e, conseqüentemente, promover o agir individual consciente e transformador.

ABSTRACT

A SOCIAL INTERACTIONIST PROPOSAL FOR THE STUDY OF BIBLICAL TEXTS

Camile Maria Botelho Regadas Tanto

KEYWORDS: socio-discursive interactionism, genres, biblical texts, teaching unit

The supposition that underlies this work is that the area of Language Sciences - or, more specifically, the Linguistics of Texts and Discourses - can make an important contribution to the study of biblical texts.

The objective is to develop a teaching unit based on the reformulation of the material analyzed (Como Estudar a Bíblia, Appendix 1) in order to promote a didactic and pedagogic approach that guides the understanding and interpretation of biblical texts.

This (linguistic) contribution to Bible studies aims to promote the internalization of the linguistic aspects that promote the development of knowledge and the individual's ability to act in this area and, consequently, promote self awareness and personal transformation.

ÍNDICE

I. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	1
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. O programa de trabalho do interacionismo sócio-discursivo	4
2. A atividade religiosa como atividade de linguagem	5
3. Os gêneros textuais e os textos bíblicos	7
3.1. Os textos bíblicos como objetos empíricos	8
3.2. Os gêneros do AT	10
3.2.1. Os livros <i>históricos</i> e a <i>lei</i>	10
3.2.2. Outros “gêneros” encontrados no A.T.	15
3.2.3. Os gêneros do N.T.	17
III. DESCRIÇÃO CRÍTICA DO MATERIAL	21
1. Contextualizando o material: o curso, a disciplina e o professor	21
1.1 O Curso de Missões à Distância	21
1.2. <i>Como estudar a Bíblia</i> : a disciplina e o professor	22
2. <i>Como estudar a Bíblia</i>	23
2.1. Unidade 1: A fase de observação	23
O.1 – <i>Qual é o tipo de literatura?</i>	24
O.2. – <i>As perguntas do jornalista</i> e a <i>análise sintática</i>	26
O.3. – <i>Identificação de palavras repetidas</i>	27
O.4. – <i>O tema central 1</i>	30
O.5. – <i>O tópico de interesse geral</i>	32
2.2. Unidade 2: A fase de interpretação	33
I.1. – <i>Pergunta-chave</i>	34
I.2. – <i>Detalhes que você descobriu através de um comentário ou outras leituras</i>	35
I.3. – <i>Palavras e Frases com Significados Especiais</i>	35
I.3.a. Díficeis de entender	36
I.3.b. Citações de outras passagens bíblicas	36
I.3.c. Figurativas	36

I.4 – <i>O Contexto</i>	37
I.4.a. O contexto literário	37
I.4.b. O contexto histórico/geográfico/cultural	37
I.4.c. O contexto religioso	38
I.5 – <i>O tema central 2</i>	38
2.3. Unidade 3: A fase de aplicação	39
2.4. Unidade 4: Desfecho da oficina	40
IV. PROPOSTA DIDÁTICA	42
1. Aspectos preliminares	42
1.1. Origem da proposta didática	42
1.2. O formato digital	42
2. Uma proposta sócio-interacionista para o estudo dos textos bíblicos	43
2.1. Introdução à proposta	44
2.2. Introdução à Bíblia e à reflexão sobre os textos bíblicos	45
2.3. Observação geral do texto [Condições de produção/interpretação dos textos]	46
2.3.1. Observação do livro	47
2.3.2. As formas incluídas [Gêneros incluídos]	49
2.3.3. A observação do excerto	51
2.3.4. A síntese da observação	52
2.4. Análise do texto [Arquitetura textual]	52
2.4.1. As vozes do texto [Mecanismos enunciativos]	53
2.4.2. As orientações interpretativas do texto [Modalizações]	55
2.4.3. As ligações do texto [Conexões e coesão]	55
2.4.4. A organização do texto [Macroestruturas]	57
2.4.5. A síntese a análise do texto	58
2.5. Conclusão do estudo	58
V. NOTAS CONCLUSIVAS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	63

I. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A idéia de trabalhar sobre textos bíblicos surgiu a partir de uma reflexão, iniciada no âmbito de um curso básico de *Missões à Distância*, oferecido, em ambiente virtual, pelo Centro Evangélico de Missões (CEM), uma instituição brasileira de treinamento em nível superior e de pós-graduação em teologia, mais especificamente na área da Missiologia.

Diante do material proposto pelo curso na disciplina *Como Estudar a Bíblia* (Anexo 1)¹, identifiquei alguns problemas que parecem muito aquém do contributo que nos pode fornecer hoje o arcabouço teórico das teorias do texto e da análise lingüística.

Em primeiro lugar, constatei uma grande diversidade de critérios utilizados, no que diz respeito à classificação dos textos bíblicos que ora são classificados por critérios genéricos, ora por critérios enunciativo-discursivos, outras vezes são convocados critérios de contexto e de conteúdo, entre outros.

Os exercícios de estudo de textos do material *Como Estudar a Bíblia* (Anexo 1) refletem que seu autor utilizou suporte teórico de ordem literária, procedimento revelado inadequado, uma vez que os textos bíblicos e os textos literários pertencem a atividades de linguagem diferentes. Por outro lado, isso indica que não são tidas em conta ferramentas de análise de que dispomos no âmbito dos estudos lingüísticos – e, em particular, das teorias do texto. De uma forma mais específica, podem ainda apontar-se, entre outros, os seguintes problemas identificados:

- indiferenciação, ou confusão, entre questões de categorização ou tipologia textual, por um lado, e questões de tipologia discursiva (ou enunciativo-discursiva);
- anulação da especificidade dos diferentes gêneros bíblicos, através da aplicação das perguntas associadas ao *lead* da notícia (o quê? quem? quando? onde? como?) a qualquer texto/excerto bíblico proposto para análise;
- indiferenciação entre *cotexto* (etiquetado pelo material de "contexto literário") e *contexto* (de produção, de circulação, histórico, cultural) – tratados sob o mesmo estatuto;

¹ O material *Como Estudar a Bíblia* é utilizado no *Curso de Missões à Distância*, do Centro Evangélico de Missões. Este material será apresentado e descrito em pormenores no capítulo 3 (Descrição crítica do material).

- confusão (ou mesmo, por vezes, falta de exatidão) relativamente aos diferentes níveis de análise linguística convocados (níveis lexical, morfológico, sintático, semântico);
- indefinição na aplicação dos recursos de análise, que ora incidem sobre o excerto, ora sobre o livro do qual foi tirado o excerto.

A consequência disso é uma metodologia ineficaz de ensino que lança mão de exercícios confusos e redundantes, gerando a falsa impressão de que os textos bíblicos são de difícil leitura, obscuros e que permitem múltiplas interpretações. Este trabalho assenta no pressuposto de que a aplicabilidade da linguística pode funcionar para além do contexto escolar, uma vez que dispõe de recursos úteis para a análise de qualquer texto em qualquer atividade.

Certa de que as Ciências da Linguagem – e, de forma específica, a área da Lingüística dos Textos e dos Discursos – podem trazer um contributo relevante para o estudo dos textos bíblicos, assumo como objetivo principal desta dissertação elaborar uma proposta de estudo de textos bíblicos que seja adequadamente sustentada, em termos teóricos, e eficaz em termos de aplicabilidade.

Para tal, a pesquisa está dividida em cinco etapas. Esta primeira, **os aspectos introdutórios**, traz esclarecimentos acerca da origem deste projeto de investigação e os objetivos propostos.

No segundo momento, dedicado ao **enquadramento teórico**, apresentarei as noções de atividade de linguagem, gêneros textuais e texto que fundamentam esta pesquisa. À luz desses conceitos, refletirei sobre as especificidades dos textos bíblicos a fim de relevar as características que constituem a sua identidade enquanto textos empíricos no âmbito da atividade religiosa e salientar a necessidade desta intervenção linguística no domínio dos estudos bíblicos.

Em terceiro lugar, na **descrição do material**, através da observação e da análise do conteúdo e dos exercícios de compreensão e interpretação do material empírico escolhido (módulo *Como Estudar a Bíblia*), procurarei explicitar os fundamentos teóricos que nortearam a sua elaboração e descrever os problemas detectados, apontando critérios fiáveis de categorização e de descrição linguística, fundamentados no interacionismo sócio-discursivo (doravante, ISD) e nas teorias do texto.

Na quarta etapa proporei uma **unidade didática** fundamentada na convergência de 4 fatores: a reflexão teórica que será apresentada no capítulo II, o resultado da descrição do módulo *Como Estudar a Bíblia*, o público-alvo do material analisado e o modelo de funcionamento on-line do curso no qual é utilizado o material descrito. O objetivo desta proposta é oferecer um material didático fundamentado no ISD e nas teorias do texto que instrumentalize o aluno a mobilizar recursos lingüísticos em prol da compreensão e interpretação dos textos bíblicos.

E, finalmente, nas **notas conclusivas**, apresentarei a síntese da reflexão aqui desenvolvida e as perspectivas de trabalho.

Este projeto de investigação não tem pretensões de apresentar uma classificação definitiva e inédita dos textos bíblicos. O interesse da unidade didática reside, a nosso ver, em dois pilares fundamentais: o primeiro, consiste em aproximar dois extremos, a teoria lingüística de um lado e o público leigo do outro, através da transposição de recursos de análise de texto já disponíveis no âmbito dos estudos lingüísticos de maneira a torná-los úteis e operacionais para a prática cotidiana dos utentes da língua; o segundo é relançar elementos para o questionamento acerca da relação entre gênero e texto e até repensar questões teóricas relativas aos gêneros textuais, que, até o momento, pareciam resolvidas – e que a escolha de trabalhar sobre textos ligados à atividade religiosa convida a re-equacionar.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O programa de trabalho do interacionismo sócio-discursivo

O ISD não constitui um quadro teórico linguístico, mas sim um posicionamento epistemológico e político que considera o homem um ser social, cujo desenvolvimento é complexo.

Tal desenvolvimento não se dá em áreas isoladas nem de forma sequencial, mas graças à integração das várias dimensões humanas (cognitivas, sociais, afetivas, etc.), num processo contínuo de construção, fruto da interação com o mundo que o rodeia e com os outros indivíduos (Bronckart, 1999, 2004a).

Com bases nisso o ISD desenvolveu um programa de trabalho que compreende três etapas: a análise dos pré-construídos do meio no qual está inserido o homem; a análise dos processos de mediação sócio-semiótica através dos quais há a apropriação desses pré-construídos; e a análise dos efeitos dessa mediação e apropriação na constituição e desenvolvimento do indivíduo.

Para Bronckart (1999, 2004a, 2004b, 2004c), desde o nascimento, o homem está imerso num meio já constituído, composto de quatro pré-construídos: as *atividades coletivas*, que organizam e mediam por um lado a relação do homem como ser individual e por outro lado a sua relação com o meio físico e os mundos sociais; as *formações sociais*, que geram normas, regras e valores que regem as relações intersubjetivas; os *textos*, que constituem as manifestações empíricas das atividades de linguagem; e os *mundos formais de conhecimento*, i.e. as representações coletivas.

Esses pré-construídos são adquiridos/transmitidos e (re)produzidos através de três elementos: a *educação informal*, por meio da integração em atividades conjuntas; a *educação formal*, através dos processos didáticos e pedagógicos; e as *transações sociais*, i.e. as atividades cotidianas (Bronckart, 2004b: 115).

A apropriação dos pré-construídos através da educação formal e informal e das transações sociais desencadeia, segundo Bronckart (2004b), três efeitos: o surgimento do pensamento consciente (interiorização dos signos de linguagem); o desenvolvimento pessoal do indivíduo (desenvolvimento do conhecimento e da capacidade de agir); e a transformação

(permanente) do conteúdo dos pré-construídos coletivos, através da contribuição individual de cada pessoa no seu agir cotidiano na sociedade.

O programa de trabalho apresentado nos parágrafos anteriores é relevante para o estudo em questão, porque constitui passos metodológicos importantes para o cumprimento dos objetivos propostos para esta tese.

Em primeiro lugar, dentre os meus objetivos principais, propus-me a refletir sobre a especificidade dos textos bíblicos a fim de identificar as características que constituem a sua identidade enquanto textos empíricos da atividade religiosa. Para isso é preciso considerar não somente o produto lingüístico em si, mas também os contextos nos quais tais textos surgem, as normas e os valores que regem a sua produção para que sejam socialmente aceitos e as representações sociais.

Dispus-me também a desenvolver uma unidade didática a partir da reformulação do material analisado (*Como Estudar a Bíblia*, Anexo 1), ou seja, minha intenção é promover um processo didático-pedagógico a fim de orientar a compreensão e a interpretação dos textos bíblicos.

O resultado desta contribuição (lingüística) para os estudos bíblicos visa promover a interiorização de aspectos lingüísticos que favoreçam o desenvolvimento do conhecimento e da capacidade de agir do indivíduo neste âmbito e, conseqüentemente, promover o agir individual consciente e transformador.

2. A atividade religiosa como atividade de linguagem

Como já foi destacado anteriormente, o homem, desde o nascimento, está imerso num meio constituído que o influencia, mas que também é por ele transformado através do seu agir individual. À medida que se desenvolve, o homem apre(e)nde as significações sócio-históricas que possibilitam a sua atuação numa dada prática social; e isso se dá, principalmente por meio da linguagem. É também por meio da linguagem que o homem constrói as suas representações coletivas (os *mundos formais de conhecimento*) e transmite aos seus descendentes os “modelos” de comportamento social e, por que não dizer, textual? Por isso, assumo com Bronckart que:

“a linguagem não é (apenas) um meio de expressão de processos que seriam, eles, estritamente psicológicos (percepção, cognição, sentimentos, emoções), mas que é, na realidade, um instrumento

fundador e organizador desses mesmos processos, em todo o caso nas suas dimensões especificamente humanas.” (Bronckart, 2005:39)

A linguagem constitui então uma característica da atividade social humana e sua principal função é de ordem comunicativa ou pragmática (Bronckart, 1999:34) assegurando a intercompreensão entre os membros de uma comunidade verbal e permitindo que o homem aja socialmente. Na mesma linha se situa Rastier (1989), assumindo a concepção de uso da língua como atividade social por excelência.

“L’usage d’une langue est par excellence une activité sociale, si bien que toute situation de communication est déterminée par une pratique sociale qui l’instaure et la contraint.” (Rastier, 1989: 39)

É impossível (de)limitar ou enumerar as práticas sociais, uma vez que são tão diversas quanto às áreas de atuação humanas. Tais práticas, realizadas através da língua - atividades de linguagem (Bronckart, 1999: 37) - são reguladas pelas formações sociais, no interior de cada comunidade verbal e são essas formações sociais ou sócio-discursivas que dão origem a modalidades particulares de organização dos signos, gerando diferentes gêneros de texto.

Isso permite afirmar que cada atividade de linguagem produz gêneros próprios ou toma de empréstimo gêneros de outras atividades, adaptando-os aos seus fins mais específicos e adequando-os à medida da necessidade da ação comunicativa.

A minha atenção neste trabalho está voltada especificamente para a atividade religiosa, enquanto formação sócio-discursiva que faz parte da prática social de milhares de pessoas e, conseqüentemente, produz diferentes gêneros de texto.

Essa atividade revela uma ambivalência entre a tradição e a inovação. A tradição manifesta através do uso de gêneros orais e escritos desde há muito estabelecidos e estabilizados em sua prática cotidiana, como, por exemplo, as *epístolas*, os *salmos*, o(s) *evangelho(s)*, o *sermão*, a *missa*, a *oração*; e a inovação revelada, por exemplo, através das *revistas*, *blogs*, *sites* e *cânticos religiosos* contemporâneos².

A coexistência de gêneros tão diversos no que se refere ao contexto de produção, por exemplo, leva-me a destacar uma característica peculiar desta atividade que é a capacidade de manter um gênero ativo, mesmo quando não é produtivo. Os gêneros bíblicos, por exemplo,

² Tópico desenvolvido em Tanto, Camile. *Os textos bíblicos como objetos empíricos: estratégias e desafios para a lingüística*. 2009. Trabalho apresentado no âmbito do Seminário Textos e Discursos, do Mestrado em Ciências da Linguagem, FCSH. UNL, 2008-2009.

continuam a circular no meio religioso sendo alvo de leitura e de fonte de inspiração para sermões e cânticos, mas não apresentam produtividade contemporânea.

Dentre os muitos gêneros que integram essa atividade e que são passíveis de análise, centro a minha atenção nos gêneros bíblicos, cujos objetos empíricos (textos) revelam uma tensão entre a ratificação da teoria e a sua inadequação/insuficiência.

Os textos bíblicos mais antigos - nomeadamente os livros de *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio* -, seja por tradição oral ou escrita, sobrevivem no meio religioso há mais de 3500 anos. A estes vieram acrescentar-se posteriormente os livros chamados *históricos*, *proféticos*, *sapienciais* e *poéticos* para o Antigo Testamento (doravante A.T.); e, por volta do quarto século da nossa era, os livros que compõem o Novo Testamento (doravante N.T.) tal como conhecemos hoje (Douglas, 1995). A aceitação de escritos como textos bíblicos se dá por meio de concílios eclesiásticos que estabelecem os critérios que definem o *cânone*.

Há controvérsias a respeito do *cânone* a ser utilizado no estabelecimento do A.T.. Neste trabalho, adoto o *cânone* da Bíblia hebraica (39 livros) estabelecido pelo Concílio de Jâmnia, em 90 d. C. (Douglas, 1995: 251), concordando com Kermode quando afirma:

“o fato de que todas as Bíblias contêm tais livros, independentemente do que mais incluam, lhes dá uma importância maior do que a dos elementos em disputa.” (Kermode, 1997 *apud* Alter e Kermode, 1997: 641)

A ação direta das autoridades eclesiásticas sobre a determinação da autenticidade e da autoridade dos textos bíblicos leva a considerar que esses gêneros requerem não só a aceitação da comunidade verbal, mas também (e principalmente) o reconhecimento das autoridades eclesiásticas que lhes conferem valor.

3. Os gêneros textuais e os textos bíblicos

Os *gêneros de texto* são formas comunicativas que constituem categorias abstratas, socialmente indexadas e reconhecidas numa situação comunicativa dada. Tais formas comunicativas funcionam, então, como “modelos” para os contemporâneos e para as gerações posteriores (Bronckart, 1999: 137).

Cada novo agir verbal humano individual produz um novo texto que adota um gênero mais adequado e adapta-o à situação de ação (Bronckart, 1999; 2004a). Isto significa que as novas produções não se dão no vazio, pelo contrário, recorrem à memória textual da comunidade verbal.

A memória textual, coletivamente e socialmente constituída pelas gerações precedentes, é o conjunto de gêneros de textos constantemente utilizados e que pode ser transformado e reorientado pelas formações sociais contemporâneas (Bronckart, 1999:100). A esse conjunto de gêneros, organizados em nebulosa, Bronckart (2005) chama *arquitexto*. É no *arquitexto* que o utente da língua busca modelos para comunicar-se adequadamente.

Assim, para que o sujeito adote e adapte um gênero é preciso que ele convoque dois tipos de conhecimentos: o primeiro (social), referente ao contexto de ação, i.e. a sua representação em relação ao contexto de ação; o segundo (textual e discursivo), referente a modelos de ‘formas comunicativas’ utilizadas socialmente em contextos semelhantes (Bronckart, 1999). Tal movimento parece seguir dois princípios aparentemente contraditórios, postulados por Jean-Michel Adam, conforme explicam Coutinho e Miranda abaixo:

“Jean-Michel Adam asserts genres regulate the textual practice through two apparently contradictory principles: a principle of identity, oriented for the repetition and the reproduction, and a principle of difference, oriented for the innovation and the variation.”
(Coutinho e Miranda, 2009: 39)

O *princípio da identidade*, referido por Adam, pode ser equiparado ao movimento de adoção de um gênero, proposto por Bronckart, na medida em que o indivíduo recorre às suas representações sociais para reproduzir gêneros já instituídos socialmente. Da mesma forma, o *princípio da diferença ou singularidade* (Adam) pode ser equiparado ao movimento de adaptação (Bronckart), uma vez que cada novo texto é inovador, porque inédito e fruto da ação individual de um sujeito diante de uma situação de linguagem específica.

O resultado da adoção e adaptação – ou dos *princípios de identidade e singularidade*, para Adam - é a realização concreta dos *gêneros*, através de textos. Os *textos* são, então, a manifestação dos *gêneros*, ou seja, os objetos empíricos, tal como circulam em sociedade e único material à disposição do lingüista (Coutinho, 2006).

3.1. Os textos bíblicos como objetos empíricos

A Bíblia foi escrita por mais de 40 autores diferentes, compreende 66 livros e está dividida em duas partes: o A.T., composto por 39 livros (2/3 das Sagradas Escrituras), escrito em hebraico e aramaico, entre 1440 a.C e 400 a.C, abrangendo mais de 4000 anos de história (4000 a.C. – 460 a.C); e o N.T., composto por 27 livros, escrito entre os anos de 40 d.C. e 96 d.C., compreendendo quase 100 anos de história (0 – 96d.C) e cuja língua original é grego comum, sendo observada a influência do hebraico e do aramaico (semitismos).

A classificação que vem sendo utilizada no âmbito dos estudos bíblicos está longe de mostrar-se objetiva e operacional. Se, por um lado, considerarmos a classificação mais simples, disponível para leigos, é perceptível a miscelânea de critérios. Se, por outro lado, considerarmos a classificação especializada, utilizada no meio teológico, percebemos que a confusão e a divergência são ainda maiores. Passo, então, a explicar.

A tabela abaixo (Tabela 1) - fruto de uma compilação que fiz a partir dos anexos de uma Bíblia voltada para o ministério com crianças – apresenta objetivamente a organização/classificação dos textos bíblicos sugerida aos leitores leigos.

Antigo Testamento	Pentateuco ³		Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio
	Históricos		Josué, Juizes, Rute, 1Samuel, 2Samuel, 1Reis, 2Reis, 1Crônicas, 2Crônicas, Esdras, Neemias, Ester
	Poéticos		Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos
	Profetas Maiores		Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel, Daniel
	Profetas Menores		Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias
Novo Testamento	Evangelhos		Mateus, Marcos, Lucas, João
	Histórico		Atos
	Cartas de Paulo	às Igrejas	Romanos, 1Coríntios, 2Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1Tessalonicenses, 2Tessalonicenses
		ao povo	1Timóteo, 2Timóteo, Tito, Filemon
	Cartas de outros		Hebreus, Tiago, 1Pedro, 2Pedro, 1João, 2João, 3João, Judas, Apocalipse

Tabela 1: Compilação dos dados, a partir dos anexos da *Bíblia de Recursos para o Ministério com Crianças*⁴.

³ Do grego, pentateuchos: “[livro em] cinco volumes”. Para os judeus Torá (instrução), Lei.

⁴ *Bíblia de Recursos para o Ministério com Crianças*. 2003. [tradução da Bíblia] João Ferreira de Almeida; notas e material adicional Neyd Siqueira.] 2ª ed. rev. atualizada, São Paulo, Hagnos.

A proposta de organização/classificação apresentada na tabela acima bem como material bibliográfico adicional (glossário, índice de assuntos, mapas, gráficos e tabelas, orientação didática, esboços de estudos, etc.) podem ser encontrados nas Bíblias de Estudo e nas Bíblias voltadas para o exercício de alguns ministérios específicos (infantil, ensino, evangelismo, etc.), sob a forma de anexos, cujo objetivo é oferecer uma formação de base e orientar o leitor que deseje aprofundar seus conhecimentos bíblicos e/ou exercer alguma uma função docente em sua comunidade religiosa.⁵

A partir da análise da classificação apresentada acima (Tabela 1), identifica-se a diversidade de critérios utilizados na categorização dos “blocos” de textos apresentados, que ora apelam para o conteúdo (Históricos e Evangelhos), ora para o “gênero” (Poéticos, Cartas)⁶, ou ainda para a autoria e a extensão do livro (Profetas Maiores e Profetas Menores)⁷.

Relativamente à classificação utilizada no meio teológico e, mais especificamente, no âmbito da hermenêutica bíblica é preciso advertir que, apesar de tratar-se de uma abordagem especializada, não se observa consenso acerca da classificação apresentada.

3.2. Os gêneros do AT

3.2.1. Os livros *históricos* e a *lei*

O *Pentateuco*, composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia (*Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números*, *Deuteronômio*), cuja autoria é conferida a Moisés, trata da criação do mundo, da formação do povo hebreu e da instituição da lei desse povo. Já os livros de *Josué*, *Juízes*, *Rute*, *1Samuel*, *2Samuel*, *1Reis*, *2Reis*, *1Crônicas*, *2Crônicas*, *Esdras*, *Neemias* e *Ester* são considerados livros *históricos* (LaSor, Hubbard e Busch, 1999) ou *narrativas* (Fee e Stuart, 1999).

O *Pentateuco* contém mais de seiscentos mandamentos para a sociedade israelita, mas também é a fonte de informações históricas acerca da formação e desenvolvimento do povo hebreu. Para a sociedade israelita, todos os livros do *Pentateuco* – a despeito do conteúdo - são os livros da lei, constituindo, assim a base do sistema jurídico, legal, dessa sociedade.

⁵ Vale observar que a função docente a qual me refiro não é referente à docência acadêmica, mas sim às funções de ensino desenvolvidas nas comunidades religiosas, que não exigem uma formação técnica ou superior.

⁶ A palavra gênero(s) sempre aparecerá entre aspas, quando generalizar o critério utilizado pelos editores/autores (literário?, textual?) para agrupar/classificar textos, i.e. quando não se referir exatamente à noção de gênero adotada neste trabalho.

⁷ O critério de classificação para os cinco primeiros livros da Bíblia (cf. *Pentateuco*) parece oscilar entre o conteúdo e a tradição judaica.

Certo de que há muito a ser discutido no que se refere à classificação dos livros supracitados, centrarei a minha atenção apenas nos livros de *Gênesis* e *Deuteronômio*, a título de ilustração dessa problemática.

De acordo com LaSor, Hubbard e Busch (1999), em sua *Introdução ao Antigo Testamento*, o livro de *Gênesis* é dividido em duas partes: a *história primeva* (Gn. 1.1 – 11:26) e a *história patriarcal* (Gn. 11:27 – Gn. 50:26)⁸.

Os autores definem essa *história primeva* ou *prólogo primevo* (Gn 1 – 11:26) como “um prefácio à história da salvação, tratando da origem do mundo, da humanidade e do pecado” (*op.cit.*, pp. 16-17, grifo meu). Os mesmos autores, ao reconhecerem a dificuldade em colocar sob um único gênero o livro de *Genesis*, assumem que os onze primeiros capítulos oscilam entre o mito e a “história” em sua acepção moderna; e a segunda parte do livro (capítulo 12 ao capítulo 50), que trata dos chamados patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó), é classificada como a *história patriarcal*. E, ao partir para a análise da natureza literária dos onze primeiros capítulos do *Gênesis*, LaSor, Hubbard e Busch (1999) sugerem ainda uma bipartição:

“Em primeiro lugar, esses capítulos são solidamente caracterizados por dois tipos bem distintos de artifícios literários. Um conjunto de textos (incluindo caps. 1; 5; 10; 11.10 – 26) distingue-se pelo caráter esquemático e arranjo lógico cuidadoso.” (*op.cit.*, p. 19, grifo meu)

“O segundo conjunto de passagens (caps. 2-3; 4; 6-9; 11:1-9) é bem diferente. Aqui se usa uma forma de história.” (*op.cit.*, p. 20, grifo meu)

Após a análise das supostas duas partes da *história primeva* (Gn. 1–11), citadas acima, observa-se claramente que os capítulos cujo “caráter é esquemático e arranjo lógico cuidadoso” são excertos predominantemente descritivos e os capítulos que usam “uma forma de história” são predominantemente narrativos; mas isso não impede que formem um todo coeso, pelo contrário, como defende Bakhtin, as escolhas pontuais são influenciadas e determinadas pelo conjunto do texto.

“Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não escolhemos somente uma determinada oração em função do que queremos expressar com a ajuda dessa oração, selecionamos um tipo de oração

⁸ O nome do livro se dá a partir da palavra o inicia, do hebraico, ראשית *re`shîyt*, ‘no princípio’, e é a transliteração da palavra grega da Septuaginta, que significa “fonte, origem”. (LaSor, Hubbard e Bush, 1999: 16).

em função do todo do enunciado completo que se apresenta à nossa imaginação verbal e determina nossa opção. A idéia que temos da forma do nosso enunciado, isto é, de um gênero preciso do discurso, dirige-nos em nosso processo discursivo. O intuito de nosso enunciado, em seu todo, pode não necessitar, para sua realização, senão de uma oração, mas pode também necessitar de um grande número delas e o gênero escolhido dita-nos o seu tipo com suas articulações composicionais.” (Bakhtin, 1997: 305)

Insistir na bipartição dos onze primeiros capítulos de *Gênesis* é ignorar a heterogeneidade composicional dos enunciados defendida por Adam (1992).

“Les plans d’organisation de la textualité rendent compte du caractère profondément hétérogène d’un objet irréductible à un seul type d’organisation, complexe et en même temps cohérent. Pariant pour le caractère théorisable de cette diversité et de cette hétérogénéité, je parle de différents plans d’organisation textuelle et je définis le texte comme une structure composée de séquences.” (Adam, 1992: 20, grifos meus)

Adam reconhece a complexidade do objeto em questão – o texto – mas não impossibilita, por isso, a sua análise e descrição. Por outro lado, LaSor, Hubbard e Busch (1999), diante da complexidade, optam pela fragmentação numa tentativa de simplificação do objeto de análise. Coutinho (2006) defende que “ao tomar-se um texto como objeto empírico, aceita-se também lidar com a complexidade que lhe é inerente” e que para proceder a uma análise coerente é preciso o trabalho de “o compreender, e não de o reduzir para o (poder) descrever – ou dominar”.

Fee e Stuart (1999) defendem a necessidade da abordagem dos textos bíblicos a partir do gênero ao qual pertencem. Para esses autores, o livro de *Gênesis*, como um todo, constitui uma *narrativa*, enquanto os demais livros que compõem o *Pentateuco* constituem a *Lei*. Apesar de defenderem essa abordagem genérica dos textos bíblicos, os autores não apresentam claramente qual a noção de gênero por eles adotada, mas inspiram-se na noção de gênero literário.

Fee e Stuart (1999: 64) assumem que a *narrativa* (bíblica) é uma *história* que tem um enredo, uma trama, personagens (sejam divinas, humanas, animais, vegetais, etc.)” e dois objetivos principais: mostrar o agir de Deus na Sua criação e ensinar o povo de Deus por meio de ilustrações⁹. Para os autores, *narrativa* e *história* são termos sinônimos, mas adotam o

⁹ Os autores citam *trama* e *enredo* como se fossem dois elementos distintos, mas não especificam em que consiste essa distinção. Considerei, neste trabalho, os termos como sinônimos.

primeiro (*narrativa*) por ser “preferido no uso técnico, visto ser ele um termo mais objetivo” e para evitar a associação com a ficção (*op.cit.* p.63)¹⁰.

Sobre a noção de *narrativa* apresentada por Fee e Stuart (1999) faço duas observações. A primeira diz respeito à escolha da noção de *narração* como critério de classificação genérica. Tal abordagem, apesar de estar baseada na teoria literária, apresenta pontos de contacto com a noção de esquema prototípico proposto por Adam (1992). Contudo, como o próprio Adam admite, é critério insuficiente para dar conta da complexidade de um texto.

“D’un point de vue cognitif, il est aujourd’hui admis que les schémas prototypiques ne rendent, bien sûr, pas compte à eux seuls de tous les aspects de la compréhension et de la production des textes. Toutes sortes de connaissances entrent en jeu dans ces deux opérations (connaissances pragmatique, connaissances des mondes représentés, etc.” (Adam, 1992: 14, grifo meu)

Considerar apenas o esquema prototípico é ignorar as operações que permeiam o processo de produção e compreensão de textos como práticas sociais e negar a noção de gênero textual como constructo social, fruto da ação individual.

A segunda observação é que é preciso retificar a noção de *narração* apresentada. Fee e Stuart (1999), de fato, consideraram alguns elementos que constituem essa sequência prototípica, todavia, de acordo com Adam (1992) seis elementos precisam ser identificados para que haja *narrativa*: sucessão de ações (ou acontecimentos), unidade temática (pelo menos um ator-sujeito S), predicados transformados, um processo, a causalidade narrativa (elemento gerador de intriga), uma avaliação final explícita ou implícita e relações de causa/efeito.

Comparando as noções de *narração* apresentadas, é preciso relevar que, apesar de mencionarem as personagens, Fee e Stuart (1999) não o fazem na mesma medida que Adam (1992). A referência feita pelos hermeneutas limita-se à presença de personagens nos textos; Adam (1992:47), por sua vez, fundamentado em Bremond, relaciona a presença de um sujeito (animado ou inanimado) – i.e. implicação de interesse humano – situado “num tempo t e $t+n$ ”. É essa a relação que estabelece a unidade temática.

¹⁰ Apesar de reivindicar o caráter verídico dos textos bíblicos ao optarem pelo termo *narrativa*, ao usarem o termo *ilustrações* na delimitação dos objetivos da *narração*, os autores próprios remetem à uma linguagem metafórica ou ficcional.

E, finalmente, Fee e Stuart (1999) apenas citam que a *trama* (ou *enredo*) é constituinte da *narrativa*, mas não explicitam em que consiste e como é construída. Numa tentativa de associar as noções de *narrativa* apresentadas, equiparei a *trama* (ou *enredo*) citada por Fee e Stuart (1999) ao *elemento gerador de intriga* mencionado por Adam (1992).

Mais do que mera discussão terminológica, esses conceitos – como defende Kintsch *apud* Adam (1992) - revelam-se importantes para o estudo em questão, porque a clara noção de como é construída a narrativa possibilita ao leitor o estabelecimento de estratégias de leitura e compreensão, o que orientará a uma interpretação coerente com os objetivos para os quais o texto foi escrito.

“Dans les tâches que représentent aussi bien la compréhension que la production, la connaissance des schémas prototypiques dote interprétants et producteurs d’un ensemble de stratégies de résolution de problèmes spécifiques. Comme le note W.Kintsch à propos de la lecture, les schémas prototypiques guident et contrôlent les stratégies de compréhension: ‘Il est certes possible de se passer de ces stratégies, mais être capable d’employer des stratégies organisationnelles spécifiques peut être une aide puissante au lecteur.’(1982:96)” (Adam, 1992 : 14)

Em relação ao livro de *Deuteronômio*, LaSor, Hubbard e Busch (1999) fazem a seguinte declaração:

“Mas o rótulo discursos, apenas, talvez não seja adequado para descrever o movimento, a ordem e o propósito do livro [de Deuteronômio]. Seu amplo leque de preocupações legais dão-lhe um cunho constitucional. Para alguns, o livro parece uma exposição abrangente do Decálogo. Essas descrições de gênero indicam que o caráter de Deuteronômio corresponde mais ao de um documento que ao de uma simples colação de discursos.” (LaSor, Hubbard e Busch, 1999: 122, grifos meus)

É perceptível, na citação acima, a preocupação dos autores em considerar vários critérios para estabelecer uma classificação coerente: o propósito, o conteúdo, a função dos textos para a sociedade israelita, etc. Apesar disso, o que à primeira vista pode parecer imprecisão/insuficiência terminológica para classificar esses textos é, de fato uma imprecisão dos critérios que estabelecem e definem a sua identidade, i.e. dos gêneros que eles materializam. Acerca da terminologia, Miranda afirma:

“A opção por uma expressão ou outra não é uma questão sem relevância, já que por trás de qualquer escolha terminológica há sempre um posicionamento de ordem epistemológica.” (Miranda, 2007: 61)

É possível então concluir que a imprecisão terminológica apresentada por LaSor, Hubbard e Busch (1999) revelam, na verdade, a imprecisão epistemológica acerca da abordagem dos textos bíblicos. Não convém, contudo, condenar esses autores, pois isso é pode ser observado outras obras de hermenêutica bíblica (Fee e Stuart, 1999; Douglas, 1995). Se a hermenêutica precisa de buscar fundamentos nas teorias do texto, a lingüística pode oferecer aparato teórico que oriente o estudo dos textos bíblicos.

3.2.2 Outros “gêneros” encontrados no A.T.

De acordo com a Tabela 1 (p.9), há ainda dois “blocos” de textos a serem considerados: os textos *poéticos* e os *proféticos*. A hermenêutica bíblica, no entanto, não adota a mesma classificação relativamente aos livros poéticos, distinguindo a *sabedoria* da *poesia*. Faz parte, então, da literatura sapiencial os livros de *Jó*, *Provérbios* e *Eclesiastes*; e dos livros poéticos os *Salmos*, e o *Cântico dos cânticos*.

Os três “gêneros” mencionados - *profecia*, *poesia* e *sabedoria* - recorrem aos modelos da poesia hebraica e este pode ser o elemento motivador da classificação apresentada na Tabela 1 em relação aos textos poéticos.¹¹

A concepção vulgar de *profecia* associa-se sempre à predição do futuro. LaSor, Hubbard e Busch (1999) apresentam duas concepções para a profecia bíblica: a mensagem de Deus para a situação presente; a mensagem divina a respeito do futuro. A profecia estava, então, ao serviço da exortação, instrução, promessa ou julgamento divino. De acordo com Fee e Stuart (1999), a profecia bíblica era transmitida sob três formas: o *processo jurídico*, o *ai* e a *promessa*¹²:

- o *processo jurídico*, que é uma forma literária alegórica que apresenta um julgamento (e.g. Is.3:13-26), onde Deus é apresentado como “o demandante, o promotor público, o juiz e o oficial de justiça num processo jurídico contra o réu, Israel.” (*op.cit.* p. 164);
- o *ai* (ou “oráculo do *ai*”) era a predição de condenação e sua estrutura apresenta 3 elementos: o *anúncio* (*ai*), a *razão* da aflição, e uma predição de *desgraça*;
- a *promessa* (ou “oráculo da salvação”), cujos elementos são: a referência ao futuro, a menção de mudanças radicais, e a menção de bênçãos.

¹¹ Poesia hebraica: ver detalhadamente em LaSor, Hubbard e Bush (1999, cap.17), Douglas (1995), Fee e Stuart (1999: 166-168).

¹² Ai: palavra usada diante de uma situação de desgraça ou morte (Fee e Stuart, 1999: 166).

O recurso poético era comumente utilizado para a transmissão das profecias a fim de facilitar a memorização, pois grande parte do povo não dominava a leitura e a escrita. Quando havia algo muito importante a ser ensinado, isso era feito através da poesia.

Relativamente aos livros *sapienciais* (*Jó, Provérbios, Eclesiastes*) e *poéticos* (*Salmos e Cântico dos cânticos*) vale destacar que apesar de recorrerem à poesia, não o fazem da mesma maneira. Nesses livros, mais importante do que identificar a poesia é verificar a serviço de quê está essa poesia. Apresentarei, a título exemplificação, uma breve discussão sobre os livros de *Salmos* e *Provérbios*.

O propósito do livro de *Salmos*, apesar de apresentar sentimentos e conflitos humanos, concentra-se em Deus. Tais cânticos/poemas eram utilizados nos cultos públicos e privados com o objetivo de apresentar diante de Deus as súplicas, ações de graças, angústias, necessidades do homem, sempre baseadas no caráter de Deus e na Sua fidelidade a fim de afirmar a confiança na Sua soberania e exaltar o Seu nome. Já o livro de *Provérbios* é voltado para o povo, a fim de ensinar a viver uma vida sábia e agradável a Deus.

Assim, apesar de serem gêneros de uma mesma atividade que circulavam na mesma comunidade e disporem do mesmo recurso de expressão (a poesia), não podem ser tão somente postos sob a mesma etiqueta “poéticos”, pois estão a serviço de prática sociais diferentes, i.e. têm funções diferentes, objetivo diferentes, destinatários diferentes e por isso requerem escolhas diferentes.

“O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc.” (Bakhtin, 1997: 301, grifo meu)

Bakhtin ressalta estreita ligação entre aquilo que será comunicado e o gênero através do qual será comunicado. Logo, mesmo que a classificação simplificada apresentada na Tabela 1 seja uma bem intencionada tentativa de organizar os livros da Bíblia a fim de oferecer ao leitor leigo uma classificação de base, ignorar as especificidades de cada livro é ignorar o seu propósito, é mutilar a compreensão e aleijar a sua interpretação. Assumir o livro de *Provérbios* tão somente como poesia é menosprezar o caráter instrutivo.

3.2.3. Os gêneros do NT.

Aparentemente a questão da classificação genérica parece encontrar coerência e unidade no que diz respeito aos livros do NT. Por um lado isso é verdade, uma vez que os gêneros aparecem bem delimitados, nomeadamente: *Evangelho*, *Cartas*, *Narrativa/História* e *Apocalipse*. Mas, por outro lado, no que se refere aos *Evangelhos*, pelo menos, a teoria parece mostrar-se abalada.

Carson, Moo e Morris (1997), em sua *Introdução ao Novo Testamento*, discutem os evangelhos como obra literária, demonstrando grande preocupação com as implicações da determinação do gênero (literário) na interpretação do texto.

“Essa é uma questão importante para o leitor dos evangelhos, porque uma interpretação exata depende, até certo ponto, da determinação precisa do gênero. (...) a caminhada de Jesus sobre as águas significará uma coisa para o leitor que interpreta os evangelhos como história real e algo bem diferente para o leitor que está convicto de que está lendo um mito ou um *midrash*.”¹³ (Carson, Moo e Morris, 1997: 53)

A preocupação em enquadrar os textos de Mateus, Marcos, Lucas e João em um gênero não é recente. Carson, Moo e Morris (1997) acrescentam ainda que desde fins do século I e início do século II a tentativa de etiquetar esses textos se verifica. A primeira classificação deve-se a Justino, que empregou a expressão *evangelho* para designar como obra literária essa coletânea de 4 livros acerca da vida de Jesus. Os autores destacam que na modernidade, alguns estudos de excluem a possibilidade de os *evangelhos* serem obras literárias e classificam-no como literatura popular (cf. Schmidt *apud* Carson, Moo e Morris, 1997:53). Fee e Stuart (1999: 123 e 124) defendem que o *evangelho* é um gênero que abriga várias formas: narrativa, parábola, metáforas, símiles. A teoria literária sugere que o *evangelho* seja uma *biografia greco-romana* (Ferreira, 2007) ou ainda que sejam decorrentes da aretologia, ou do *bios* ou ainda de um *arquétipo judaico* (ver sobre isso em Kermode, 1997 *apud* Alter e Kermode, 1997: 404)¹⁴. Sem menosprezar a importância da discussão, Carson, Moo e Morris (1997) concluem que:

“De um modo ou de outro, será importante reconhecer que não se pode simplesmente forçar os evangelhos a se enquadrarem dentro dos limites de um gênero existente. A singularidade da Pessoa de que tratam levou os evangelistas a criarem uma forma literária sem um claro paralelo.” (Carson, Moo e Morris, 1997: 55)

¹³ Nota minha. Midrash: exposição didática ou homilética (cf. Douglas, 1995, p. 1561).

¹⁴ *bios*: biografia de grandes homens em geral (Kermode, 1997 *apud* Alter e Kermode, 1997: 404).

Fee e Stuart (1999: 98) ratificam essa afirmação ao assumirem que “os quatro evangelhos formam um gênero literário sem igual”. Essas conclusões parecem-me importantes para a discussão da teoria (do texto), porque permitem questionar acerca da universalidade da afirmação de Bronckart (1999) de que todo texto recorre a um gênero que adota e adapta consoante a situação de comunicação. Acerca destes gêneros, vale questionar:

- Que gênero(s) foi(foram) adotado(s) e adaptado(s) na escrita dos evangelhos?
- Poderão os evangelhos ser considerados como gêneros? Se sim, que gêneros vêm adotando e adaptando os evangelhos a fim de manter a produtividade? Se não, quais as implicações para a teoria?
- Afinal, o que define a produtividade de um gênero?
- Qual é a relação entre atividade e produtividade em relação aos gêneros?
- Qual é a influência da atividade de linguagem na produtividade dos gêneros?

Dentre os gêneros que compõem o N.T., é nas *epístolas* que as divergências classificatórias parecem encontrar algum descanso: dos 27 livros que compõem o N.T., 21 são consensualmente classificados como *epístolas*.

No entanto, a coletânea de *epístolas* no N.T. não é homogênea. Fee e Stuart (1999) afirmam que estudos realizados estabelecem uma distinção entre as *cartas* (chamadas de *cartas verídicas*) e as *epístolas*, distinguindo umas das outras relativamente ao destinatário. As primeiras seriam endereçadas a uma pessoa ou pessoas em particular e as segundas seriam uma forma literária artística, que visava a leitura pública (*op.cit.*, p. 30). Quanto à classificação de cada livro epistolar do N.T., há divergências em quais seriam *cartas* e quais seriam *epístolas*.

A propósito do livro de Atos, de acordo com a Tabela 1 (p.9), este é classificado como *histórico*, concordando com Fee e Stuart (1999), que preferem o uso da expressão *narrativa*. Carson, Moo e Morris (1997) também incluem *Atos* na categoria de *história antiga*, mas não apresentam a questão de um modo tão consensual, ao traçar o percurso dos estudos feitos em relação a esse livro:

“A mais antiga identificação do gênero de Atos talvez se reflita nos autores do século II que começaram a chamar Atos o segundo volume de Lucas.(...) A maioria dos estudiosos concorda que Atos deve ser colocado na categoria de ‘história’. Recentemente essa identificação foi contestada por alguns que acham que são demasiadamente grandes as diferenças entre Atos e outras obras antigas de história, de modo

que recusam-se a admitir que sejam classificadas na mesma categoria. C.H. Talbert rotulou Atos de ‘narrativa de sucessão’, ao passo que Richard Pervo propõe que Atos seja lido como um romance histórico. (...) Outros, observando essas mesmas diferenças, sustentam que Atos é uma obra ímpar e não pode ser enquadrado em qualquer gênero conhecido. Entretanto, embora não se deva minimizar os aspectos singulares de Atos (e.g., sua perspectiva teológica e sua relação com o evangelho de Lucas), duvidamos que sejam suficientes para tirar Atos da categoria de história antiga.” (Carson, Moo e Morris, 1997: 220, 221, grifos meus)

Para encerrar a discussão, passo a tratar do livro de *Apocalipse*. A classificação da Tabela 1 classifica-o como *carta*, pelo fato de ter sido escrito por João dirigido às sete igrejas da província romana da Ásia (atualmente, a Turquia). A literatura especializada (Carson, Moo e Morris, 1997; Fee e Stuart, 1999) admite dificuldade em classificá-lo, oscilando entre os gêneros *apocalipse*, *profecia* e *carta*. Carson, Moo e Morris (1997) defendem que, devido à heterogeneidade do livro, o mais adequado seria assumi-lo como *carta*. Sugerem ainda:

“A menor (*sic*) maneira de encararmos Apocalipse é talvez vendo o livro como uma profecia cunhada no molde apocalíptico e escrita na forma de carta.” (Carson, Moo e Morris, 1997: 534)

A partir do que foi apresentado, constata-se que a classificação dos textos bíblicos tem lançado mão de uma miscelânea de critérios e que a abordagem desses textos, ao longo do tempo, tem sido feita a partir da tradição literária. Diante disso, concordo, em parte, com Damrosch, quando afirma:

“Talvez o maior problema que se coloca aos estudiosos da Bíblia como literatura é o fato de que muito dela não é literatura de modo algum. Em meio às muitas e manifestas glórias da narrativa histórica, profecia e lírica bíblicas, devemos também reconhecer freqüentes erupções de material intratável, não literário e até mesmo antiliterário.” (Damrosch, 1997 *apud* Alter e Kermod, 1997: 79).

A meu ver, essa designação de *literários* é usada tão somente pela tradição. Afinal, a escola só trabalha com textos literários, a análise de textos é análise de textos literários. Logo, se se vai estudar textos, é preciso fazê-lo a partir de sua natureza literária (mesmo quando não o são). Em resposta à expressão *intratável*, utilizada por Damrosch (1997), recorro mais uma vez à citação de Coutinho (2006) quando afirma que para proceder uma análise coerente é preciso o trabalho de “o compreender [o texto], (...) para o (poder) descrever – ou dominar”.

Sintetizando

Este trabalho está fundamentado nos princípios do ISD que concebem o homem como ser social em constante desenvolvimento, fruto da interação com o meio pelo qual é transformado e o qual transforma através do seu agir individual e social, através de textos (orais ou escritos) que materializam formas abstratas socialmente constituídas (os gêneros).

Os textos são, então, resultados de processos psicológicos fundados e organizados pela linguagem (Bronckart, 2005) no âmbito das diversas práticas sociais; correspondendo à materialização dos gêneros respectivos, constituem material à disposição para a análise.

Os textos bíblicos como objetos de análise revelam um campo de estudos a ser explorado, no que se refere à descrição de gêneros, por exemplo, mas também à discussão da própria teoria.

Meu objetivo neste trabalho não é estabelecer a descrição dos gêneros bíblicos, mas considerar as especificidades desses textos, considerando também a atividade religiosa, marcada simultaneamente pela tradição e pela inovação.

III. DESCRIÇÃO CRÍTICA DO MATERIAL

A reflexão para este trabalho teve início a partir de uma disciplina de estudos bíblicos (*Como Estudar a Bíblia*, doravante CEB, Anexo 1) realizada no âmbito do Curso de Missões à Distância (doravante, CMD), oferecido pelo *Centro Evangélico de Missões*.

Diante do material proposto pelo curso no módulo CEB, identifiquei alguns problemas que parecem muito aquém do contributo que nos pode fornecer hoje o arcabouço teórico das teorias do texto e da análise lingüística.

A exposição que segue está dividida em duas partes: a primeira consiste numa breve descrição do CMD e da disciplina CEB, para que o leitor conheça o contexto no qual (e para) o qual foi elaborado o material. Ainda na primeira parte, apresento em linhas gerais, o Prof. Andrew Buxton, professor da disciplina e o responsável pela elaboração do material que será descrito.

A segunda parte consiste na descrição propriamente dita, mas não se limita a isso. Com base nos objetivos gerais apresentados nos aspectos introdutórios e na teoria que fundamenta esta tese, explicitada no capítulo anterior, discutirei os problemas identificados no módulo CEB de diferentes maneiras: ora referindo os pontos de contato entre os conteúdos apresentados no material e a teoria apresentada, ora confrontando-os e retificando; ou ainda sugerindo a reformulação de alguns exercícios.

Meu objetivo não foi apresentar uma descrição exaustiva, mas relevar pontos de intervenção onde a lingüística (e mais especificamente a lingüística textual) poderá contribuir na reformulação deste material, através de aparato teórico que promova uma abordagem organizada e sistemática dos textos bíblicos, estabelecendo, assim, critérios fiáveis para o estudo dos textos bíblicos.

1. Contextualizando o material: o curso, a disciplina e o professor.

1.1. O Curso de Missões à Distância¹⁵

O CMD é oferecido pelo *Centro Evangélico de Missões* e consiste numa formação bíblico-teológica, missiológica e ministerial, cujo objetivo é o treinamento missionário de profissionais cristãos para atuarem, através de suas profissões, na igreja local e na comunidade onde vivem e trabalham.

¹⁵ <http://www.cem.org.br/br/course.dist.m3.php>

O Curso está dividido em 3 grandes núcleos:

- o **núcleo bíblico**, compreende três disciplinas: *Como Estudar a Bíblia*, *Introdução ao Antigo Testamento* e *Introdução ao Novo Testamento*;
- o **núcleo de missões**, composto por 7 disciplinas: *Bases Bíblicas de Missões*, *Missões para Profissionais*, *Contextualização do Evangelho*, *Espiritualidade e Missão*, *Panorama Mundial de Missão*, *Estratégias Missionárias*, *Antropologia Missionária*;
- o **núcleo opcional**, composto por 7 disciplinas: *Missões Urbanas*, *Comunicação Transcultural*, *Teologia e Prática da Evangelização*, *Conselho Missionário*, *Plantação de Igrejas*, *Escola Bíblica*, *Missões para Crianças*.

O CMD foi organizado para ser realizado em um mínimo 12 meses e um máximo de 24 meses e para funcionar por meio do sistema *moodle* on-line¹⁶. Cada uma das disciplinas é oferecida individualmente, em unidades disponibilizadas semanalmente pelo professor.

O cumprimento de cada unidade consiste na leitura do material teórico disponibilizado em ambiente virtual, na participação nos fóruns de discussão e na realização das atividades e/ou avaliações propostas pelo professor responsável pela disciplina. O aluno conta ainda com o acompanhamento de um tutor para o esclarecimento de quaisquer dúvidas, sejam elas relativas ao conteúdo ensinado, aos exercícios solicitados ou mesmo em relação ao sistema (*moodle*) em que é realizado o curso.

1.2. *Como estudar a Bíblia*: a disciplina e o professor

CEB é a primeira disciplina curricular oferecida pelo CMD¹⁷. O seu objetivo é oferecer aparato teórico simplificado para que o aluno desenvolva autonomia na leitura, compreensão e interpretação dos textos bíblicos, a fim de capacitá-lo a elaborar estudos e aplicá-los em oficinas (de estudos bíblicos) sob a sua liderança.

O responsável por essa disciplina é o missionário inglês Andrew John Buxton. O professor Buxton viveu no Brasil por quase 30 anos, onde trabalhou no meio universitário com a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), foi professor no Seminário Bíblico Mineiro e professor e coordenador dos cursos à distância do Centro Evangélico de Missões.¹⁸

¹⁶ <http://www.ead.cem.org.br/>

¹⁷ Há, antes de CEB, uma disciplina introdutória ao sistema *moodle*, na qual o aluno aprende como utilizar o sistema: recebimento e envio de arquivos, participação em fórum, etc.

¹⁸ In. <http://www.ead.cem.org.br/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=1125>, acesso em 17/12/2009.

A disciplina está dividida em 4 unidades: 1. *A fase da observação*; 2. *A fase da interpretação*; 3. *A fase da aplicação*; 4. *O desfecho da oficina*. Essa divisão se deu pela influência do método que inspirou o material, o *método de estudo indutivo*, constituído por 3 etapas:

- a *fase de observação*: leitura atenta do texto bíblico, a fim de que o leitor se familiarize com o texto e identifique questões a serem exploradas na etapa subsequente;
- a *fase de interpretação*: análise detalhada do texto, esclarecimento das questões levantadas na etapa anterior, utilizando como suporte material bibliográfico adequado, nomeadamente comentários bíblicos, dicionários, manuais de exegese e hermenêutica bíblica, mapas geográficos, etc.
- a *fase da aplicação*: operacionalização das informações obtidas nas etapas anteriores a fim de identificar as implicações práticas do texto para o seu contexto original, para a igreja contemporânea e para o próprio leitor.

Como pode ser verificado, as três primeiras unidades da disciplina coincidem com as três etapas do *método de estudo indutivo*. A última unidade consiste em orientações para que o aluno organize uma oficina de estudos bíblicos.

A avaliação final proposta para esta disciplina consiste na elaboração de um estudo bíblico a ser apresentado numa oficina.¹⁹

O tópico a seguir é dedicado à descrição crítica do manual didático utilizado na disciplina CEB (Anexo 1). O referido material, elaborado pelo Prof. Buxton, tem o mesmo nome da disciplina e adota exatamente a mesma divisão em 4 unidades: 1. *A fase da observação*, 2. *A fase da interpretação*, 3. *A fase da aplicação* e 4. *O desfecho da oficina*. Optei, para a minha apresentação, pelo uso da mesma subdivisão e dos mesmo títulos apresentados no manual.

2. Como estudar a Bíblia

2.1. Unidade 1: A fase de observação

A unidade 1 da disciplina CEB é intitulada *A fase de observação* e visa orientar a leitura do aluno na compreensão da mensagem bíblica utilizando somente o texto lido. Para isso, propõe um exercício em 5 etapas (Figura 1), baseado na leitura de Lc. 4:16-30. Este excerto do Evangelho de Lucas será o texto de base para o desenvolvimento da proposta em

¹⁹ A avaliação será explicada mais detalhadamente na secção 2.3 deste capítulo.

todo o manual, a fim de exemplificar a aplicação do método e orientar o aluno na elaboração do seu próprio estudo bíblico indutivo.²⁰

Observação
Leia o trecho várias vezes, em mais de uma tradução. (Nesta fase, até formular sua pergunta-chave, utilize somente sua Bíblia).
O.1 - Qual o Tipo de Literatura ?
As categorias mais importantes são: narrativa, lei, poesia, apocalíptica, cartas.

O.2 - Destrinche a Passagem, através de uma das duas alternativas seguintes.

A. "Perguntas do Jornalista"
O quê? Quem? Quando? Onde?

B. "Análise Sintática"

Com qualquer delas será útil se cada participante receber uma cópia do texto bíblico em estudo, digitada sem títulos ou parágrafos, numeração de versículos etc.

O.3 - Tem palavras ou frases repetidas que ajudam a entender o sentido da passagem?

O.4 - Escreva o "Tema Central (1)" que você descobriu em decorrência das suas observações. O que diz o autor?

Descubra as subdivisões do trecho. (Frequentemente parágrafos). Dê um título a cada uma, anotando os versículos que a compõem.

O.5 - Pense no "Tópico de Interesse Geral".
Para fazer um estudo mais interessante, pergunte: a que "tópico quente" esta passagem se relaciona ?

Figura 1: p. 8 e 9, Anexo 2.

A primeira etapa (O.1) da *fase de observação* consiste em classificar o texto lido, de acordo com as categorias sugeridas por Buxton. A segunda etapa (O.2) disponibiliza duas alternativas - *as perguntas do jornalista* e a *análise sintática* - para que o leitor identifique o facto narrado, as personagens principais, o tempo e o local onde se passa a acção. No terceiro momento (O.3) o autor propõe a identificação das *palavras repetidas* do texto. A quarta etapa (O.4) visa à identificação do *tema central* do texto e a subdivisão do excerto em tópicos. A etapa final da observação (O.5) requer a identificação do *tópico de interesse geral*.

O.1 - *Qual é o tipo de literatura?*

De acordo com Buxton, o primeiro passo para a compreensão do texto lido é identificar a categoria a que pertence. Para o autor, há na Bíblia “vários tipos de literaturas cujas categorias mais importantes são a *narrativa*, a *poesia*, a *lei*, as *cartas* e a *apocalíptica*” (p. 9, Anexo 1).

²⁰ Os títulos de cada etapa da *fase de observação* na Figura 1 não correspondem aos títulos enumerados no índice do manual CEB, nem aos títulos utilizados no corpo do manual os quais adotei para esta descrição. A Figura 1 é um excerto do anexo fornecido pelo próprio autor (p. 8-11, Anexo 2) cujo objetivo é esquematizar o método proposto. A decisão de incluir a Figura 1 deu-se por dois motivos: primeiramente, porque, apesar das divergências em relação aos títulos, a imagem permite a visualização completa da *fase de observação*; em segundo lugar, para apontar a desorganização do material que está a ser descrito.

O exercício proposto consiste, em primeiro lugar, na leitura do excerto de Lc. 4:16-30 para, em seguida, proceder à sua classificação dentre as categorias apresentadas pelo autor.

Acerca desta primeira etapa, aponto quatro considerações. A primeira diz respeito ao objetivo da classificação proposta. Em momento algum do seu manual, Buxton esclarece em que a classificação do texto bíblico auxiliará a compreensão leitora do aluno. Classificar um texto tão somente por classificar não contribui em nada para a sua compreensão, contudo tal lacuna não é preenchida no decorrer do manual.

Todorov ([1978]1981: 52) defende que os gêneros “funcionam como ‘horizonte de espera’ para os leitores”. A maior parte dos leitores, diante de um texto, aplica empírica e inconscientemente estratégias de leitura diferentes para gêneros diferentes. Se o objetivo deste material é fundamentar teoricamente o aluno para que desenvolva o estudo autônomo dos textos bíblicos, faz-se necessário despertá-lo para questões relativas às propriedades sócio-comunicativas desses textos, para assim aperfeiçoar a sua leitura, através da ação intencional consciente adequada às diferentes categorias apresentadas.

A segunda questão se refere ao fato de a categorização sugerida apresentar estatutos diferentes: ora são classificadas por critérios genéricos (*cartas*, *apocalíptico*), ora por critérios enunciativo-discursivos (*narrativa*, *poesia*), outras vezes são convocados critérios de contexto e de conteúdo (*leis*).

Em terceiro lugar, destaco a falta de esclarecimento sobre o que deverá ser classificado: o excerto lido ou o livro do qual foi retirado o excerto? Apesar de as categorias propostas - *narrativa*, *poesia*, *lei*, *cartas* e *apocalíptica* - parecerem dar conta da classificação dos livros da Bíblia, no exercício-modelo (referente ao excerto de Lc.4:16-30) a classificação é aplicada ao excerto proposto. A pergunta que faço aqui é se é possível classificar o excerto de uma *carta*, por exemplo, como *carta*. Ou, no caso do exercício apresentado no manual, será relevante tão somente classificar o excerto de Lucas como *narrativa* ignorando que este faz parte de um texto maior, o Evangelho? Tal perspectiva não comprometerá a compreensão do texto?

E, finalmente, destaco que, em seu manual, Buxton apenas cita as categorias e apresenta uma breve definição do que seria a *narrativa*. Num manual voltado para a formação de leitores faz-se necessário alguma fundamentação do que seria cada uma das categorias sugeridas pelo autor, seguida do respectivo exemplo, principalmente quando o próprio autor estabelece como ponto de partida para o estudo a categorização dos textos. Acrescento ainda que a noção de narrativa apresentada carece de ser retificada:

“Sim, é narrativa, pois o texto narra um fato concreto.”

“Isso não quer dizer que não haverá expressões figuradas, mas sim que em geral entenderemos as afirmações o mais ao pé da letra possível.” (p.9, Anexo 1)

Esta definição é tautológica e errônea. A *narrativa* - em reforço ao que já foi apresentado na secção 3.2.1 do enquadramento teórico - “consiste en un discours intégrant une succession d’événements d’intérêt humain dans l’unité d’une même action.” (Bremond, 1966:62 *apud* Adam, 1992:46), é uma macroestrutura sustentada por um processo de intriga (gerador de encadeamentos de ações numa relação de causa/consequência) e que se sobrepõe à ordem cronológica e forma uma história completa com início, meio e fim (Ricoeur, 1986:13 *apud* Adam, 1992:49).

Na citação acima, o autor estabelece uma estreita relação entre a *narração* e o entendimento do texto em seu sentido literal, vale contra-argumentar que, como é do conhecimento comum, os gêneros narrativos também (e muito frequentemente) estão a serviço da ficção. Não é o fato de ser um texto predominantemente *narrativo* que demandará uma leitura mais literal, mas sim o propósito a que este se presta e os recursos por ele foram mobilizados.

O.2. - As perguntas do jornalista e a análise sintática

Na segunda etapa o leitor deve identificar algumas informações específicas do texto lido, nomeadamente, o fato relatado pelo texto, as personagens mencionadas, o tempo e o espaço em que se passa a ação. Para isso, Buxton sugere que o leitor aplique ao excerto lido as *perguntas do jornalista* (o quê?, quem?, onde?, quando?).

O autor sugere como alternativa às *perguntas do jornalista* a *análise sintática* (cf. Figura 2), que seria dispor o texto em frases espaçadas a fim de identificar as mesmas informações identificadas nas *perguntas do jornalista*.

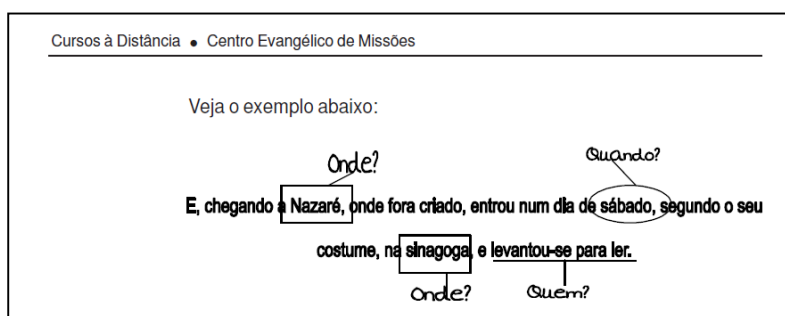



Figura 2: p. 14, Anexo 1.

Como pode ser observado acima, a suposta *análise sintática*, ao contrário do que sugere a designação, não se refere à análise das relações entre os termos das frases que compõem o texto em questão, nem constitui um outro método, é apenas uma estratégia para facilitar a identificação/visualização das respostas às *perguntas do jornalista*.

Outra questão a ser relevada em relação a esta etapa diz respeito à aplicabilidade das *perguntas do jornalista* aos textos bíblicos. Como o próprio autor assume, as perguntas são “do jornalista”, ou seja, aplicáveis aos textos jornalísticos, ou mais especificamente ao lide da notícia. Seriam elas aplicáveis aos textos bíblicos? Até que ponto, ou melhor dizendo, em quais gêneros bíblicos essas perguntas podem ser aplicadas a fim de se obter um resultado eficaz? É perceptível a eficácia de sua aplicação no excerto de Lc. 4:16-30, mas teriam a mesma eficácia quando aplicada aos *Salmos*, por exemplo? Textos jornalísticos e textos bíblicos podem ser tratados da mesma maneira? Aliás, os próprios textos bíblicos podem ser todos tratados da mesma maneira, ignorando-se as suas especificidades?

O.3. – Identificação de palavras repetidas

A terceira etapa da *fase de observação* indica uma tentativa de análise da dimensão léxico-gramatical do texto a fim de mobilizar recursos para a sua compreensão. O autor propõe que o aluno identifique as palavras repetidas e associe a cada uma delas o realce intencionado pelo autor (Figura 3).



Palavra repetida	Ênfase indicada
sinagoga (v.16,20, 28)	É o local onde Jesus vai de costume e inicia o ensino sobre sua missão. É também a cena da primeira rejeição consciente dele.
profeta (v.17,24,27)	Jesus já foi anunciado pelo profeta Isaías e ele mesmo se considera um membro da linha profética, sendo assim rejeitado pelo próprio povo.
Israel (v.25,27)	Deus frequentemente age de forma especial, fora dos limites de Israel.
muitos (v.25,27)nenhum (v.26,27)senão (v.26,27)	Jesus destaca que havia muita oportunidade para Deus atuar dentro dos limites de Israel, mas escolheu abençoar pessoas gentias através dos seus profetas
então (v.17,21)	É uma conjunção, separando as diversas fases da sequência dos acontecimentos.

Figura 3: p. 14, Anexo 1.

A leitura da tabela acima revela o uso de diferentes estatutos nos comentários da *ênfase indicada*, por exemplo: o comentário acerca de *Israel* já é resultado de reflexão e interpretação (cf. *fase de interpretação*) e não tão somente fruto exclusivo da observação do

texto; o comentário referente à *sinagoga* convocou o que o autor intitula de *contexto literário* [cotexto] e a pesquisa bibliográfica (ambos previstos para a *fase de interpretação*) para conduzir à dedução apresentada; o comentário referente ao advérbio de tempo *então*, orienta para o aspecto léxico-gramatical, mas não explicita o realce decorrente do seu uso, neste caso, introduz o desencadeador da intriga. Destaco ainda a necessidade de retificar a informação dada acerca de *então*, classificado na tabela como uma “conjunção que separa diversas fases da sequência dos acontecimentos”. Apesar de o autor reconhecer o caráter coesivo deste vocábulo, classificou-o erroneamente como conjunção, quando no contexto desempenha a função de advérbio de tempo.

Outra questão a ser considerada diz respeito ao próprio critério de seleção das palavras. O uso da repetição como único critério orientador poderá redundar num exercício de mera identificação de repetições, desnecessárias à compreensão/interpretação do excerto, além de gerar muitas divergências diante do uso de diferentes edições da Bíblia. Como parece ter sido o caso nesta proposta de exercício.

Ao verificar a concordância entre o excerto presente no material, retirado da Bíblia na Nova Linguagem Internacional-NVI (p. 8, Anexo 1 ou Anexo 3), e as respostas apresentadas na tabela (Figura 3), constatar-se-á a necessidade das seguintes retificações: o pronome indefinido *nenhum* também está presente no versículo 24; a conjunção *senão* não se repete, aparece somente no versículo 26; e o advérbio de tempo *então* também não se repete, aparece somente no versículo 20. Por outro lado, ao confrontar as respostas apresentadas na Figura 3 com a passagem de Lc. 4:16-30 da edição Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida (Anexo 3), as divergências desaparecem.

Destaco ainda a inexistência de mecanismos ou estratégias que possibilitem ao aluno estabelecer a relação entre a repetição da palavra e a ênfase intencionada pelo autor. Como demonstrei acima, os comentários sugeridos como resposta ao exercício vão além daquilo que é proposto, abarcando as etapas subseqüentes do método.

Se o objectivo da *fase de observação* é promover a aproximação entre o texto e o leitor a fim de que este possa extrair o máximo de informações da leitura feita, mais produtivo seria motivar o aluno a explorar aquilo que está na superfície textual, i.e. identificar informações no próprio texto e que podem ser alvo de análise pormenorizada na *fase de interpretação*.

Sem entrar em pormenores apresento uma reformulação da tabela apresentada na Figura 3 obedecendo aos critérios sugeridos por Buxton, mas considerando a *ênfase indicada* como a síntese da informação (Tabela 2).²¹

Palavra repetida	Revendo o texto: o que diz o texto sobre....	Ênfase indicada
Sinagoga (v. 16, 20, 28)	16 Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga , como era seu costume 20 Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; 28 Todos os que estavam na sinagoga ficaram furiosos quando ouviram isso	Jesus costumava ir à sinagoga aos sábados (cf. v. 16) e lá foi rejeitado (cf. v.28).
Profeta (v. 17, 24, 27)	17 Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito (...) 24 Continuou ele: “Digo-lhes a verdade: Nenhum profeta é aceito em sua terra. (...) 27 Também havia muitos leprososf (<i>sic</i>) em Israel no tempo de Eliseu, o profeta ; todavia, nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio”.	A passagem lida por Jesus está em Isaías [intertextualidade] (cf. v. 17) Nenhum profeta é aceito em sua terra (cf. v.27) Isaías e Eliseu foram profetas (cf. v. 17 e 27)
Israel (v. 25, 27)	25 Asseguro-lhes que havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e houve uma grande fome em toda a terra. 27 Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio”.	Israel passou por grande fome no tempo de Elias. (cf. v. 25) Eliseu foi um profeta (cf. v. 27) Eliseu era profeta de Israel, mas curou apenas um estrangeiro (v. 27)
Muitos(as) (v. 25,27)	25 Asseguro-lhes que havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e houve uma grande fome em toda a terra. 27 Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio”.	Muitos(as) e nenhuma(a) fazem referência aos leprosos e viúvas de Israel (povo de Israel), i.e. eram necessariamente alvo da ação benfeitora de Deus; mas os profetas Elias e Eliseu foram justamente enviados àqueles que não pertenciam a Israel. (v. 25-27)
Nenhum(a) (v. 26, 27)	26 Contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, senão a uma viúva de Sarepta, na região de Sidom. 27 Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio”.	
Todos (v.20, 22, 28)	20 Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; 22 Todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios. Mas perguntavam: “Não é este o filho de José?” 28 Todos os que estavam na sinagoga ficaram furiosos quando ouviram isso.	Todos faz referência às pessoas que estava na sinagoga, i.e. o povo de Israel; Apesar de ficarem admirados com as palavras de Jesus, rejeitaram-no.
Senão então ²²	- -	- -

Tabela 2

²¹ Para o leitor proficiente, esta etapa poderá parecer óbvia, mas para leitores principiantes – como serão, a princípio, os alunos do Curso –, desprovidos de aparato lingüístico para a análise de texto, faz-se necessário esse procedimento de condução à leitura do excerto.

²² Se o critério for a repetição, o advérbio *então* e a conjunção *senão*, deverão ser excluídos da tabela, pois aparecem somente e respectivamente nos versículos 20 e 26.

Nesta etapa, mais importante do que identificar a repetição de palavras ou expressões é tentar estabelecer as relações entre elas, ou as implicações da referência espacial, por exemplo, pois no excerto em estudo, seria mais produtivo para a compreensão e interpretação do excerto conduzir à reflexão sobre as implicações dos comentários do autor nos versículos 16, 21, 24 e 28:

16 Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler.

21 e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”.

24 Continuou ele: “Digo-lhes a verdade: Nenhum profeta é aceito em sua terra.”

28 Todos os que estavam na sinagoga ficaram furiosos quando ouviram isso. (Lc. 4:16, 21, 24 e 28, NVI, grifos meus)

A referência espacial (Nazaré) no v. 16 seria inocente se o autor, nos capítulos anteriores já não o tivesse feito 3 vezes (cf. Lc. 1:26; 2:4 e 51). A ênfase no fato de Jesus ser de Nazaré é a linha orientadora da compreensão. A Escritura lida era uma das profecias acerca do Messias. Ao corroborar o cumprimento da profecia, Jesus assume-se como o Messias esperado pelos judeus. Diante de um povo incrédulo (Porque o viram crescer? Porque conheciam seus pais?) é rejeitado em sua própria terra, como muitos outros profetas o foram.

O.4. - *O tema central I*

A quarta etapa é composta por duas atividades. A primeira consiste em identificar o *tema central* do excerto (*Tema Central I*), em seguida o aluno deverá proceder à sua divisão em tópicos.

Para a identificação do *Tema Central I*, Buxton sugere que o aluno recorra às informações conseguidas nas etapas anteriores e redija uma frase-resumo de aproximadamente 10 palavras. Além da frase-resumo, o autor sugere mais duas alternativas: a primeira é a utilização da mesma resposta dada à *pergunta do jornalista* “o quê?”; a segunda é a transcrição do título (do excerto) que aparece em algumas edições da Bíblia. Para o caso desta segunda hipótese, pergunto em quê as etapas anteriores contribuíram para que o aluno percebesse e elaborasse o *Tema Central I* do excerto? Se lançar mão do título presente na versão bíblica é suficiente, para quê desenvolver um percurso de observação?

A segunda atividade desta etapa requer a divisão do excerto em tópicos. A proposta de exercício é delimitar os versículos de cada tópico e elaborar seus respectivos subtítulos, a partir das seguintes instruções:

“Você deve ter observado que há vários temas ou subtópicos na passagem. Muitas vezes são destacados pelos parágrafos, ou pelas etapas de um diálogo, ou frases de uma narrativa. Tente discerni-los, listando-os, e depois escreva em menos de dez palavras um título para cada subtópico e os versículos em que se acha cada um deles.” (p.15, Anexo 1, grifos meus)

As instruções para a execução da tarefa não estabelecem critérios fiáveis para orientar o leitor principiante. No início do estudo, Buxton reivindica o caráter narrativo do texto, logo, uma opção de orientação para a sua segmentação seria recorrer ao que Todorov chama de *elo da narrativa*.

“... ora a narrativa (...) exige o desenvolvimento de uma acção, quer dizer, a mudança, a diferença.
Toda mudança constitui com efeito um novo elo da narrativa.”
(Todorov [1978]1981, p. 66)

A noção de que o desenvolvimento de uma ação desencadeia seqüências de ações, num processo de mudança/transformação, conduzirá o aluno a identificar os pontos de fragmentação do texto, como proponho abaixo (Figura 4).

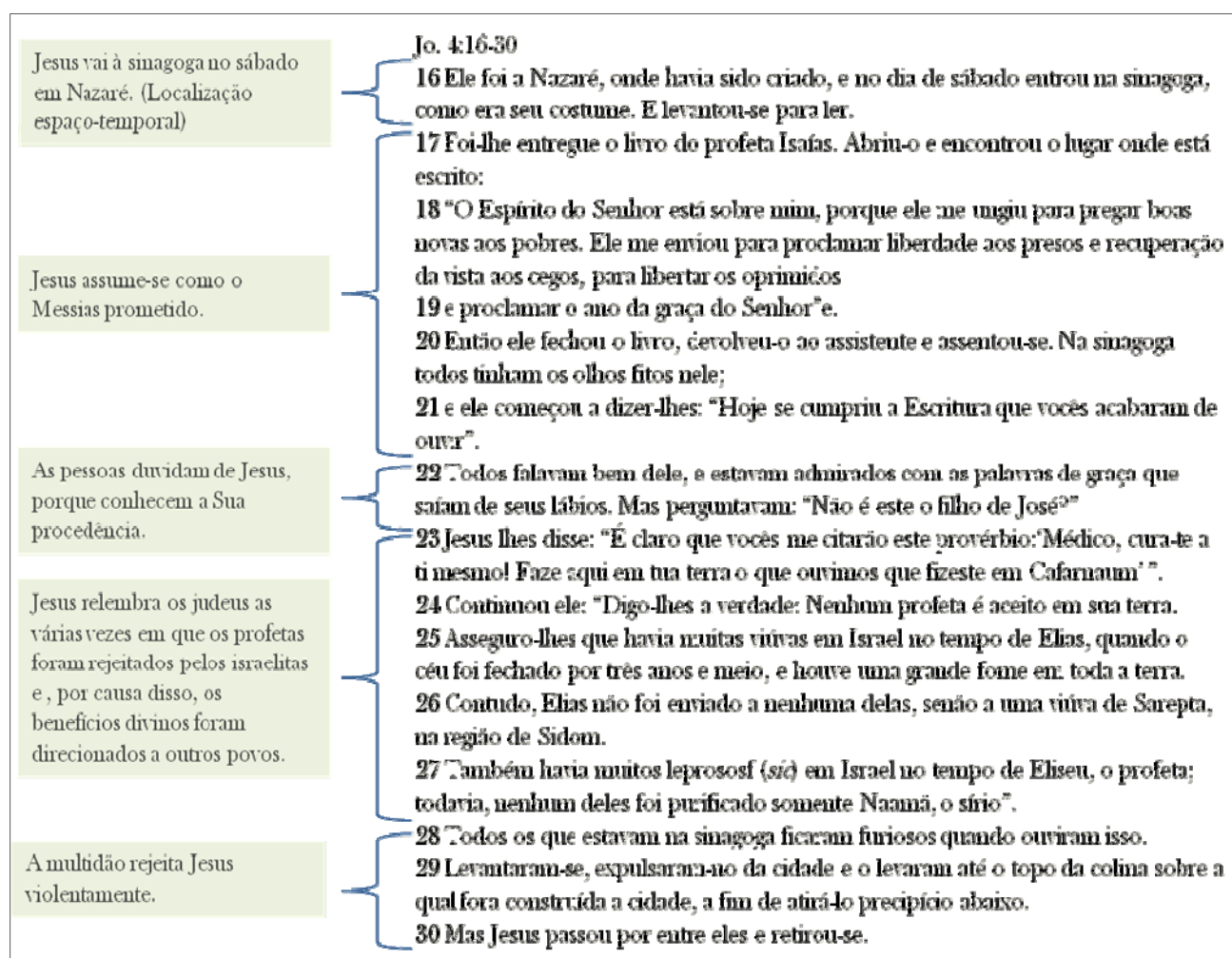


Figura 4

A segmentação do texto pode apresentar variações de leitor para leitor. Essas variações são previstas e aceitas por Buxton:

“Há bastante espaço para variações na resposta desta segunda questão. Se você escreveu muito diferente, verifique se sua resposta resume o texto inteiro.” (p.16, Anexo 1)

Van Dijk (1981) justifica a variação ao considerar que a seleção dos elementos mais importantes de um texto se dá em função dos conhecimentos e interesses de cada leitor, mas adverte que isso não pode comprometer a interpretação ao nível global.

Com base nisso observo que apesar da proposta de Buxton apresentar pontos de contato com a noção de macroestruturas (Van Dijk, 1981), o professor segue uma trajetória contrária àquela traçada por Van Dijk, i.e. exige que o aluno proceda a síntese do texto para em seguida fragmentá-lo.

A sugestão de subdivisão do texto é um recurso viável e produtivo, mas acredito que o percurso inverso seja mais eficaz: identificar porções textuais que encerrem temas/assuntos (lançando mão da própria noção de narrativa, por exemplo) a fim de elaborar macroproposições para cada segmento, a partir daí a síntese global do texto mostrar-se-á mais evidente.

O.5. - *O tópico de interesse geral*

Nesta última etapa da *fase de observação*, o autor sugere a elaboração de uma questão que estimule a participação do público da *oficina de estudo bíblico* e evite divagações acerca do significado da passagem de Lc. 4:16-30.

“Além de aumentar seu interesse, isso [formular o *tópico de interesse geral*] poderá ajudá-los a concentrar-se mais no tema central da passagem e não se perderem nos detalhes. A que **‘ponto alto’** esta passagem se relaciona?” (p. 16, Anexo 1)

Em primeiro lugar relevo a necessidade de, antes de propor o exercício, o autor esclarecer o aluno o que está a ser considerado *tópico de interesse geral*. As instruções dadas para a formulação do *tópico de interesse geral* são as seguintes:

“Escreva uma frase: Com que problema de interesse de cristãos, não cristãos, ou dos dois você relacionaria esta passagem?” (p. 16, Anexo 1)

A orientação acima despreza todo o percurso desenvolvido (i.e. O.1, O.2, O.3 e O.4) nas etapas anteriores. Além disso, apesar de tentar o autor ter tentado definir um foco de aplicação (um público-alvo) para a reflexão, fê-lo de maneira imprecisa e genérica.

A confluência das informações adquiridas nas etapas anteriores deveria constituir indicador de base para a elaboração de uma “conclusão” parcial acerca do excerto lido que conduzirá a investigação na *fase de interpretação*.

Buxton sugere como resposta a esse exercício, a seguinte proposição:

“Às vezes a pessoa que quer servir a Cristo acha-se rejeitada pelos parentes, e até pelos membros da sua igreja.” (p. 16, Anexo 1)

A meu ver, essa proposição está mais ligada à conclusão da *fase de aplicação* do que à proposta de um horizonte de investigação para a *fase de interpretação*, pois já estabelece a relação entre o texto e suas implicações práticas para a igreja e, mais especificamente, para o próprio leitor contemporâneo.

Neste momento do estudo, seria importante criar um mecanismo que compilasse os dados levantados na *fase de observação* e apontasse focos de análise para a *fase de interpretação*.

2.2. Unidade 2: A fase de interpretação

Buxton dividiu a *fase de interpretação* em 5 etapas (Figura 5, p.34) e seu objetivo é fazer o aluno mobilizar recursos para “descobrir o que quer dizer o autor” (p. 19, Anexo 1).

A primeira etapa (I.1) sugere a formulação de uma pergunta-chave que irá orientar a interpretação; em seguida (I.2) o aluno deverá reunir as informações conseguidas na *fase de observação* às informações decorrentes da pesquisa bibliográfica; o terceiro momento (I.3) sugere a identificação das citações presentes no excerto, o esclarecimento de dúvidas de vocabulário e/ou significado específicos expressões diante do contexto cultural e a identificação e esclarecimento das expressões figurativas. A quarta etapa (I.4) consiste na análise do excerto à luz contexto literário [cotexto] e do contexto sócio-cultural e religioso. E, finalmente, na quinta etapa (I.5) o aluno deverá proceder à revisão do exercício do *Tema Central 1*, elaborado na etapa O.4, à luz das informações adquiridas na fase de interpretação para realizar as reformulações (se) necessárias²³.

²³ Os títulos de cada etapa da *fase de interpretação* na Figura 5 não correspondem aos títulos enumerados no índice do manual CEB, nem aos títulos utilizados no corpo do manual os quais adotei para esta descrição. A Figura 5 abaixo é um excerto do anexo fornecido pelo próprio autor (p. 8-11, Anexo 2) cujo objetivo é esquematizar o método por proposto. (Ver também nota 20).

Interpretação

Nesta seção tentaremos descobrir a idéia especial que o autor quer comunicar. O enfoque do momento não é tanto “O que o autor diz”, é mais, “O que ele quer dizer.” Por ora continue usando somente sua Bíblia.

I.1 - Formule sua “pergunta-chave de interpretação”:

Qual o fato principal que quero entender no meu estudo da passagem?

Nota sobre a Pergunta-Chave

A - Uma pergunta que você quer fazer para a passagem.

B - Ela deixa você “grilado” (encucado, incomodado); é uma parte do seu pensar diário.

C - Como é que esse problema revela uma resposta dentro da passagem?

D - Você consegue melhorar sua pergunta?

I.2 - Detalhes que você descobriu através de um comentário ou outras leituras

Coloque aqui somente aqueles que pertencem à parte de **observação**.

Daqui para frente utilizaremos um comentário e outros livros disponíveis para todas as respostas.

I.3 - Palavras e Frases com Significados Especiais

Explique brevemente as expressões que precisam ser destrinchadas, porque são:

A - difíceis de entender, inclusive do ponto de vista da língua portuguesa.

B - figurativas, e podem ser importantes na explanação do texto.

C - citações de outras passagens bíblicas (na Edição Atualizada são denotadas por um recuo no texto no início de cada linha.)

Como elas explicam o que o autor **quer dizer** ?

I.4 - Estude o Contexto.

Que podemos descobrir nele para esclarecer o significado do trecho?

Examine os seguintes aspectos:

Literário - O que você descobre na Bíblia.

Histórico/Geográfico/Cultural - O ambiente mais largo.

Religioso

Estas perguntas devem permiti-lo modificar o **Tema Central (I)**, para destacar o significado do trecho.

I.5 - Assim você poderá escrever o Tema Central (2).

“Que quer dizer o Autor?” Qual a idéia que ele quer comunicar?

Escreva as subdivisões do texto, dando-lhes títulos que destacam o significado de cada uma.

Como o autor a usa para comunicar sua idéia especial?

Figura 5: Anexo 2, p.8 e 9

I.1. – Pergunta-chave

A etapa de interpretação tem início com a proposta de elaboração de uma pergunta, cujo objetivo é nortear esta fase do estudo bíblico. Esta pergunta deve considerar tanto o contexto espaço-temporal de produção do texto, como o contexto do leitor contemporâneo (p.20, Anexo 1). As sugestões dadas pelo autor para a elaboração da pergunta-chave são as seguintes:

“Qual o fato principal que quero entender na interpretação da passagem?” (p.20, Anexo 1)

A pergunta acima não funciona como ponto de partida para a reflexão, simplesmente porque focaliza no resultado final do processo: a interpretação do texto. Se o aluno soubesse o

que é preciso entender na interpretação da passagem, desnecessário seria dar continuidade ao estudo, por não recorrer às observações feitas na etapa anterior.

I.2. – Detalhes que você descobriu através de um comentário ou outras leituras

Nesta etapa é sugerido ao aluno recorrer aos anexos fornecidos (Anexo 2) e a material bibliográfico complementar a fim de enriquecer e completar as informações conseguidas através das *perguntas do jornalista* na *fase da observação*.

Considero como positiva a conexão e continuidade que o autor estabelece entre as *fases de observação* e de *interpretação* nesta altura do estudo. Se o método propõe, numa primeira etapa o levantamento de dados utilizando apenas o texto bíblico, faz todo o sentido tentar complementá-los ou esclarecê-los nesta etapa subsequente que prevê a pesquisa bibliográfica. Contudo, o quadro elaborado em O.3. não dá conta das necessidades do texto analisado (Lc. 4:16-30), por isso o autor acrescenta algumas expressões e orienta para a consulta ao material anexo (p. 1-4, Anexo 2) onde as palavras estão listadas, i.e. não exige esforço de reflexão do aluno para selecionar aquelas mais relevantes para a interpretação.

Ainda nesta etapa, Buxton acrescenta esclarecimentos acerca da citação presente no excerto, bem como do provérbio proferido por Jesus e sobre o significado religioso da *unção*. Este acréscimo aparentemente antecipa(?), prepara (?) levanta hipóteses (?) de trabalho para a etapa posterior (I.3). A meu ver, isso prejudica o desenvolvimento da sensibilidade do leitor a essas questões. Afinal reconhecer a intertextualidade (citação e provérbio) e a necessidade de esclarecimento do significado de uma expressão para o excerto deveria fazer parte do trabalho desenvolvido na *fase de observação*, mas não foi. Se na fase inicial não houve orientação nesse sentido e tais aspectos são importantes à compreensão do texto, não há outra hipótese a não ser dar a informação necessária para a continuidade da atividade, assim como fez Buxton. Essa postura, no entanto, inibe o trabalho reflexivo e subestima a capacidade do aluno.

I.3. – Palavras e Frases com Significados Especiais

Nesta etapa também há continuidade e conexão em relação ao processo iniciado na *fase de observação*, quando é sugerido ao aluno recorrer aos anexos do material (Anexo 2) a fim de esclarecer o significado de cada palavra identificada na etapa O.3. (Palavras repetidas).

O autor destaca três tipos de expressões que podem carecer de esclarecimento:

“A - difíceis **de entender**, inclusive do ponto de vista da língua portuguesa.

B - citações **de** outras passagens bíblicas (Geralmente destacadas por aspas ou por um recuo do texto no início de cada linha).

C - figurativas, e podem ser importantes na explanação do texto.”
(p.23, Anexo 1)

Observa-se na citação acima, em primeiro lugar, a falta de paralelismo no que refere à explicação(?), identificação(?) do que seria cada uma das hipóteses apontadas; e, em segundo lugar, questões de níveis distintos, nomeadamente os níveis lexical, (inter)textual e semântico sendo postos sob o mesmo estatuto.

I.3.a. difíceis de entender

Nesta etapa é preciso de esclarecer que as dúvidas podem surgir em dois níveis: o lexical, propriamente dito, e o cultural. Apesar de o autor considerar ambos os níveis, não acredito que ambos contribuam da mesma maneira nesta etapa.

A questão lexical é elementar e é suposto ser esclarecida durante a fase de leitura do texto, além disso será muito variada de leitor para leitor. Aqui faz-se relevante o segundo nível, i.e. as representações (sociais, culturais, religiosas) de determinada expressão para o contexto original da passagem. Na passagem de Lc. 4:16-30, por exemplo, poderá ser perfeitamente claro para o leitor o sentido de *ungir* (untar com óleo) e isso não constituir foco de atenção para o seu estudo, contudo a representação social da *unção* na sociedade e religião judaicas constitui aspecto relevante para a compreensão e a interpretação do excerto.

I.3.b. Citações de outras passagens bíblicas

Esta etapa consiste em identificar se há ou não citações de outras passagens bíblicas, mas não orienta para buscar a relação entre o texto lido e o texto convocado e as implicações para a interpretação do excerto.

Não me deterei em pormenorizar esta etapa, nem em sugerir propostas de abordagem, porque um dos alvos de minha atenção na secção 2.3.2 (p. 49) do capítulo seguinte dedicado à descrição da proposta didática.

I.3.c. Figurativas

Aqui o autor destaca a importância em identificar quando uma palavra ou uma expressão são usadas no sentido figurativo e afirma que isso pode ser relevante para a interpretação do texto, mas não explica em que interpretar tais expressões em seu sentido literal comprometerão/limitarão a compreensão do excerto.

Faz-se necessário ainda distinguir o uso dessas expressões no contexto em que aparecem. Nos textos bíblicos parecem funcionar de duas maneiras: de um lado funcionam como estratégia de realce (estilo do autor) em livros como *Gênesis*, *Mateus*, *Actos*; de outro lado, em gêneros poéticos (e.g. *Salmos*, *Cantares*), sapienciais (e.g. *Provérbios*) ou apocalípticos (e.g. os profetas, *Apocalipse*) fazem parte da estrutura composicional do próprio texto. Após o breve comentário sobre os três tipos de “palavras ou frases difíceis de entender”, Buxton sugere exercícios de aplicação.

I.4 – O Contexto

Para Buxton, o “contexto é aquilo que cerca o texto ou os seus acontecimentos” (p. 25, Anexo I). O objetivo desta etapa é estudar o contexto no qual foi escrita a passagem a fim de obter informações que possam esclarecer o seu significado e orientar a sua interpretação. O autor distingue três tipos de contexto: o contexto literário; o contexto histórico/geográfico/cultural; e o contexto religioso.

I.4.a. O contexto literário

O *contexto literário*, para Buxton, diz respeito ao texto propriamente dito [cf. cotexto]. O autor apresenta três tipos de contexto literário que devem ser considerados:

- *Contexto imediato*: são as porções de texto imediatamente anteriores e imediatamente posteriores ao excerto que está a ser estudado.
- *Contexto bíblico intermediário*: é o livro do qual foi extraído o excerto.
- *Contexto bíblico remoto*: pode ser constituído pelas passagens paralelas (i.e. narram o mesmo fato) ou as passagens escritas pelo mesmo autor, podendo até abarcar a relação entre a passagem que está a ser estudada com a Bíblia como um todo.

Após a explicação de cada um dos tipos de contexto literário, Buxton propõe perguntas que orientarão a análise nos exercícios de aplicação (p. 25 e 26, Anexo 1).

I.4.b. O contexto histórico/geográfico/cultural

O *contexto histórico/geográfico/cultural*, segundo Buxton, consiste no exame dos fatos históricos contemporâneos ao excerto, bem como da verificação das condições geográficas do local em que se deu o fato narrado a fim de identificar se elas influenciaram na construção do texto (e.g. uso comparações, metáforas, ilustrações, exemplos, etc). Já no que

se refere ao *contexto cultural*, faz-se necessário o exame da cultura da época que relevam o valor das afirmações feitas no texto.

Ao final deste tópico, o autor adverte que o aluno esteja sempre a relacionar as informações adquiridas com a *pergunta-chave* elaborada a fim de evitar dispersões no estudo da passagem em questão.

I.4.c. O contexto religioso

Estudar o *contexto religioso*, para Buxton, consiste em examinar as convicções e expectativas religiosas contemporâneas ao excerto estudado e relacioná-las ao fato narrado a fim de perceber a sua influência na interpretação do texto.

A distinção estabelecida por Buxton entre o contexto histórico/geográfico/cultural e o contexto religioso parece-me desnecessária. Em toda a Bíblia o foco está na relação entre Deus e um povo (no A.T. o povo hebreu, no N.T. os cristãos) logo, o aspecto religioso não somente se sobrepõe ao contexto histórico, cultural e até geográfico, mas também o determina.

Destaco ainda a importância de se distinguir o estatuto dos “contextos” apresentados acima. O *contexto literário* demanda a análise de questões relativas à própria língua, e.g. a coesão e coerência textuais, a estrutura ou plano de texto. Já os *contextos histórico/geográfico/cultural e religioso* remetem às condições de produção/interpretação do texto.

I.5 – O tema central 2

Neste momento a proposta do autor é que o *tema central 1* e a divisão do excerto em subtítulos (elaborados na *fase da observação*) sejam revistos à luz das informações conseguidas na *fase da interpretação* verificando-se a necessidade de reformular o tema central, considerando a época do texto, mas também a contemporaneidade. Em seguida, o aluno deverá esboçar o seu estudo da passagem.

Depois de rever o tema e os subtítulos, o aluno deverá organizar as informações em tabela. Também neste momento o autor admite a possibilidade de haver muita divergência nas respostas.

2.3. Unidade 3: A fase de aplicação

O objetivo desta unidade é orientar o aluno na elaboração da aplicação da passagem bíblica estudada. Não procederei a uma descrição pormenorizada por ser ela mais do âmbito da teologia do que da lingüística.

Segundo Buxton, a aplicação de uma passagem bíblica deve abarcar três níveis: o primeiro nível é a aplicação da passagem para a época em que foi escrita; o segundo nível é a aplicação da passagem para a igreja contemporânea; e o terceiro nível que é a aplicação da passagem na vida do leitor.

Em seguida o autor apresenta a proposta de avaliação, que consiste na elaboração de uma oficina de estudo bíblico. O aluno deverá escolher um dos excertos propostos pelo autor – cf. At. 8:26-40, 1Ts. 1, 1Pe.1:3-12 ou 1Pe.2:1-8 – e elaborar um estudo completo que deverá ser aplicado a um pequeno grupo de pessoas na igreja. Este estudo também deverá ser divulgado no ambiente virtual do Curso para que os demais alunos leiam e apontem críticas e/ou sugestões.

Foi ainda disponibilizado, sob a forma de anexos (Anexo 2), o material bibliográfico referente a cada passagem proposta para a realização da pesquisa necessária à *fase de interpretação*.

Antes de encerrar esta unidade, Buxton esclarece que o propósito de um grupo de estudos bíblicos “é levar os componentes do grupo a descobrirem por si o que Deus tem a revelar através de sua Palavra” (p. 42, Anexo 1), i.e. contribuir para que o aluno se torne sujeito no processo de aprendizado. Para isso, o líder do grupo deverá elaborar perguntas que incitem à discussão e à reflexão seguindo as orientações abaixo:

<p>A Boa Pergunta</p> <ul style="list-style-type: none">• É clara e breve, fácil de ser captada.• Faz com que os participantes investiguem o texto.• Revela algo importante.• Estimula a pensar e avaliar. Leva à discussão.• Leva a uma resposta apropriada (verdadeira, em relação ao texto). <p>A Pergunta Pobre</p> <ul style="list-style-type: none">• Irrelevante para seu propósito.• Complicada ou vaga demais.• Não há uma resposta definida.• Pode ser respondida pelo simples “sim” ou “não”, a não ser que haja uma outra pergunta mais reflexiva imediatamente a seguir.• Leva à especulação ou aos “tangentes”.• Os participantes não têm conhecimentos necessários para responder.
--

Figura 6: p. 42, Anexo 1.

Apesar de logo em seguida o autor apresentar exemplos de perguntas, as orientações acima (Figura 6) são ainda muito vagas para que o aprendiz elabore as suas próprias perguntas sobre um excerto. Seria interessante a mobilização parcial dos próprios recursos utilizados no método de estudo apresentado para que o participante do estudo também pudesse ser conduzido na sua interpretação e incentivado à reflexão, como por exemplo propor a reformulação das perguntas do jornalista para aplicá-las ao grupo de estudos, ou ainda sugerir a elaboração e uma tabela para que os participantes preenchessem com as palavras repetidas.

2.4. Unidade 4: Desfecho da oficina

A última unidade do módulo CEB é chamada de *Desfecho da oficina* e é constituída apenas de orientações práticas para a elaboração e o envio da avaliação, bem como orientações acerca da maneira como o grupo de estudos deverá ser formado (público alvo, número de participantes, etc.). Ao final da unidade, Buxton incentiva que o aluno faça uma auto-avaliação sobre a experiência de liderar um grupo de estudos e compartilhe as suas impressões no ambiente virtual.

Sintetizando

A descrição do material aponta para a necessidade de intervenção, principalmente, do ponto de vista teórico, tal como a seguir refiro.

Do ponto de vista teórico, a revisão da noção de gêneros textuais - como categoria abstrata, cuja materialização se dá através dos textos (objetos empíricos) segundo modelos de organização/estruturação em camadas sobrepostas (“folhado”) – é suficiente para dar conta de todos os problemas apontados. Passo a explicar:

- a análise dos parâmetros objetivos e sócio-subjetivos pode funcionar como base da fase de observação, na medida em que são elementos analisáveis em qualquer texto (de qualquer gênero) em substituição às *perguntas do jornalista*, propostas por Buxton;

- a identificação das finalidades e intenções do autor/emissor reivindica o caráter sócio-funcional dos gêneros e estabelece bases para a interpretação dos enunciados, dando sentido à categorização dos textos, na medida em que não está fixada na etiqueta (do gênero), mas na função que desempenha. Esse aspecto pode constituir uma boa solução, no que diz respeito aos textos bíblicos, uma vez que fixar a atenção na questão classificatória poderá levantar uma problemática ainda sem solução – a definição do gênero de cada livro da Bíblia.

Assim evita-se o desgaste em torno da discussão terminológica e centra-se a atenção no aspecto conceitual, a despeito das etiquetas utilizadas;

- a análise da arquitetura textual (coerência pragmática, coerência temática e plano de texto) contribui para o desenvolvimento do método (de estudo indutivo) na medida em que mobiliza os recursos que estão à disposição do leitor: o material lingüístico na superfície do texto. Explorar, por exemplo, os aspectos referentes às relações de conexão e coesão exige que se estabeleçam critérios para a reformulação e redirecionamento dos exercícios na fase que Buxton chama de *identificação de palavras repetidas*; as macroestruturas podem funcionar como instrumentos para a identificação do *tema central do texto*, por exemplo.

As perspectivas de intervenção acima apontadas constituíram a base da minha intervenção na elaboração da proposta que será descrita no capítulo seguinte.

Além dos aspectos teóricos mencionados, vale ainda acrescentar dois fatores que comprometem a eficácia do método: a falta de conexão e de continuidade entre as diversas etapas e exercícios do método e a desorganização do material (divergência entre os títulos apresentados no índice e no material, a ausência de marcadores que indiquem a relação entre tópicos e subtópicos, a ausência de referências bibliográficas, etc.).

IV. PROPOSTA DIDÁTICA

1. Aspectos preliminares

1.1. Origem da proposta didática

Esta proposta (cd-rom, Anexo 4) é fruto da reflexão desenvolvida a partir da observação do CEB à luz das teorias do texto e do ISD. O material descrito no capítulo anterior é uma tentativa ingênua de mobilizar recursos lingüísticos para o estudo dos textos bíblicos, muito mais fundamentada no senso comum e na teoria literária do que propriamente numa abordagem lingüístico-textual.

Nesse sentido surge o desafio de elaborar um material didático teoricamente consistente, mas acessível a um público alheio a uma consciência dos recursos disponíveis na língua e, muitas vezes, receoso que se lhe imponham regras e exercícios de “gramática”. Esta proposta não pretende aprofundar questões teóricas, mas transpô-las a fim de tornarem-se claras e operacionais para o estudo dos textos bíblicos.

1.2. O formato digital

O formato digital da presente proposta deve-se, principalmente a dois fatores. Em primeiro lugar, relembro que a reflexão que conduziu à elaboração e apresentação desta proposta teve início no âmbito de um curso à distância realizado em ambiente virtual, logo, um material didático digital apresenta-se como adequado. Em segundo lugar, devido à heterogeneidade do objeto de estudo, fez-se necessário um formato versátil e flexível na mobilização de recursos e, conseqüentemente, adequado à possibilidade de traçar percursos de análise diferentes diante de diferentes necessidades.

Diante da impossibilidade de trabalhar um excerto “modelo” que encerre em si as múltiplas facetas do texto bíblico, escolhi, para a apresentação desta unidade didática, como texto base Jo. 5:1-16, que será trabalhado em todas as etapas do método. Entretanto recorrerei a outros exemplos, quando necessário for, para demonstrar a aplicabilidade do material a diferentes textos e para exemplificar a possibilidade de traçar percursos diferentes no decorrer do estudo.

O formato aqui apresentado (cd-rom) é uma versão experimental, com características semi-interativas devido às restrições do programa utilizado (Power Point), que impossibilitam a participação direta, por exemplo, a hipótese de o aluno dar as suas próprias respostas para,

em seguida, confrontá-las com as respostas oferecidas pelo material. O material apresentado em cd-rom (Anexo 4) pode ser considerado como um livro digital cuja correta visualização do no ambiente digital requer a observação das instruções dadas na tela inicial da proposta.

2. Uma proposta sócio-interacionista para o estudo dos textos bíblicos

Esta proposta apresenta uma introdução, seguida de 4 etapas, conforme pode ser observado na Figura 7 abaixo. Primeiramente, na *introdução*, apresento aspectos de contextualização na medida em que explico a inspiração no *método de estudo bíblico indutivo*, reivindico a fundamentação no ISD e justifico o recurso ao formato digital.

Introdução à proposta
1. O método de estudo bíblico indutivo
2. A proposta sócio-interacionista para o estudo dos textos bíblicos
3. O formato digital, uma opção para lidar com a diversidade
I - Introdução à Bíblia e à reflexão sobre os textos bíblicos
I. 1. Breve história da Bíblia
I.2. Os livros da Bíblia
I.3. Os textos bíblicos [Gêneros textuais]
II. A Observação geral do texto [Condições de produção/interpretação do texto]
II.1. A observação do livro
II.2. A observação do excerto
II.3. Síntese da observação
III. A análise do texto [Arquitetura textual]
III.1. As vozes do texto [Mecanismos enunciativos]
III.2. As orientações interpretativas no texto [Modalizações]
III.3. As ligações do texto [Coerência temática: conexões e coesão]
III.4. A organização do texto [Plano de Texto]
III.5. Síntese da análise do texto
IV. Conclusão do estudo

Figura 7: Sumário (cd-rom, Anexo 4)

Na proposta propriamente dita, em *Introdução à Bíblia e à reflexão sobre os textos bíblicos*, apresento o panorama geral da formação da Bíblia e da classificação dos textos bíblicos e introduzo a noção de gênero textual. O segundo momento, *observação geral*, é dedicado à abordagem das condições de produção/interpretação dos textos. Na terceira etapa, intitulada *análise do texto*, procedo às orientações para a investigação da arquitetura textual (mecanismos enunciativos, modalizações, coerência pragmática, planos de texto). E, finalmente, na *conclusão do estudo*, elaboro a síntese do mesmo.

Na descrição que segue, utilizarei a mesma designação utilizada nos títulos e subtítulos da proposta em cd-rom (Anexo 4) e, entre colchetes, explicitarei a metalinguagem correspondente.

Procurei apresentar uma proposta completa, no sentido de dar conta dos elementos necessários ao estudo dos textos bíblicos: fundamentação bíblica de base, procedimentos de análise de texto e orientação para a pesquisa, material de apoio e síntese do estudo. Antes de partir para a descrição propriamente dita, fazem-se necessárias algumas observações:

- a descrição pormenorizada será referente às etapas de *Observação geral* e *Análise do texto*, por constituírem o foco central desta pesquisa;
- a etapa *Introdução à Bíblia e à reflexão sobre os textos bíblicos* faz parte desta proposta pela necessidade de abranger os elementos necessários aos estudos bíblicos, mas não procurei exaustividade, relativamente às questões teológicas e hermenêuticas, por não constituírem objeto de estudo do campo de investigação no qual está inserida esta pesquisa (Ciências da Linguagem); além disso, a discussão em torno das noções de gênero e texto foram transpostas a fim de alcançar com eficácia a necessidade do público-alvo deste material, leitores leigos;
- as sugestões bibliográficas mencionadas acima não se apresentam numa secção exclusiva, mas na referência do material de apoio;
- o material de apoio constitui material bibliográfico de base, foi extraído dos anexos da *Bíblia de Estudos Vida*, a título de exemplificação. Em ambiente virtual (internet) há possibilidade de direccionar o aluno a sites especializados, publicações on-line, etc.

2.1. Introdução à proposta

Este momento contextualiza a proposta como uma intervenção lingüístico-textual no *método de estudo bíblico indutivo*²⁴, delimita a intervenção às *fases de observação e interpretação* e justifica o formato digital apresentado (1.2. deste capítulo).

Apesar desta proposta inspirar-se no *método indutivo* e partir de um material já elaborado (CEB), não se limita a reproduzir um ou outro. É uma proposta original que mantém o princípio de desenvolver um processo que favoreça autonomia do leitor, mobilizando conteúdos lingüísticos que sustentem a análise do texto nas fases de observação e interpretação²⁵.

²⁴ O método de estudo bíblico indutivo foi referido na secção 1.2 do capítulo anterior (p. 23)

²⁵ Apresentarei detalhadamente o procedimento lingüístico utilizado nas secções 2.3 e 2.4 deste capítulo.

2.2. Introdução à Bíblia e à reflexão sobre os textos bíblicos

São dois os objetivos principais desta etapa: oferecer um panorama geral sobre a constituição e organização da Bíblia e introduzir a noção de gênero textual como categorias abstratas socialmente instituídas, materializadas através dos textos (objetos empíricos) que adotam e adaptam gêneros a partir da situação comunicativa (Bronckart, 1999).

Esta fase introdutória está dividida em três tópicos. O primeiro apresenta uma breve exposição acerca da constituição da Bíblia, nomeadamente o número de livros, a divisão entre Antigo Testamento e Novo Testamento, as datas prováveis de escrita desses livros, as línguas originais e a necessidade do reconhecimento das autoridades eclesiásticas na seleção dos livros que a constituiriam.

No segundo tópico apresento uma tabela (Tabela 1, cd-rom, Anexo 4) com a organização/classificação dos livros da Bíblia - fruto de uma compilação que fiz a partir de manuais de hermenêutica bíblica (Fee e Stuart, 1997; LaSor, Hubbard e Busch, 1999; Carson, Moo e Morris, 1997) - entretanto advirto o aluno/leitor que tal organização/classificação não é consensual, mas que diante dos objetivos da proposta e da necessidade de designar o objeto de estudo (os textos bíblicos), utilizarei a terminologia apresentada na Tabela 1 (cd-rom, Anexo 4).

No terceiro tópico, apresento de forma simplificada a noção de gênero textual como uma categoria abstrata e socialmente reconhecida, a partir da qual, os utentes da língua produzem novos textos. Também chamo a atenção do aluno/leitor para o fato de que a compreensão, interpretação e produção de um texto não dependem exclusivamente de fatores lingüísticos, mas que estão sujeitos às questões culturais, sociais e neste casos, religiosas. Ainda neste tópico, apresento a Tabela 2 (cd-rom, Anexo 4) identificando os critérios que parecem ter orientado a organização/classificação dos livros apresentada na Tabela 1 e advertindo para a importância de se considerar cada texto (empírico) como um texto singular. Explicito que na proposta que está a ser apresentada, considerarei para o desenvolvimento da análise dois aspectos principais. O primeiro diz respeito ao contexto de produção/interpretação, apresentado ao aluno como: emissor/produtor, receptor/destinatário, espaço-tempo de produção, contexto social de produção. O segundo são os aspectos referentes à arquitetura textual – transposta sob a designação de *estilo do autor* – mais especificamente a coerência pragmática (os mecanismos enunciativos e as modalizações), a coerência temática (as conexões e a coesão) e o plano de texto (macroestruturas).

Minha intenção ao mencionar a controvérsia acerca da organização/classificação dos textos bíblicos nesta unidade didática é conscientizar o aluno/leitor de que isso não torna os textos bíblicos intratáveis ou que é preciso ignorar a problemática para proceder à análise. Pelo contrário, é o fato de reconhecer a problemática que compele à busca de estratégias que dêem conta dessa complexidade. A noção de gênero se sobrepõe à questão terminológica, permitindo a análise dos parâmetros que influenciam na construção textual e dos mecanismos mobilizados nesse processo.

2.3. Observação geral do texto [Condições de produção/interpretação dos textos]

Esta primeira parte tem como objetivo relevar as condições de produção/interpretação do texto. Para tal, está dividida em três etapas - a observação do livro, a observação do excerto e a síntese da observação geral – que constituem a transposição da proposta de Bronckart (2005: 64).

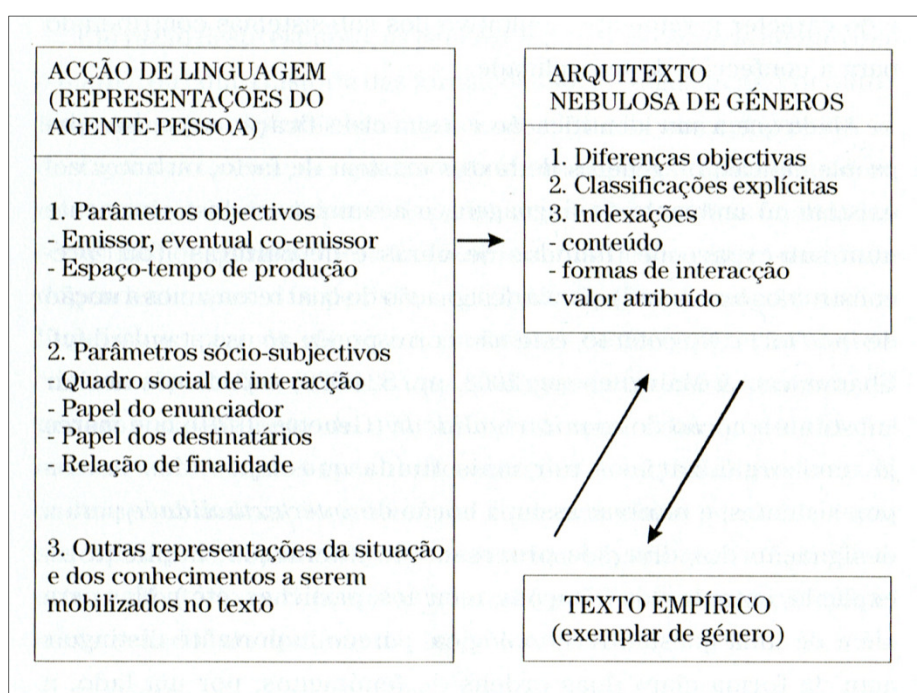


Figura 8: reproduzido de Bronckart (2005:64)

A proposta de Bronckart acima apresentada (Figura 8) incide sobre a produção textual, contudo, no âmbito desta pesquisa utilizo como ferramenta de compreensão e interpretação de texto. Se os elementos identificados por Bronckart (2005:64) são importantes para a produção

textual, admito que possam também ser considerados no processo de compreensão e interpretação.

2.3.1. Observação do livro

A primeira etapa da observação geral requer que o aluno/leitor analise o excerto (de Jo. 5:1-18) a fim de identificar o contexto de produção/interpretação do livro do qual foi retirado (neste caso, o Evangelho de João). Para isso, transpus a proposta de Bronckart (2005, 64) para a tabela apresentada na Figura 9.



II.1. Observação do Livro		II. A observação geral Exercícios
Proceda à leitura atenta de Jo. 5:1-18. Em seguida, a partir do excerto , tente responder às questões abaixo.		Jo5:1-18 1 ¶ Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém. 2 Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões. 3 Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos 4 [esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.] 5 Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. 6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado? 7 Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. 8 Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. 9 Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado. 10 Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito. 11 Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda. 12 Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda? 13 Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar. 14 Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior. 15 O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado. 16 E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado. 17 ¶ Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. 18 Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.
Perguntas	Respostas	
Quem escreveu o livro? [emissor/produtor]	João	
De que trata o livro? [tema]	?	
Para quem foi escrito o livro? [receptor(es)/destinatário(s)]	?	
Para que foi escrito o livro? [intenções/finalidades]	?	
Onde foi escrito o livro? [espaço de produção]	?	
Quando foi escrito o livro? [espaço temporal de produção]	?	
Sob quais circunstâncias estava o emissor/produtor na altura em que foi escrito o livro? [contexto social]	?	
Sob quais circunstâncias estava(m) o(s) destinatário(s) na altura em que foi escrito o livro? [contexto social]	?	
Resposta 		
Veja outros exemplos: 1Pe 1:1-12 e Is.1:1-9		
		

Figura 9: Exercício da *Observação geral do livro*, Jo. 5:1-18 (cd-rom,

A estratégia utilizada funciona de duas maneiras. A primeira, como instrumento de identificação do contexto de produção; a segunda, quando diante de um excerto que não explicita os dados requeridos, como é o caso da passagem de Jo. 5:1-18, releva aspectos a serem pesquisados e que podem constituir ainda os conhecimentos a serem mobilizados para a

compreensão/interpretação do texto. No caso dos textos bíblicos trata-se de conhecimentos referentes ao contexto social, cultural e religioso.

No material digital (cd-rom, Anexo 4), o exercício de aplicação dá-se em três etapas. Primeiro há a tela com o excerto e as perguntas, para que o aluno/leitor tente completar a tabela. Em seguida, o aluno/leitor acessa a tela das respostas (Figura 9), onde verifica a sua compreensão e identifica as informações a serem esclarecidas com a ajuda do material bibliográfico. A terceira etapa é a pesquisa (Figura 10), na qual o aluno /leitor pode acessar o material bibliográfico referente ao excerto a fim de obter as informações necessárias para traçar o contexto de produção/interpretação do livro.

II.1. Observação do Livro Pesquisa	
Perguntas	Livro de João
Quem escreveu o livro?	
De que trata o livro?	
Para quem foi escrito o livro?	
Para que foi escrito o livro?	
Quando foi escrito o livro?	
Onde foi escrito o livro?	
Sob quais circunstâncias estava o autor na altura em que foi escrito o livro?	
Sob quais circunstâncias estava(m) o(s) destinatário(s) na altura em que foi escrito o livro?	

Resposta

JOÃO

Por que ler esse livro?

O nosso mundo apresenta muitos deuses para ser adorados. Uma importante religião apresenta um deus de poder e de vingança; outra cultua um deus silencioso e indiferente ao sofrimento das pessoas; ainda outra oferece um deus misterioso e incognoscível, que absorve toda a humanidade em um grande oceano cósmico de unidade. Algumas pessoas adoram os *deuses* da riqueza, da fama e da diversão. Somente uma fé adora um ser conhecido acima de tudo por seu amor sacrificial. Este livro traça o perfil desse Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo.

Quem escreveu o livro?

João, o apóstolo —um dos doze discípulos originais de Cristo.

Quando e onde foi escrito?

Entre os anos 80 e 95 d.C. (embora alguns estudiosos acreditem que o livro possa ter sido escrito ainda nos anos 50 ou no máximo até o ano 70). Provavelmente João estava em Éfeso, cidade correspondente à atual Turquia (v. *A geografia de Atos*, na p. 1687).

Por que foi escrito?

O próprio João explica o seu propósito: ... *para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome* (20.31).

Para quem foi escrito?

Para seguidores não-judeus de Jesus, especialmente os que se debatiam com certas filosofias gregas predominantes naqueles dias. Essas filosofias ensinavam que a salvação é obtida por um conhecimento especial e que Jesus era divino, porém não era verdadeiramente humano.

O que se deve buscar em João:

As imagens de luz e de vida referentes à atividade de Deus. João registra sete milagres, culminando na ressurreição de Jesus, que ele considera a prova de que Jesus é o Filho de Deus. João também registra vários sermões de Cristo não encontrados nos outros evangelhos (caps. 6, 10, 13–16), os quais explicam o propósito da vida de Jesus.

Quando tudo aconteceu?

CRONOLOGIA

	10a.C.	1d.C.	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Reinado de Herodes, o Grande (c. 37-4 a.C.)	[Barra azul de 10a.C. a 4a.C.]												
Nascimento de Jesus (c. 6 ou 5 a.C.)	[Ponto azul em 6 a.C.]												
Fuga de Jesus para o Egito (c. 5 ou 4 a.C.)	[Ponto azul em 4 a.C.]												
Início do ministério de João Batista (c. 26 d.C.)	[Ponto azul em 26 d.C.]												
Início do ministério de Jesus (c. 26 d.C.)	[Ponto azul em 26 d.C.]												
Morte, ressurreição e ascensão de Jesus (c. 30 d.C.)	[Ponto azul em 30 d.C.]												
Conversão de Paulo (c. 35 d.C.)	[Ponto azul em 35 d.C.]												
Composição do livro de João (c. 80-95 d.C.)	[Barra azul de 80 a 95 d.C.]												
Exílio de João em Patmos (c. 90-95 d.C.)	[Barra azul de 90 a 95 d.C.]												

Extraído da *Bíblia de Estudo Vida*, 1999, pp.1651, 1652

Figura 10: Exercício da *Observação geral do livro – Pesquisa*, Jo. 5:1-18 (cd-rom, Anexo 4)

No material digital, apresento ainda outros exemplos de aplicação (1Pe. 1:1-12 e Is. 1:1-9), cuja intenção é demonstrar a especificidade de cada gênero, uma vez que ao aplicar a tabela ao excerto de 1Pedro (Figura 11, p. 49), por exemplo, os resultados obtidos são somente através da leitura são mais completos do que os do excerto de João. Isso se deve ao gênero em

estudo, o fato de 1Pedro ser uma *carta* exige do produtor a mobilização de indexações diferentes das requeridas para o *Evangelho*.




II.1. Observação do Livro		II. A observação geral
Mais um exemplo: 1Pedro 1:1-12		Exercícios
<p>Proceda à leitura atenta de 1Pe 1:1-12. Em seguida, a partir do excerto, tente responder às questões abaixo.</p>		<p>1Pe 1:1-12</p> <p>1 ¶ Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia,</p> <p>2 eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas.</p> <p>3 ¶ Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,</p> <p>4 para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros</p> <p>5 que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.</p> <p>6 ¶ Nisso exultais, embora, <u>no presente</u>, por breve tempo, se necessário, <u>sejais contristados por várias provações</u>.</p> <p>7 para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo;</p> <p>8 a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória,</p> <p>9 <u>obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma</u>.</p> <p>10 ¶ Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada,</p> <p>11 investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.</p> <p>12 A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.</p>
Perguntas	Respostas	
Quem escreveu o livro?	Pedro, apóstolo de Jesus Cristo (v.1)	
De que trata o livro?	?	
Para quem foi escrito o livro?	Aos eleitos que estavam dispersos (v.1)	
Para que foi escrito o livro?	Para encorajar os fiéis a resistirem às dificuldades (v. 6-9).	
Onde foi escrito o livro?	?	
Quando foi escrito o livro?	?	
Sob quais circunstâncias estava o emissor/produtor na altura em que foi escrito o livro?	?	
Sob quais circunstâncias estava(m) o(s) destinatário(s) na altura em que foi escrito o livro?	Os eleitos estavam fora de sua terra (v.1), estavam a passar por dificuldades (v.6)	
<p>Resposta </p>		
<p> Veja o outro exemplo: Is 1:1-9</p>		<p> Voltar</p>

Figura 11: Exercício da *Observação geral do livro*, 1Pe. 1:1-12 (cd-rom, Anexo 4)

O uso desta tabela mostra-se eficaz em gêneros diferentes (ver também o exemplo referente ao gênero *profecia* de Is.1:1-9, Anexo 4). Os exercícios têm como objetivo sensibilizar o aluno a lançar estratégias diante dos diferentes gêneros.

O uso deste material em ambiente virtual, conectado à internet, elimina a necessidade de oferecer material bibliográfico de apoio, uma vez que viabiliza a inserção de links de acesso direto a bibliotecas virtuais, sites especializados e universidades, por exemplo.

2.3.2. As formas incluídas [Gêneros incluídos]

Na unidade didática, antes de partir para a segunda etapa da observação geral, apresento um quadro-comentário (Figura 12, p.50), no qual esclareço o aluno/leitor sobre

uma característica dos textos bíblicos que é a possibilidade de apresentarem gêneros incluídos (Rastier, 2001:253), transpostos para unidade didática como *formas incluídas*.

Formas Incluídas

Os textos bíblicos frequentemente apresentam unidades de sentido inseridas no corpo de um excerto/livro. A essas unidades chamaremos *formas incluídas* e as mais frequentes são: **parábola**, provérbio, genealogia e citação (use os hiperlinks para saber mais sobre cada forma).

Essas formas muitas vezes podem parecer independentes, não convêm, contudo, desvincular a sua compreensão e/ou interpretação do seu contexto original. O importante é perceber quais são as implicações do uso dessas formas para compreensão/interpretação do texto lido.

Figura 12: Observação geral – Formas incluídas (cd-rom, Anexo 4)

No quadro-comentário menciono só gêneros incluídos mais frequentes nos textos bíblicos, nomeadamente as parábolas, os provérbios, as genealogias e as citações. A proposta prevê links que encaminhem o aluno/leitor para uma tela explicativa para cada gênero. No material apresentado (cd-rom, Anexo 4) a título de ilustração, limito-me à parábola (Figura 13).

Formas Incluídas: A parábola

As parábolas aparecem somente em 7 livros da Bíblia: Salmos, Ezequiel, Mateus, Marcos, Lucas e João em Hebreus. E aparecem como um relato, incluído num contexto maior, cujo objetivo é ensinar uma verdade moral ou religiosa através de ilustrações. No livro de Ezequiel, as parábolas eram a maneira como Deus instrua que o profeta se dirigisse ao povo. I.e. a parábola era a própria profecia (e.g. cap. 17, 24). Nos evangelhos, as parábolas eram um método de ensino característico de Cristo.

1) **Quem** está a proferir a parábola? Jesus.

2) **A quem** foi proferida a parábola? Aos principais sacerdotes, os escribas e os anciãos, Mc. 11:27.

3) Qual é o **contexto**: Antecedente? Os principais religiosos questionam a autoridade de Jesus (ver Mc. 11). Subseqüente? Os principais religiosos perceberam que a parábola os referia e, por isso, elaboram uma armadilha para terem de que acusar Jesus (Mc.12:12,13).

4) A parábola é uma figura de estilo [forma incluída figurativa], logo, não deve ser interpretada literalmente. O que é preciso esclarecer?

O que é a vinha?
Quem é o dono da vinha?
Quem são os trabalhadores?
Quem é o herdeiro?
Quem são os outros lavradores referidos no v. 9?

CONCLUSÃO

Jesus utiliza esta parábola para responder ao questionamento acerca de Sua autoridade: -assume-se como Filho de Deus, portanto, tem autoridade divina;

- denuncia a rebelião líderes religiosos ao negarem essa autoridade;
- prediz a Sua morte;
- prediz que os judeus irão matá-lo;
- estende a promessa de salvação aos não judeus.

Mc. 12:1-12

1 ¶ Depois, entrou Jesus a falar-lhes por parábola: Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, construiu um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores e ausentou-se do país.

2 No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha;

3 eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio.

4 De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça e o insultaram.

5 Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros.

6 Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou, por fim, dizendo: Respeitarão a meu filho.

7 Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa.

8 E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha.

9 Que fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros.

10 Ainda não lestes esta Escritura: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular;

11 isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?

12 E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; porque compreenderam que contra eles proferira esta parábola. Então, desistindo, retiraram-se.

13 ¶ E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra.

Voltar

Figura 13: Formas incluídas: a parábola (cd-rom, Anexo 4)

Meu objetivo ao mencionar os gêneros incluídos é orientar a leitura dessas porções textuais à luz do contexto. Dentre os gêneros apresentados (Figura 12), a inclusão da citação é discutível, podendo ser considerada como intertextualidade. Para o aluno leigo, contudo, não se mostrará produtiva a inclusão de uma categoria em separado que dê conta somente da citação, por uma questão didática de simplificação, optei por abrigar a citação sob o chapéu das “formas incluídas”.

2.3.3. A observação do excerto

A segunda etapa da observação requer a aplicação das perguntas relativas ao contexto de produção/interpretação ao excerto, propriamente dito (Figura 14).



II.2. Observação do excerto		II. A observação geral Exercícios
A partir da leitura de Jo. 5:1-18, quais informações podem ser extraídas?		Jo5:1-18
Perguntas	Respostas	1 ¶ Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.
Quem fala/escreve?	João	2 Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.
Qual é a situação apresentada?	A cura de um homem num sábado	3 Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos
Para quem fala/escreve?	João está a escrever para os novos cristãos de origem não judaica (cf. pesquisa).	4 [esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.]
Quem são os agentes envolvidos?	Jesus, o homem enfermo, os judeus	5 Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.
Onde estão os agentes?	Jerusalém: Tanque (Betesda), Templo	6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?
Há referência ao tempo da situação?	Acontece num sábado.	7 Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.
Há referência a outros agentes? Quem são?	Não	8 Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.
Há referência a outros lugares? Quais?	Não	9 Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.
Há referência a outro tempo? Qual?	Não	10 Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.
Há formas incluídas? Qual(is)?	Não	11 Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.
 Como o contexto social e religioso é refletido no texto?		12 Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?
		13 Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.
		14 Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.
		15 O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.
		16 E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.
		17 ¶ Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.
		18 Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.
		 Pesquisar

Figura 14: Exercício da *Observação geral do excerto*, Jo. 5:1-18 (cd-rom, Anexo 4)

Na observação do excerto o aluno/leitor deverá proceder à recolha de dados da produção do texto e da situação de enunciação (agentes envolvidos, localização espaço-temporal). O objetivo desta etapa é identificar as implicações do que está a ser apresentado para os objetivos do autor ao escrever o livro. A análise dos dados à luz das condições de produção do livro irá orientar a interpretação do excerto.

Após o exercício, apresento uma orientação para a reflexão sobre os conhecimentos (culturais, sociais, religiosos) necessários à compreensão do excerto. Ao final do exercício, há um link que encaminha à pesquisa.

2.3.4. A síntese da observação

Esta etapa implica a observação das tabelas das fases de observação e da elaboração de sínteses referentes a cada uma delas. Em seguida, há a análise das sínteses para que seja elaborada uma síntese geral e, quando necessário, apontar questões que serão respondidas a partir da análise do texto.

A partir das sínteses do excerto de Jo. 5:1-18, é possível identificar que João, como apóstolo de Cristo, transmite a autoridade de uma testemunha ocular dos fatos por ele relatados e que o curto espaço de tempo entre os fatos relatados e a escrita do *evangelho* também contribuem para a fidedignidade do livro, uma vez que muitas testemunhas oculares poderiam confirmar ou rejeitar o testemunho de João. A observação do excerto revela que Jesus, ao curar no sábado e afirmar-se como Filho de Deus provoca a ira dos judeus e dá início à conspiração para tirar-lhe a vida.

A síntese geral da observação deste excerto aponta para a necessidade de recorrer à análise do texto para identificar como João demonstra a divindade de Cristo, como responde aos questionamentos do seu público-alvo (cristãos de origem não judaica) em relação ao conflito que viviam entre a fé e a filosofia e como é construída a oposição dos judeus.

2.4. Análise do texto [Arquitetura textual]

A concepção desta etapa está fundamentada no modelo da arquitetura textual proposto por Bronckart (1999) que distingue três níveis estruturais superpostos (Figura 15). Para a elaboração das propostas de exercício, parti do nível mais superficial para o mais profundo,

respectivamente: coerência pragmática (mecanismos enunciativos e modalizações), mecanismos de coerência temática (conexões e coesão), plano de texto (superestrutura).

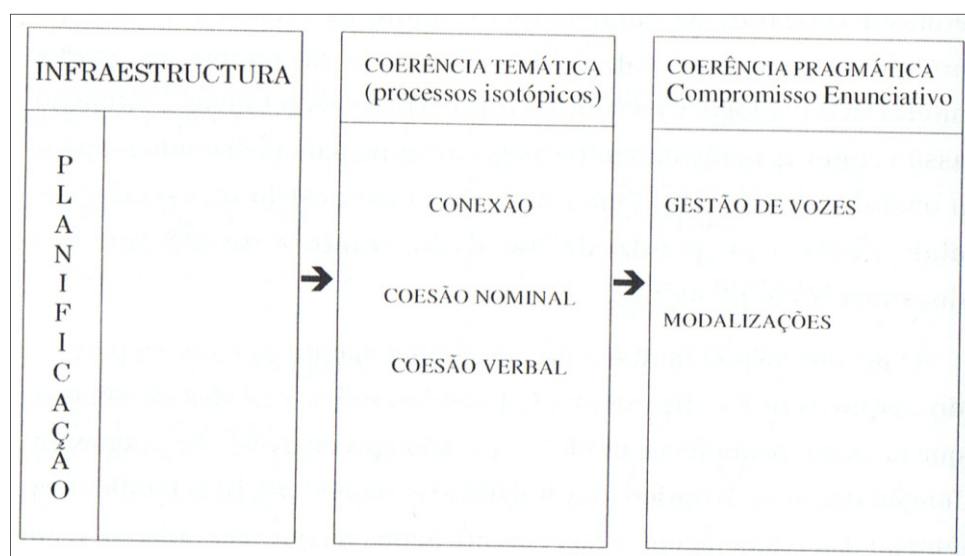


Figura 15: Reproduzido de Bronckart (2005:66)

A etapa de análise do texto da unidade didática (cd-rom, Anexo 4) está dividida em 4 etapas: 1. As vozes do texto [mecanismos enunciativos]; 2. As orientações interpretativas do texto [modalizações]; 3. As ligações do texto [conexões e coesão], e 4. A organização do texto [macroestruturas].

Nesta fase de análise (lingüística) do texto, considere que o público-alvo desta proposta (os alunos do CMD) necessitaria de uma intervenção, no âmbito da fundamentação teórica, mais direcionada, por isso primeiramente apresento a fundamentação teórica básica para a compreensão da dimensão a ser explorada, em seguida encaminho a uma tela de exemplos de aplicação e, finalmente, o aluno é sugerida a resolução do exercício sobre o texto de Jo. 5:1-18.

2.4.1. As vozes do texto [Mecanismos enunciativos]

A primeira parte da análise do texto contempla os mecanismos de enunciação. No quadro do ISD, o autor como agente da ação de linguagem transfere às instâncias enunciativas a responsabilidade pelo que é enunciado (Bronckart, 1999:321). O objetivo do exercício

referente às vozes do texto (Figura 16) é justamente conduzir o aluno a identificar as instâncias de comunicação presentes no texto de Jo. 5:1-18.



III.1. As vozes do texto	III. A análise do texto Exercícios
<p>1) Identifique as vozes presentes no excerto, justificando com as palavras ou expressões que as indicam.</p> <p>Resposta </p> <p>Voz dos agentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> — <u>Jesus</u>, v. 6, 8, 11b, 12, 14 e 17 -Agente da situação: refere o tempo em que se dá a situação (agora, v. 17) - Introduzida pelos verbos <i>dicendi</i> dizer, perguntar; - Discurso direto - Uso da 2ª pessoa para dirigir-se ao homem enfermo (v. 6, 8, 14) - Uso da 1ª pessoa para referir a si mesmo, v.17 — <u>Homem enfermo</u>, v. 7, 11 e 15 - Agente da situação: refere o local onde se dá a situação (no tanque, v. 7) - Introduzida pelos verbos <i>dicendi</i> responder, dizer - Discurso direto, v. 7 e 11 - Discurso indireto, v. 15 — <u>Judeus</u>, v.10 e 12 - Agente da situação: refere o tempo em que se dá a situação (hoje, v. 10) - Introduzida pelos verbos <i>dicendi</i> dizer, perguntar - Discurso direto, v. 10 e 12 <p>Voz do autor (predomina em todo o texto)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agente da situação, mas não atuante na situação: refere o tempo (sábado, v. 9; mais tarde, v. 14; agora, v. 17); o espaço (Jerusalém/ali, v. 1, 2; tanque/ali/naquele lugar, v. 2, 5, 13; templo, v. 14) - Uso da 3ª pessoa 	<p>Jo. 5:1-18</p> <p>1 ¶ Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.</p> <p>2 Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.</p> <p>3 Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos</p> <p>4 [esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.]</p> <p>5 Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.</p> <p>6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?</p> <p>7 Respondeu-lhe o enfermo: <u>Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.</u></p> <p>8 Então, lhe disse Jesus: <u>Levanta-te, toma o teu leito e anda.</u></p> <p>9 Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.</p> <p>10 Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: <u>Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.</u></p> <p>11 Ao que ele lhes respondeu: <u>O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.</u></p> <p>12 Perguntaram-lhe eles: <u>Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?</u></p> <p>13 Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.</p> <p>14 Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: <u>Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.</u></p> <p>15 O homem retirou-se e <u>disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.</u></p> <p>16 E os judeus perseguiram Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.</p> <p>17 ¶ Mas ele lhes disse: <u>Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.</u></p> <p>18 Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.</p> <p style="text-align: right;"> Voltar</p>

Figura 16: Exercício *As vozes do texto*, Jo. 5:1-18 (cd-rom, Anexo 4)

No excerto trabalhado (Jo. 5:1-18) há duas vozes marcadas. As vozes dos agentes (Jesus, Homem enfermo e a voz dos judeus) e a voz do autor, João.

O autor marca as vozes dos agentes, através de discurso direto e as introduz com os verbos *dicendi* dizer, perguntar, responder no pretérito perfeito, tempo da narrativa. Essa transferência da responsabilidade enunciativa para os agentes muda o foco de referência do cotexto para a situação de enunciação através: do uso da 1ª pessoa para dirigirem-se a si mesmos (“pois enquanto eu vou, desce outro antes de mim”, v. 7, grifos meus); 2ª ou 3ª pessoa ao dirigirem-se aos seus interlocutores (“Levanta-te, toma o teu leito e anda”, v.8, grifos meus), o uso de localizadores espaciais (no tanque, v. 7) e temporais (Hoje é sábado, v. 10; agora, v. 17).

A voz do autor, predominante no texto, é marcada pelo uso da 3ª pessoa (e.g. “Então, lhe disse Jesus”, v.8) e pelo foco da referência no enunciado (cotextual) indicado pelos dêiticos de tempo (Passadas estas coisas, v. 1; mais tarde, v.14) pelo uso do pretérito imperfeito (E aquele dia era sábado), o uso de localizadores espaciais (para Jerusalém, v. 1; ali, v. 2 e 5; naquele lugar, v. 13).

2.4.2. As orientações interpretativas do texto [Modalizações]

O segundo exercício de análise de texto requer a identificação das modalizações, transpostas para o aluno como orientações interpretativas do texto.

De acordo com Oliveira (2003 in Mira Mateus, 2003:245), “a *modalidade* é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes”. A autora adverte que é um fenômeno de grande amplitude e sugere que as modalidades se realizam em quatro domínios: a modalidade interna ao participante, externa ao participante, deôntica e epistêmica (*op.cit.*, 248).

No excerto de Jo. 5:1-18 observa-se, no versículo 8 “Levanta-te, toma o teu leito e anda” uma modalização de valor deôntico. Interessante que, apesar de o excerto não ser rico em modalizações, a modalização destacada se dá, não pelo uso de um verbo modal (e.g. *poder, dever, ter de*), mas pelo uso do imperativo no discurso direto, revelando o caráter performativo do enunciado. Este caso está em oposição aos versículos 11 e 12 (discurso indireto) cujo valor é meramente declarativo.

A identificação desta modalização é importante para a compreensão e interpretação do texto quando relacionada aos objetivos do livro, tratados no tópico de pesquisa da observação do livro (2.1). Pois João, ao escrever o Evangelho intencionava provar que Jesus é Filho de Deus. Então, assim como a palavra de Deus implica ação (e.g. “Disse Deus: Haja Luz; e houve luz”. Gn. 1:3), a palavra de Jesus também revela esse poder, confirmando a sua divindade.

2.4.3. As ligações do texto [Conexões e coesão]

A terceira etapa da análise de texto trata da coerência temática e explora as conexões e coesões. Este exercício (Figura 17) tem como objetivo auxiliar o aluno na identificação dos determinantes definidos e demonstrativos e dos grupos nominais que contribuem para a coesão textual e, conseqüentemente para a sua progressão.

III.3. As ligações do texto

III. A análise do texto

Exercícios

1) Circule a(s) expressão(ões) que estabelecem as ligações entre o excerto e o contexto lingüístico (anterior e/ou posterior) e identifique que relação(ões) foi(foram) estabelecida(s).

Resposta

Jo. 5:1-18

1 ¶ Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.

2 Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.

3 Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos

4 [esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.]

5 Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.

6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?

7 Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.

8 Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.

9 Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.

10 Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.

11 Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.

12 Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?

13 Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.

14 Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.

15 O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.

16 E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.

17 ¶ Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

18 Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

2) Sublinhe as palavras que estabelecem as ligações entre as partes do excerto e identifique que relações foram estabelecidas.

Resposta

Ligação: excerto-contexto lingüístico antecedente - Continuidade
[coesão referencial-temporal - anáfora]

Continuidade - [Coesão referencial - anáfora (ali = continuidade; constituinte à direita = foco, ordem de palavras.)]

A expressão [conector] introduz o resultado da ação anterior -
[movimento anafórico e argumentativo - conexão referencial e inferencial]

Marca a passagem do tempo e dá continuidade ao texto
[coesão temporal]

A expressão [conector] introduz o resultado da ação anterior -
[movimento anafórico e argumentativo - conexão referencial e inferencial]

Voltar

Figura 17: Exercício *As ligações do texto*, Jo. 5:1-18 (cd-rom, Anexo 4)

O objetivo deste exercício não é identificar todas as relações anafóricas presentes em Jo. 5:1-18, mas relevar os momentos de viragem do texto, que facilitem a identificação das macroestruturas solicitadas no exercício posterior.

Distingui neste excerto 5 momentos a serem identificados pelo aluno. Em primeiro lugar a coesão referencial temporal estabelecida pelo grupo nominal “Passadas estas coisas” (Jo. 5:1, Figura 17) desempenha dupla função, referir o cotexto, indicando a possibilidade de se recorrer à porção textual antecedente para a compreensão e interpretação do excerto em questão, e a função prospectiva de introduzir o texto de Jo. 5:1-18.



O segundo momento é introduzido pela mudança do foco da atenção do autor (João). Duarte (2003 in Mira Mateus, 2003:122) destaca que, em português, “os constituintes que ocupam a posição mais à direita são interpretados como foco informacional”, logo, a focalização no agente (homem enfermo) chama a atenção do leitor para o que segue e contribui para a progressão do texto.

Nos terceiro e quinto momentos, o conector (*por isso*, João. 5:10 e 18, Figura 17) apresentam movimento anafórico e argumentativo. O conteúdo proposicional do segundo membro coordenado da frase é inferível a partir do primeiro, que é a razão ou motivo retomados do versículo anterior. E, finalmente, o quarto momento do excerto é introduzido por um mecanismo de coesão temporal que indica a passagem do tempo e marca a continuidade do texto.

2.4.4. A organização do texto [Macroestruturas]

O objetivo deste exercício é conduzir o aluno/leitor na identificação de porções de texto que apresentem um sentido global, i.e. os sub-temas do excerto (Figura 18). O conceito teórico que fundamenta este exercício é o de macroestrutura (semântica), postulado por Van Dijk (1981) e transposto para o aluno/leitor como *a organização do texto*.

A identificação desses “blocos” de texto, segundo o autor, pode variar de leitor para leitor, em função do seu conhecimento, de seus interesses, do seu trabalho, e de suas opiniões. Contudo, tal variação não poderá comprometer a interpretação global do texto.

III.4. A organização do texto		III. A análise do texto Exercícios
<p>1) Baseado no exercício anterior, identifique, no texto, blocos que encerram um(a) assunto/ideia.</p> <p>Resposta </p>	<p>Jesus vai a Jerusalém, onde há um tanque milagroso à volta do qual uma multidão espera pela cura. [macroestrutural]</p>	<p>Jo. 5:1-18</p> <p>1 ¶ Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.</p> <p>2 Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.</p> <p>3 Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos</p> <p>4 [esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.]</p> <p>5 Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.</p> <p>6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?</p> <p>7 Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.</p> <p>8 Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.</p> <p>9 Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.</p> <p>10 Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.</p> <p>11 Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.</p> <p>12 Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?</p> <p>13 Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.</p> <p>14 Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.</p> <p>15 O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.</p> <p>16 E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.</p> <p>17 ¶ Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.</p> <p>18 Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.</p>
<p>2) Escreva uma síntese para cada bloco encontrado.</p> <p>Resposta </p>	<p>Jesus encontra com o homem enfermo e o cura (num sábado). [macroestrutural]</p> <p>O homem é repreendido pelos judeus por carregar o leito no sábado. [macroestrutural]</p> <p>Os judeus perseguem Jesus, porque ele curar no sábado. [macroestrutural]</p> <p>Os judeus querem matar Jesus, porque ele, além de curar no sábado, assume ser filho de Deus. [macroestrutural]</p>	


 Voltar

Figura 18: Exercício *A organização do texto*, Jo. 5:1-18 (cd-rom, Anexo 4)

Este exercício (Figura 18, p. 57) dá continuidade ao exercício anterior referente à coesão. A orientação dada para o aluno/leitor é que identifique os blocos de texto para, em seguida, elaborar a síntese da informação dessa porção textual. Recorrer a esse instrumento de descrição semântica facilita ao aluno a captura do sentido geral do texto.

Esta etapa é uma reformulação do exercício proposto por Buxton (Tema Central 1), cuja orientação era fragmentar o texto para depois elaborar a síntese. O percurso aqui sugerido desenvolve um processo ordenado e progressivo que auxilia na identificação de assuntos/idéias gerais até chegar ao tema geral do excerto trabalhado. Adotei, contudo, o percurso inverso de Buxton, primeiro a fragmentação através da identificação das conexões e dos elos coesivos, em seguida a identificação dos blocos de texto e, finalmente, a elaboração da síntese de cada fragmento, para encerrar com a elaboração do tema central do excerto.

2.4.5. A síntese a análise do texto

A síntese da análise de Jo. 5:1-18 consiste na compilação da descrição realizada nas etapas anteriores. Os dados levantados indicam que o autor, ao relatar o milagre, revela a divindade de Cristo, pois só Deus pode curar as pessoas, e Jesus o faz através da palavra («Levanta, toma o teu leito e anda!»), assim como Deus criou o mundo pela palavra («... Disse Deus... e houve. »). A rejeição sofrida por Cristo, expressa através do discurso direto dos judeus e da voz do autor, vai de encontro ao conflito vivido pelos cristãos de origem não judaica relativamente à humanidade de Jesus. Através das vozes dos agentes (Jesus, judeus e homem enfermo), João reivindica a divindade e a humanidade de Jesus. A partir da síntese das macroestruturas, pode-se inferir que a passagem de Jo. 5:1-18, observada dentro do contexto do Evangelho, mostra o início de uma intriga - a oposição e rejeição dos judeus no versículo 17 - que tem o seu desfecho na crucificação.

2.5. Conclusão do estudo

A conclusão do estudo requer que o aluno recorra às sínteses da observação e da análise do texto a fim de, em primeiro lugar, responder às questões pendentes relativamente à fase de observação. Em seguida, à luz das condições de produção do texto, nomeadamente os objetivos do autor, o público-alvo do livro, as circunstâncias vividas pelo público-alvo, os dados relevados na análise do texto, deverão ser analisados. E, finalmente, o aluno/leitor,

procederá à redação de um texto-síntese de interpretação do excerto, apresentado ao final da unidade didática.

Sintetizando

Esta proposta representa um esforço de reformular e organizar o material descrito no capítulo 3. Desenvolvida no formato digital, permite desenvolver diferentes percursos a partir das especificidade do texto. Um dos princípios que norteou este trabalho foi a sequencialidade e a continuidade, i.e. solicitar exercícios que funcionem de pilares para o trabalho subsequente. A etapa de observação geral oferece instrumental para identificação das condições de produção (físicas e sócio-subjetivas) do texto. A fase de análise revela como esses elementos se manifestam na superfície textual. O resultado disso auxilia na reflexão e levantamento de questões a serem esclarecidas na pesquisa orientada, culminando no texto-síntese acerca do excerto estudado.

V. NOTAS CONCLUSIVAS

Do ponto de vista teórico o trabalho aqui realizado sobre os textos bíblicos constitui uma base de reflexão que relança o questionamento acerca da relação entre gênero e texto e suscita até o repensar de questões teóricas. Na verdade, trabalhar sobre textos da atividade religiosa leva a que se coloquem questões como as seguintes:

Todo texto adota e adapta um gênero?

O que define a produtividade de um gênero?

Qual é a relação entre atividade e produtividade em relação aos gêneros?

Qual é a influência da atividade de linguagem na produtividade dos gêneros?

Do ponto de vista didático, esta proposta aproxima dois extremos, a teoria lingüística de um lado e o público leigo do outro, através da transposição de recursos de análise de texto já disponíveis no âmbito dos estudos lingüísticos de maneira a torná-los úteis e operacionais para a prática cotidiana dos utentes da língua. A partir daí, aponto três perspectivas de trabalho: o teste da proposta a fim de verificar a sua aplicabilidade e eficiência; a aplicação da proposta em textos de outras atividades; o desenvolvimento de um aplicativo informático que viabilize a interação entre o aluno e o material.

O trabalho realizado coadunou-se aos limites de tempo e de espaço disponíveis. Não foi possível, por exemplo, testar a proposta elaborada. Mas pretendo fazê-lo mais tarde. E a confirmar-se, como espero, a viabilidade do aplicativo agora desenvolvido, surgem outras perspectivas de investigação para o futuro - nomeadamente no campo da didática dos textos, em aula de língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel. 1992. *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan.

Alter, Robert e Kermode, Frank (Org.). 1997. *Guia literário da Bíblia*. [Trad. Raul Fiker]. São Paulo : UNESP.

Bakhtin, Mikhail. 1997. *Estética da criação verbal*. [Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira]. São Paulo: Martins Fontes.

Bronckart, J.-P. 1999. *Atividade de linguagem , textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC.

_____. 2004a. *La médiation langagière, son statut et ses niveaux de réalisation*. /texto fotocopiado/.

_____. 2004b. *Commentaires conclusifs. Pour un développement collectif de l'interactionnisme socio-discursif*. Calidoscópio. V. 02. Nº 02. In. http://unisinis.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopio/20calidoscopiov2n2_artigo15.pdf

_____. 2004c. *Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique*. Langages 153, pp. 98-108. In. <HTTP://www.persee.fr>

_____. 2005. *Os gêneros de texto e os tipos de discursos como formatos das interações de desenvolvimento*. In. Menendez, Fernanda (Org.). *Análise do discurso*. 2005. Lisboa. CLUNL e Hugin.

Coutinho, Maria Antónia. 2006. *O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística*. Veredas 10 (1-2).

Coutinho, Maria Antónia e Miranda, Florência. 2009. *To describe genres: problems and strategies*. In. <http://wac.colostate.edu/books/genre/chapter3.pdf>

Mateus et al. 2003. *Gramática da língua portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Caminho.

Miranda, Florencia. 2007. “Textos e Gêneros em Diálogo – Uma Abordagem Linguística da Intertextualização”. Dissertação de Doutorado em Linguística – Teoria do Texto, UNL – FCSH.

Rastier, François. 1989. *Sens et textualité*. Paris. Hachette.

_____. 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris. P.U.F.

Todorov, Tzvetan. 1981. *Os gêneros do discurso*. Lisboa. Edições 70.

Van Dijk, Teun A. 1981 – s/d. “O texto: estruturas e funções” in. Varga, A.K. (Ed.) *Teoria da Literatura*, Lisboa: Editorial Presença. pp. 65-96.

Outras fontes:

Bíblia de Recursos para o Ministério com Crianças. 2003. [tradução da Bíblia] João Ferreira de Almeida; notas e material adicional Neyd Siqueira.] 2ª Ed. Ver. Atual., São Paulo, Hagnos.

Bíblia de Estudo Vida. 1993. [tradução da Bíblia] João Ferreira de Almeida 2ª Ed., São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil.

Bíblia Sagrada. 1993. Trad. em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

Buxton, A.J. 2008. *Como Estudar a Bíblia*. Viçosa: CADI-CEM.

Carson, D.A., Moo. Douglas J., Morris. 1997. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova.

Douglas, J.D. (org. e ed.). 1995. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ª Ed. [editor em Português, R.P. Shedd; trad. João Bentes]. São Paulo: Vida Nova.

Fee, G. e Stuart, D. 1997. *Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova.

Ferreira, João Cesário Leonel. 2007. Teoria literária e o Evangelho de Mateus: o papel do gênero literário e do narrador na economia narrativa. In. *Ciências da Religião – história e sociedade*, volume 5, nº 2, p. 10-31. Disponível em:
<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/article/viewFile/484/300> (acessado em 23 de julho de 2009)

LaSor, W., Hubbard, D. e Bush, F. 1999. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo: Vida.

ANEXOS

Centro Evangélico de Missões

Como estudar a Bíblia

Disciplina na modalidade a distância

LIVRO DIDÁTICO

CADI - Cursos a Distância



Viçosa, MG
2008

Conteúdo

Apresentação	3
UNIDADE 1- A fase da observação	7
Introdução	7
A. “Perguntas do Jornalista”	11
B. “Análise Sintática”	13
Palavras Repetidas	14
O Tema Central 1	15
O Tópico de Interesse Geral	16

Apresentação

Este livro foi preparado com dois propósitos. O primeiro é que você ouça a voz de Deus através da Palavra dele. É um método muito prático do estudo da Bíblia, começando a partir do próprio texto.

O segundo propósito é de fazer uma introdução aos estudos do CADI - Cursos à Distância do CEM. Através deste livro prático, você poderá entrar no ambiente virtual e se aproximar de seu treinamento, diminuindo as distâncias, abraçando as fronteiras, mesmo em sua própria casa.

Prof. Andrew John Buxton

Como estudar a Bíblia

Livro ditático

Diagramação e Design
Ana Claudia Sampaio de Souza

1a. Edição Virtual

Centro Evangélico de Missões
(Todos os direitos reservados)
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização

Viçosa, MG
2008

Palavras do Professor



É com muita satisfação que apresentamos à você esta disciplina que abre o Curso de Missões à Distância e também abre as portas para que você viva a experiência de estudar a Bíblia sobre uma nova perspectiva.

Este estudo divide-se em quatro unidades, e cada uma delas é programada para ocupar aproximadamente três horas de estudo. Separe um tempo de qualidade para estudar e sempre que puder, entre no ambiente virtual de estudo e faça as leituras complementares, pois com certeza, elas enriquecerão seu aprendizado.

Apesar de ser um curso à distância, de modo algum isso significa que estaremos distantes de você. Pode contar conosco sempre que precisar porque você não está sozinho!

Vamos aprender juntos e crescer juntos para a Glória de Deus e para o nosso bem!

UNIDADE 1

1

A fase da observação



Objetivos de aprendizagem

- Ao final desta unidade você será capaz de extrair respostas do texto bíblico, utilizando apenas a Bíblia;
- Ao final desta unidade você será capaz de usar o método de estudo bíblico indutivo, utilizando perguntas para observar o que o texto diz.

Introdução

“Que autoridade você tem para traduzir a Bíblia em uma língua comum?” Perguntaram a William Tyndale, um lingüista inglês do século XVI, que tinha se dedicado à tradução da Bíblia. Levado perante a autoridade eclesiástica, ele foi ameaçado. Ao que ele teria respondido: “Se Deus quiser, daqui a pouco um simples lavrador conhecerá mais das Escrituras que você.”

Tyndale pagou com a própria vida pela ousadia, sendo estrangulado e seu corpo queimado no ano de 1536, mas ele havia redescoberto um fato que fora esquecido durante séculos: Deus fala com o povo, individualmente, através da Bíblia. Se não fosse verdade esse fato, não haveria possibilidade de aprender sobre a fé cristã, a não ser que fôssemos instruídos em tudo por um ministro ordenado, ou que assíssemos todos os dias aos estudos em uma igreja.

Vamos já assumir nossa herança, e tirar melhor proveito dela.



Leia Lc 4.16-30

¹⁶ Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. ¹⁷ Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: ¹⁸ “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos ¹⁹ e proclamar o ano da graça do Senhor”e. ²⁰ Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; ²¹ e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”. ²² Todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios. Mas perguntavam: “Não é este o filho de José?” ²³ Jesus lhes disse: “É claro que vocês me citarão este provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo! Faze aqui em tua terra o que ouvimos que fizeste em Cafarnaum’ “. ²⁴ Continuou ele: “Digo-lhes a verdade: Nenhum profeta é aceito em sua terra. ²⁵ Asseguro-lhes que havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e houve uma grande fome em toda a terra. ²⁶ Contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, senão a uma viúva de Sarepta, na região de Sidom. ²⁷ Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio”. ²⁸ Todos os que estavam na sinagoga ficaram furiosos quando ouviram isso. ²⁹ Levantaram-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o topo da colina sobre a qual fora construída a cidade, a fim de atirá-lo precipício abaixo. ³⁰ Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se.

NVI - Nova Versão
Internacional

Leia o trecho pelo menos duas vezes. Você o utilizará para descobrir como pode usar as ferramentas de estudo que iremos lhe apresentar à partir de agora.

Esta passagem significativa é o ponto de partida de nosso estudo onde você aprenderá na prática a usar melhor algumas ferramentas de para seu estudo da Bíblia.

A possibilidade de você examinar e interpretar a Bíblia por si mesmo é essencial para seu amadurecimento cristão. Para muitos foi o meio pelo qual chegaram pela primeira vez a conhecer a Cristo. Sem ela, o crescimento espiritual e pessoal de milhões de indivíduos e famílias estaria parado.

Contudo, em nossa época moderna persegue-se o instantâneo, o produto do momento. Este sentido afeta muitos cristãos.



Você pode pensar:

Não é mais fácil ler umas poucas frases que alguém já escreveu sobre a Bíblia do que examiná-la pessoalmente? Poderia encontrar um problema! Poderia levar um pouco mais de tempo, ou pior de tudo, talvez tivesse que pensar...!

Esta disciplina foi preparada para você aprender a investir seu tempo para entender sua fé, sem receio de refletir sobre a Palavra de Deus, a Bíblia.

Você deve saber que na Bíblia há vários tipos de literatura. As categorias mais importantes seriam as seguintes: Narrativa, Poesia, Lei, Cartas, Apocalíptica.

Você não vai encontrar dificuldade para colocar o trecho de Lc 4.16-30 dentro de uma destas categorias.



Narrativa

Poesia

Lei

Cartas

Apocalíptica

Qual categoria você escolheria?

Você acertou? Isso não quer dizer que não haverá expressões figuradas, mas sim que em geral entenderemos as afirmações o mais ao pé da letra possível.

Sim, é narrativa, pois o texto narra um fato concreto.



Use outras traduções da Bíblia que você tiver à sua disposição como, por exemplo, A Bíblia Viva, A Bíblia na Linguagem de Hoje, Nova Versão Internacional, Bíblia de Jerusalém e releia Lc 4.16-30 nessas traduções bíblicas também.

Ler uma passagem bíblica em outras versões poderá iluminar o seu significado.

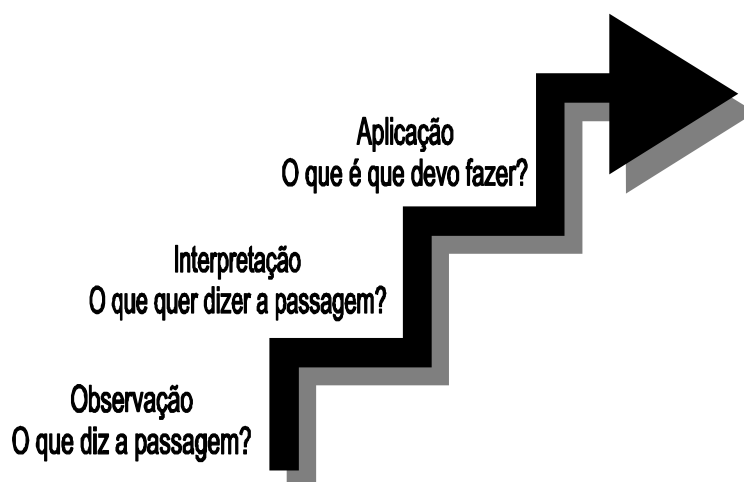


Mas quero que minha fé seja simples! Não quero me enterrar debaixo de montes de livros. Não sou um estudioso! Onde começar? Não posso compreender tudo de uma vez!

Não precisa ser! Mas vale a pena dispor de um pouco de tempo e alguns livros de fácil obtenção. Então, os momentos gastos na reflexão serão de um valor imenso. O Espírito Santo usará deles e começará a mostrar-lhe os tesouros guardados na Bíblia.

Tem razão, mas nossa Bíblia nos ajuda neste ponto. É dividida em livros, a maioria dos quais tem seu assunto distinto. Muito mais tarde cada livro foi dividido em capítulos e versículos, que é uma boa ajuda, e as traduções modernas colocam o texto também em parágrafos e, como a Nova Versão Internacional – NVI – a linguagem é bem clara e acessível. Todas estas divisões e adaptações são úteis e facilitam a memorização e o estudo, mas é importante lembrar que os textos originais não são assim, estas mudanças são modernas, foram feitas pelos autores originais, mas não interferem na compreensão do texto, nem diminuem seu valor para o nosso tempo.

É claro que você terá um propósito ao estudar a Bíblia. Poderá ser que você queira dirigir um grupo de estudo bíblico, preparar uma classe da Escola Dominical, preparar um sermão, ou simplesmente edificar a si mesmo. Qualquer que seja seu motivo, este método apresentado nesta disciplina servirá para você usar em toda a Bíblia. O método é muito simples. Ele tem três etapas:



Já começamos a parte de **observação** pela simples leitura do texto, e nesta fase utilizamos somente a Bíblia. Nela examinamos o trecho em pauta, colhemos dele os dados que usaremos para as fases posteriores de **interpretação** e **aplicação**. É assustador o número de pessoas que tentam explicar o que a Bíblia *devia* dizer, ou o que eles acham que ela diz, ao invés de lerem-na com cuidado e refletir no que *ela diz mesmo*.

Em cada etapa do estudo colocamos umas perguntas para facilitar seu estudo. É o uso destas perguntas que forma a estrutura do método aqui exposto. Você poderá ver um **esboço do método** completo!

Faça o download do arquivo "Anexo 4" no ambiente virtual.

A primeira pergunta na etapa da observação, você já respondeu, é sobre a categoria literária do nosso trecho.

A segunda pergunta tem duas alternativas:

A. Perguntas do Jornalista

B. Análise Sintática

A. "Perguntas do Jornalista"

O quê? Quem? Quando? Onde? Essas perguntas, que são úteis para qualquer reportagem ou outra redação. Devem ser usadas com criatividade para descobrir o máximo sobre o trecho em estudo. Nem todas elas são adequadas a todas as passagens. Assim você omitirá as que não sejam relevantes para uma passagem específica, e até descobrirá outras mais apropriadas.

Vamos começar com as "**perguntas do jornalista**". A primeira é:

O quê? - Quer dizer: Qual é o tema da passagem? O que acontece nela? Tente esboçar o assunto tratado em uma dúzia de palavras, ou menos.



Tente responder antes de continuar sua leitura. Agora, lembrando-se que na fase de observação usamos somente a Bíblia, e seguindo as orientações acima, responda:

O quê diz a passagem de Lc 4.16-30?

Ao ler a passagem, você deve ter notado que as principais idéias são a pregação de Jesus e sua rejeição. Nesse caso, o título na versão atualizada da Bíblia nos servirá bem: "**Jesus prega em Nazaré. É rejeitado pelos seus**".

pós O quê? vem Quem? - Quem são as personagens mencionadas? O que sabemos acerca dessas pessoas, através da passagem à nossa frente?

Liste as pessoas mencionadas e, junto com cada uma, uma breve relação daquilo que você aprende da passagem acerca dela.



Quem? É claro que a personagem principal é **Jesus**, que aqui entra em diálogo com seus contemporâneos. Então. “**Todos da sinagoga** ouviam as palavras de graça que saíam dos seus lábios.” Conheciam bem a família de Jesus e eram pessoas religiosas da comunidade judaica, mas não aceitaram a mensagem dele. Essas palavras suscitaram tanta ira neles que até queriam matá-lo.

José - Mesmo que Jesus não fosse o filho natural de José, ele teria crescido na família do carpinteiro, e era conhecido como o filho dele.

Elias e Eliseu - Eram profetas na história de Israel que fizeram milagres mas, o que é que Jesus destaca sobre os milagres deles?

Você acertou? Parabéns! Agora vamos passar para as outras duas “**perguntas do jornalista**”:

Quando? - A passagem contém alguma referência ao tempo em que acontece? Anote os acontecimentos mencionados na passagem.

Onde? - Menciona-se algum lugar? Vá anotando, e se você já conhece alguns detalhes relevantes para o entendimento da passagem, coloque-os no seu caderno.



Na próxima fase, de interpretação, você poderá utilizar mapas e um dicionário bíblico e as informações no final deste livro, para deixar mais precisos seus conhecimentos.

Antes releia cuidadosamente Lc 4.16-30, assegurando-se de que suas respostas estejam baseadas no conteúdo verdadeiro da passagem. Talvez você fique admirado de quantos fatos descobrirá.



Escreva suas descobertas

Quando? - _____

Onde? - _____

Podemos acompanhar bem a seqüência dos acontecimentos daquele dia:



Quando?

Num sábado Jesus foi à sinagoga, **então** foi passado para ele o rolo do livro do profeta Isaías. **Tendo fechado o livro** Jesus fez a sua exposição.

Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir. Até aqui está tudo bem. Todos se maravilhavam das suas palavras de graça.

E prosseguiu... Este é o ponto de virada da situação. Jesus se refere aos **dias de Elias e Eliseu**, dois dos profetas mais marcantes da história de Israel, mostrando que no fazer vários milagres eles tinham dado preferência a pessoas gentias.

De repente **Todos na sinagoga se encheram de ira** e agrediram ao pregador; contudo, ele passou pelo meio deles.

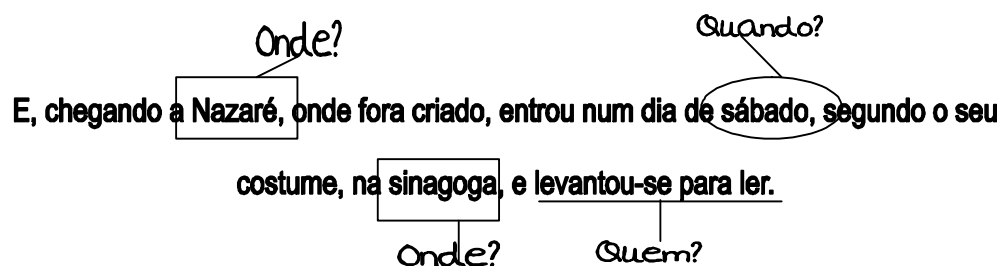
Onde?

Aqui você deve ter notado as referências à **sinagoga, Cafarnaum, Israel, Nazaré, e o monte** sobre o qual estava edificada. Você provavelmente tem conhecimentos sobre esses lugares, e na próxima fase poderá descobrir mais informações para iluminar a narrativa.

B. “Análise Sintática”

Uma maneira interessante de fazer isso é escrever o texto bíblico em uma folha de papel. Então, você poderá marcar as palavras significativas com cores diferentes, usando vários símbolos como triângulos, círculos, etc. Você poderá traçar linhas para destacar as divisões do assunto e as conexões entre os diversos pensamentos. Vale a pena experimentar isso, e ver se a técnica ajuda você pessoalmente.

Veja o exemplo abaixo:



Palavras Repetidas

O próximo passo para destrinchar nossa passagem bíblica, é procurar palavras ou frases repetidas, porque elas podem salientar uma ênfase especial ou um interesse teológico na mente de quem fala ou escreve.



Procure em Lc 4.16-30 para ver se descobre palavras repetidas. Se há, liste-as na tabela abaixo. Junto de cada palavra, anote a ênfase no propósito do autor que você pensa ser indicada pela repetição.

Exo

Palavra repetida	Ênfase Indicada
sinagoga (v.16,20, 28)	É o local onde Jesus vai de costume e inicia o ensino sobre sua missão. É também a cena da primeira rejeição consciente dele.
profeta (v.17,24,27)	Jesus já foi anunciado pelo profeta Isaías e ele mesmo se considera um membro da linha profética, sendo assim rejeitado pelo próprio povo.
Israel (v.25,27)	Deus freqüentemente age de forma especial, fora dos limites de Israel.
muitos (v.25,27)nenhum (v.26,27)senão (v.26,27)	Jesus destaca que havia muita oportunidade para Deus atuar dentro dos limites de Israel, mas escolheu abençoar pessoas gentias através dos seus profetas
então (v.17,21)	É uma conjunção, separando as diversas fases da sequência dos acontecimentos.



Lucas está salientando que Jesus relacionou sua mensagem ao judaísmo e ao povo da terra onde foi criado. Eles tinham a opção de aceitar ou rejeitá-lo. As afirmações eram grandes demais para eles, principalmente quando ele falou do seu papel profético, e da atuação de Deus fora dos moldes tradicionais de Israel.

O Tema Central 1

Um perigo para o principiante no estudo sério da Bíblia, é que pode-se ficar tão envolvido no explicar os detalhes do texto que se perde o argumento central da passagem bíblica. Evitamos isso pela prática de voltar nossa atenção freqüentemente ao tema central. Então os detalhes podem ser relacionados a este tema.

Lembre-se que nesta etapa nos preocupamos somente com a observação. Ainda não estamos tentando interpretar ou aplicar o texto. Estas etapas virão depois.

Agora vamos ver se estamos pegando o jeito:

1. Escreva agora em dez palavras, ou menos, o tema central de Lc 4.16-30, lembrando-se de esboçar somente **os resultados da observação - o que o texto diz.**

Você já definiu “**o quê**” a passagem diz. Esta resposta poderá ser semelhante, mas talvez melhorada pelo decurso das suas observações da passagem.

2. Você deve ter observado que há vários temas ou subtópicos na passagem. Muitas vezes são destacados pelos parágrafos, ou pelas etapas dum diálogo, ou frases duma narrativa. Tente discerni-los, listando-os, e depois escreva em menos de dez palavras um título para cada subtópico e os versículos em que se acha cada um deles.

Versículos Subtópicos

1. _____
2. _____
3. _____

Esta é uma boa dica para você achar o tema central do texto bíblico!

Podemos descobrir alguns temas interessantes para este trecho da Palavra de Deus, porém, o tema que salta aos nossos olhos é **Jesus prega em Nazaré. É rejeitado pelos seus**. Então, esta é uma boa resposta para a primeira questão.

Quanto à segunda questão, podemos perceber no verso 16 - Jesus na sinagoga; nos versos 17-21 - A pregação em Nazaré; no verso 22 - A reação do povo; entre os versos 23 e 27 - que os profetas não são aceitos em sua própria terra; e nos versos 28-30 - A raiva do povo.



Há bastante espaço para variações na resposta desta segunda questão. Se você escreveu muito diferente, verifique se sua resposta resume o texto inteiro.

O Tópico de Interesse Geral

Será um bom estímulo para você e para pessoas para quem você está preparando o estudo bíblico se conseguir já relacionar a passagem a um tópico de interesse geral. Além de aumentar seu interesse, isso poderá ajudá-los a concentrar-se mais no tema central da passagem e não se perderem nos detalhes. A que “**ponto alto**” esta passagem se relaciona?



Escreva uma frase: Com que problema de interesse de cristãos, não cristãos, ou dos dois você relacionaria esta passagem?

Uma sugestão de resposta, que não seria necessariamente a mesma que você teria de dar, é a seguinte: Às vezes a pessoa que quer servir a Cristo acha-se rejeitada pelos parentes, e até pelos membros da sua igreja. Este trecho mostra-nos o significado de tal situação.



Aqui termina a primeira etapa do nosso estudo.

Quanto tempo você gastou até aqui? _____

Se você tem alguma observação sobre o estudo nós queremos saber!
Escreva para nós dando sua opinião ou sua contribuição ao estudo.
Você poderá utilizar o e-mail ou poderá postar seu comentário no
ambiente virtual para que outros alunos conheçam sua opinião.



Agora volte ao ambiente virtual de estudos e **faça o primeiro teste** desta disciplina.

Conteúdo

UNIDADE 2 - A fase da interpretação	19
Introdução	19
Pergunta-Chave	20
Palavras e Frases com Significados Especiais	23
O Contexto	25
O Contexto Literário	25
O Contexto Histórico/ Geográfico/ Cultural	27
O Contexto Religioso	29
O Tema Central 2	30

UNIDADE 2

2

A fase da interpretação



Objetivos de aprendizagem

- Ao final desta unidade você será capaz de ir além da pergunta “*o que diz o autor?*” para descobrir “*o que quer dizer o autor?*”
- Ao final desta unidade você será capaz de usar outros recursos, além da Bíblia, para conhecer melhor o texto, dentro de seu contexto.

Introdução

Na primeira unidade você aprendeu como observar o texto bíblico usando apenas a Bíblia como fonte de observação. Você pôde perceber o quanto podemos descobrir no texto somente observando-o.

Passando para a segunda etapa deste método, você irá praticar a fase da **interpretação**, utilizando dicionários, concordâncias, mapas bíblicos, comentários, dentre outros, para trazer à luz novas descobertas.

O propósito desta unidade é ir além da pergunta “*o que diz o autor?*” para descobrir “*o que quer dizer o autor?*”; qual a idéia ou mensagem que ele quer comunicar através das palavras inspiradas?

Pergunta-Chave

Para descobrirmos o significado do que o texto diz, formulamos uma **pergunta-chave de interpretação**: “Qual o fato principal que quero entender na interpretação da passagem?”

Esta pergunta-chave deverá abranger tanto a época da passagem bíblica como a do leitor hoje.



Estou curioso para saber que pergunta devo fazer à passagem! Como essa pergunta descobre uma resposta dentro da passagem? Estou grilado!!!

Muito bem! Você já entrou no ritmo, pois é exatamente assim que deve ser a pergunta-chave:

- a) É uma pergunta que você quer fazer para a passagem.
- b) Ela deixa você “grilado”; é uma parte do seu pensar diário.
- c) Como é que essa pergunta descobre uma resposta dentro da passagem?

Abra sua Bíblia, e leia Lc 5.1-11 Procure na passagem duas diferentes perguntas-chave.

Dica: Você encontrará uma pergunta no v.10 e outra no v.11.



¹ Certo dia Jesus estava perto do lago de Genesaréa, e uma multidão o comprimia de todos os lados para ouvir a palavra de Deus. ² Viu à beira do lago dois barcos, deixados ali pelos pescadores, que estavam lavando as suas redes. ³ Entrou num dos barcos, o que pertencia a Simão, e pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia. Então sentou-se, e do barco ensinava o povo. ⁴ Tendo acabado de falar, disse a Simão: “Vá para onde as águas são mais profundas”, e a todos: “Lancem as redes para a pesca”. ⁵ Simão respondeu: “Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és tu quem estás dizendo isto, vou lançar as redes”. ⁶ Quando o fizeram, pegaram tal quantidade de peixes que as redes começaram a rasgar-se. ⁷ Então fizeram sinais a seus companheiros no outro barco, para que viessem ajudá-los; e eles vieram e encheram ambos os barcos, ao ponto de começarem a afundar. ⁸ Quando Simão Pedro viu isso, prostrou-se aos pés de Jesus e disse: “Afasta-te

de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!” ⁹ Pois ele e todos os seus companheiros estavam perplexos com a pesca que haviam feito, ¹⁰ como também Tiago e João, os filhos de Zebedeu, sócios de Simão. Jesus disse a Simão: “Não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens”. ¹¹ Eles então arrastaram seus barcos para a praia, deixaram tudo e o seguiram.

NVI - Nova Versão Internacional.

Anote suas perguntas—chave para Lc 5.1-11

Você conseguiu achar as duas perguntas-chave?



Uma delas poderia ser semelhante a: “*Como as pessoas podem ser ganhas para Cristo?*” A outra estaria mais ligada a um estudo evangelístico: “*Por que seguir a Jesus Cristo?*”

Não tem problema se suas perguntas ficaram diferentes, desde que o sentido seja o mesmo. Você pegou a idéia?! Então, aqui está mais um exercício.



Qual é a sua pergunta-chave de interpretação de Lc 4.16-30? Que é que você quer saber mais sobre o significado da passagem?

Anote suas perguntas—chave para **Lc 4.16-30**

Uma boa pergunta seria “Como é que uma pessoa ou grupo, ouvindo as Boas Novas de Jesus poderia ficar com tanta raiva?”

Em minha experiência, presenciei uma congregação onde algumas pessoas cochilavam sentadas, ou até externaram certa desconfiança; mas dificilmente saíam com o intuito de linchar o pregador!

A resposta indicada pelas palavras repetidas de Lucas é: Porque não gostaram dele colocar-se como profeta, e dizer que Deus podia agir fora dos limites de Israel.



Como é que as minhas descobertas sobre a passagem até este ponto respondem à minha pergunta-chave de interpretação?

Todas as perguntas nesta seção do estudo têm como objetivo principal esclarecer a resposta desta *pergunta-chave*.



No decorrer do trabalho você poderá descobrir que sua *pergunta-chave* não é a mais apropriada. O mesmo aconteceu com muitas pessoas que foram conversar com Jesus! Tiveram que deixar que ele mudasse as perguntas delas. Agora, em termos práticos, se você perceber que as respostas que a passagem fornece não têm muita relação à sua *pergunta-chave*, precisa formular outra mais apropriada ao significado do trecho. Depois, passe novamente pelo estudo que fez, aplicando sua nova pergunta e fazendo quaisquer modificações que sejam necessárias.

Até aqui você está utilizando somente sua Bíblia e, é claro, sua cabeça. Agora vamos abrir o leque, e enriquecer nossos estudos através da leitura de outros livros. Você poderá perceber como é possível uma utilização mais ampla dos recursos auxiliares ao estudo do texto bíblico, praticando com a continuação desta disciplina.

Detalhes que você descobriu através de um comentário ou outras leituras

Faça download do Anexo1, ele oferece muitas informações úteis

Primeiro colocamos apenas as informações que pertencem à parte de **observação**.

Em seguida, procuramos um comentário sobre o livro bíblico que estamos lendo.

Por exemplo, para responder a pergunta: Quem? assinalamos as personagens: **Jesus; todos da sinagoga; Elias; Eliseu.**

Para a pergunta: Quando? notamos que era **no sábado**, e acompanhamos a seqüência daquele culto na sinagoga. Era um acontecimento inédito, mas entender as solenidades normais da sinagoga nos ajudará a compreender melhor aquela ocasião anormal. Para responder a pergunta: Onde? consideramos, além de **sinagoga**, os lugares: **Cafarnaum; Israel; e Nazaré.**



Não se esqueça!

Quando você utilizar comentários e outros livros de referência, registre as fontes das informações junto de suas anotações, como nome do livro, número da página, autor, editora, ano. Para que possa fazer novas consultas e dê os devidos créditos aos autores dos livros!

Leia o “Apêndice 1” e pense como as informações lhe ajudam a responder sua pergunta-chave.

A citação de Is 61.1,2, e 58.6 destaca que Jesus viu no ministério dele mesmo culminante no plano de Deus, e que ele assumia o papel de *Servo do Senhor*. Para o “filho do carpinteiro” fazer afirmações tão grandes sobre si era demais para o povo que o tinha visto crescer no seu meio.

Médico, cura-te a ti mesmo - Os nazarenos queriam evidências para sustentar tais pretensões. “Vamos ver provas daquilo que você fala sobre si. Senão...”

Ungiu - A unção pelo SENHOR era reservada para profetas, sacerdotes e reis. Os conterrâneos tinham que acreditar em Jesus, ou puní-lo por sua presunção.

Palavras e Frases com Significados Especiais

Aqui você explica brevemente as expressões que precisam ser detalhadas porque são:

A - difíceis de entender, inclusive do ponto de vista da língua portuguesa.

B - citações de outras passagens bíblicas (Geralmente destacadas por aspas ou por um recuo do texto no início de cada linha).

C - figurativas, e podem ser importantes na explanação do texto.

As expressões figurativas fazem a nossa alma transbordar de prazer ao lermos a Bíblia. A Bíblia é rica em expressões figurativas, como por exemplo “O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador” Sl 18.2 ; “para Deus somos o perfume de Cristo” 2 Co 2.15; “Eu sou a videira; vós sois as varas” Jo 15.5; “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” Jo 10.11.

Várias delas foram passadas para as línguas modernas porque têm significados tão ricos. Contudo, há um perigo aqui. Por causa das palavras serem tão familiares, facilmente podemos perder contato com o significado delas. Uma parte importante da *interpretação* é identificar as palavras usadas em sentido figurativo e esclarecer seu significado.

Vamos exercitar!

Após ler **Lc 4.16-20** novamente liste as expressões com significados especiais que precisam de uma explicação para uma pessoa não familiarizada com a leitura bíblica. Procure:

Expressões figurativas

Citações de outras passagens bíblicas



Expressões figurativas: ungiu (v.18); ano aceitável (v.19); “médico cura-te a ti mesmo”(v.23).

Citações de outras passagens bíblicas: A citação de Is 61.1,2 (v.18,19)

Você pode ter encontrado mais ou menos expressões. Depende da sua familiaridade com o texto. Você notou que todas as expressões

que estão no exemplo têm significados que vão muito além do sentido comum das palavras? Isso quer dizer que qualquer pessoa sem um bom conhecimento da Bíblia precisará de esclarecimentos para entendê-las. No caso de você dirigir um grupo de estudo bíblico evangelístico, é natural que haja nele alguns não-cristãos necessitando de informações sobre a linguagem bíblica. Mesmo os cristãos podem ter lacunas no conhecimento da sua fé.

O Contexto

O propósito desta fase do nosso estudo é de descobrirmos como o contexto esclarece o que encontramos no texto. Ele nos ajuda a responder nossa *pergunta-chave de interpretação*.

O contexto é aquilo que cerca o texto ou seus acontecimentos.

Escolheremos três aspectos sob os quais vamos examinar o contexto:

- * Contexto Literário
- * Contexto Histórico / Geográfico / Cultural
- * Contexto Religioso

O Contexto Literário

Começaremos olhando os trechos que vêm logo antes e logo depois da passagem em estudo. Este é freqüentemente conhecido como o *contexto imediato*.



Leia, cada uma por vez, as seções do Evangelho de Lucas, que vêm antes da nossa passagem, até chegar numa narrativa que você conhece bem, e que servirá de referência histórica para localizar os acontecimentos da rejeição de Jesus em Nazaré, dentro do ministério de Jesus. Depois, se quiser, poderá fazer a mesma coisa com os trechos subsequentes ao nosso.

Escreva esse ponto de referência no seu caderno. Então coloque no seu caderno a resposta às seguintes perguntas.

Em que período do ministério de Jesus se deram os acontecimentos de Lc 4.16-30?

A resposta que você acabou de dar leva você a que conclusão sobre o significado da passagem em pauta?"



Ponto de referência: A tentação de Jesus no deserto (Lc 4.1-13), que se seguiu ao batismo dele, acontecimentos que deram início ao ministério público.

Localização histórica de Lc 4.16-30: Havia um lapso de tempo, indicado em Lc 4.15,23, etc; mas a visita a Nazaré ocorreu perto do início do ministério de Jesus.

Conclusão quanto ao significado do acontecimento: Jesus deu prioridade à pregação da mensagem de salvação aos seus conterrâneos e esses foram os primeiros a rejeitá-Lo.

Agora precisamos saber como nossa passagem cabe dentro do propósito de Lucas ao escrever o Evangelho. Chamamos isso de *contexto bíblico intermediário*.

Neste ponto é sensato utilizarmos os serviços dos estudiosos no assunto. Talvez você já tenha bastante conhecimento sobre a autoria deste Evangelho. Senão, poderá obter algumas informações necessárias para sua resposta na leitura do verbete LUCAS, EVANGELHO DE, no **Anexo 1** que você já fez o download.



UMA TAREFA DE DEZ MINUTOS

Leia o verbete LUCAS, EVANGELHO DE. Baseando sua resposta nele e quaisquer outras informações ao seu dispor, Anote os novos fatos que você descobriu e que irão influenciar sua interpretação.

Tente fazer esta tarefa antes de continuar.

Conforme Lc 1.1-4 o evangelho foi escrito para Teófilo (que provavelmente era um ícone representativo dos gentios recém-convertidos) a fim de que tivesse firmeza na sua nova fé.

Lucas está dizendo: “Estas coisas são os fatos do evangelho e era assim o ministério de Jesus”. Esta narração então seria ilustrativa do significado do evangelho. Jesus, o Servo do Senhor cumprindo sua missão salvadora no poder do Espírito foi rejeitado pelo povo que mais devia aceitá-lo. Não é de se assustar, então, quando seus seguidores (como narrado em Atos) são rejeitados pelos judeus e vão para os gentios.

No terceiro aspecto, o *contexto bíblico remoto*, incluímos o exame das

passagens paralelas, outros escritos do mesmo autor, e até como tudo cabe dentro da Bíblia, como uma obra literária.

As passagens paralelas são aquelas que tratam do mesmo acontecimento. Duas ou mais testemunhas do mesmo fato poderão iluminar para nós não somente o que aconteceu, mas também seu significado. Às vezes também um autor bíblico cita um trecho que já foi incluído nas Escrituras e podemos perceber isso pelas semelhanças literárias. Normalmente as passagens paralelas são indicadas junto com o título da seção do texto.

Aqui não procuramos fazer um estudo completo dessas passagens, mas sim observar o modo pelo qual elas iluminam o trecho de nosso estudo.



Examine as passagens paralelas citadas no texto, e anote o modo pelo qual deverão influenciar nossa interpretação de Lc 4.16-30.

Tanto Mateus (13.53-58) como Marcos (6.1-6) relatam vários acontecimentos que já se deram após o batismo e as tentações. Lucas se refere a eles (4.14,15), mas sem tratá-los detalhadamente. Parece que quer destacar mais ainda que a rejeição pelos conterrâneos era uma característica do ministério de Jesus desde o início (cf. João 1.11).

Outro fato que se destaca é a causa da rejeição. Mateus diz “E não fez ali muitos milagres *por causa da incredulidade deles*”.



Você está conseguindo acompanhar tudo? Com o tempo e a prática neste método, você irá adquirir experiência e conhecimento crescentes das Escrituras e poderá mergulhar nas profundezas bíblicas, fazendo descobertas maravilhosas e crescendo na Palavra do Senhor a cada dia. Que assim seja!

O Contexto Histórico/ Geográfico/ Cultural

Onde se deu a ação descrita? De onde escreveu o autor, ou no caso de uma carta, onde moravam seus destinatários? Como o ambiente influenciou o que foi falado ou feito ou escrito?

Sobre o contexto histórico queremos saber:

O que tinha acontecido antes? Os fatos mais simples influenciam as pessoas envolvidas, e não somente as guerras ou mudanças políticas. Por exemplo, se um amigo seu acabou de sofrer um acidente de automóvel, provavelmente você estará na estrada com bastante cuidado. Assim os acontecimentos do contexto podem ajudar a interpretar as palavras e atitudes no texto.

O *contexto geográfico* são as características dos locais mencionados ou não no texto que poderiam influenciar as palavras e as ações incluídas na passagem de estudo.

Nos termos do *contexto cultural*, pensamos no modo pelo qual as atitudes e a linguagem do texto foram afetadas pelo ambiente cultural reinante.

Nesta seção do estudo, pensamos na história dos indivíduos e povos mencionados, na situação política e social deles. Refletimos sobre o ambiente geográfico do autor do livro, de seus primeiros leitores e no caso de uma narrativa, consideramos também o local das ações.

Não se preocupe se as informações são muitas para assimilar. Você tem a *pergunta-chave de interpretação* para ajudar-lhe a discernir entre os fatos relevantes e os não-relevantes.



Vamos perguntar em cada caso: Estas informações ajudam a esclarecer as ações e palavras de Jesus, e a motivação dos nazarenos?

Escreva agora os fatos históricos/ geográficos/ culturais significativos e como eles lhe ajudariam no entender o significado da passagem. Você poderá reler também os verbetes NAZARÉ; ISRAEL; SINAGOGA; UNGIU; no **Anexo 1**



Naquela época, como agora, o povo judaico era intensamente nacionalista porque já teve de lutar muito pela sobrevivência nacional. A sua fé sempre tinha sido elemento forte em sua vida, até o ponto de ser inseparavelmente ligada ao nacionalismo. Pode ser argumentado que numa cidade fronteiriça como Nazaré essas emoções seriam mais acentuadas e expressas mais violentamente que em outros lugares. Certamente houve rebeliões violentas naquela região, mas os habitantes de Jerusalém também mostraram sua aptidão para a violência. A situação geográfica de Nazaré forneceu-lhes um local onde facilmente poderiam ter lançado Jesus precipício abaixo.

O Contexto Religioso

As ações de todas as pessoas são modificadas pelas suas crenças e com certeza é necessário prestar bastante atenção nisso quando estudamos a Bíblia.



- Os participantes mudaram sua crença ultimamente?
- Há pessoas envolvidas, seguidores de outras crenças, como uma outra religião ou uma perversão do cristianismo?

É claro que não é possível aprofundar muito em todos os aspectos do contexto, mas devemos examiná-lo onde atinge diretamente o texto que estudamos.

Leia Lc 4.16-30 novamente e veja que conclusões pode tirar sobre o contexto religioso relatado ali. As informações citadas anteriormente sobre ISRAEL e SINAGOGA poderão ajudar aqui também. Lembre-se que já lemos sobre ELIAS na fase da Observação (1Rs 17.8-16) e ELISEU (2Rs 5.1-14). É difícil distinguir entre o contexto religioso e o contexto histórico/ geográfico/ cultural, mas não se preocupe com isso.



Sob este aspecto do contexto podemos destacar três fenômenos para investigar:

1. Por que Jesus participava e pregava nos cultos das sinagogas?
2. O significado de Jesus dizer “Hoje se cumpriu a Escritura que acabeis de ouvir”.
3. O significado das referências às histórias de Elias e Eliseu em Lc 4.25-27.

A discussão de SINAGOGA no Apêndice 1 destaca que era o local de culto ao Senhor e de exposição do Antigo Testamento.

Como foi colocado na discussão do termo UNGIU, é provável que Jesus não se proclamava como Messias nessa pregação. Contudo a passagem deixa óbvio o fato dele colocar-se na linha profética de Israel. A expectativa do povo nesse sentido era muito grande, e não

podiam aceitar que tal cargo fosse ocupado por um carpinteiro de família humilde, pertencente a uma cidade de tão pouca importância como Nazaré.

Elias e Eliseu eram profetas de maior destaque, mas todos os dois tiveram a experiência de serem rejeitados pelo seu próprio povo (Lc 4.24). As maravilhas que fizeram fora das margens de Israel mostraram que Deus não se limitava a trabalhar entre os israelitas, e até preferia revelar-se a povos pagãos.

Jesus diz: “Vocês estão rejeitando-me e mostrando tanta incredulidade como Israel nos tempos antigos. Deus até preferia trabalhar com os gentios do que com vocês, Seu povo”.

O efeito de tal afirmação sobre o nacionalismo religioso dos nazarenos era explosivo. Somente queriam assassinar o pregador de tal mensagem!

Quando Lucas escreveu seu evangelho, provavelmente tinha ouvido, e até observado pessoalmente a mesma reação ao cristianismo nas comunidades judaicas de cidades como Filipos, Tessalônica, Corinto, etc. As ações da congregação em Nazaré destacaram quão grande era sua incredulidade e a inveja que eles tinham, desde o início, do ministério de Jesus.

Você concordou comigo nestas conclusões? Se não, não há problema nisto! Aqui há bastante espaço para divergências. Penso que descobrimos respostas suficientes para esclarecer nossas perguntas-chave sobre a motivação dos nazarenos.

O Tema Central 2

Estamos no ponto onde podemos esboçar nossa interpretação, olhando novamente o *Tema Central* da passagem e dizendo: Qual a mensagem que Lucas quer colocar através de suas palavras inspiradas?

Sua conclusão nesse ponto assemelha-se muito com o **Tema Central 1**, mas será modificado pelos estudos das expressões de significado especial, do contexto, etc. Também deverá abranger tanto a realidade daquela época, como a nossa, hoje. Contudo, o intérprete não tem o direito de inventar! Ele precisa mostrar o significado verdadeiro do texto com base em seus estudos.



Vaós fazer uma tabela para organizar nossas descobertas?

Escreva o “Tema Central (2)”; a idéia que Lucas está querendo comunicar nesta passagem, e que é relevante para todos os tempos. Escreva também um título para cada subtópico do texto, destacando a contribuição que ele dá para comunicar a idéia mais importante.

Tema Central:	
Contribuições de cada subtópico	
V. 16	
V. 17-21	
v. 23-27	
v. 28-30	

Aqui também pode haver muitas divergências na resposta, o que significa que somos diferentes e muito criativos! Podemos comparar nossas respostas e aprender um com outro!

Você aproveitou os estudos que fizemos até agora para entender com mais clareza a idéia que Lucas quer comunicar? Nesse ponto poderá também refletir: Recebi a resposta à minha pergunta-chave de interpretação? Senão, talvez seja esta a hora de mudá-la para uma mais apropriada e passar novamente por seu estudo, aplicando a nova pergunta.



Tema Central (2) - Jesus é rejeitado pelas pessoas que mais deviam aceitá-lo (quer dizer, a comunidade religiosa da sua própria cidade).

v.16: Jesus identifica-se com a fé e a esperança daqueles que cultuam a Deus através da sua Palavra.

v.17-21: Jesus afirma ser o cumprimento das promessas do Antigo Testamento.

v.22: Os ouvintes não conseguem acreditar que Jesus seja a revelação final de Deus.

v.28-30: Ferido o comodismo dos religiosos, eles querem acabar com a presença de Jesus, mas não conseguem tocar nele.

Muito bem! Chegamos ao final desta segunda unidade! Até aqui já aprendemos a ler a Bíblia sem outros recursos, também aprendemos a utilizar comentários bíblicos, outras versões bíblicas, dentre outras fontes.

Na próxima unidade veremos como aplicar a porção da Palavra de Deus ao nosso coração, pois este é o principal motivo pelo qual nós devemos ler a Bíblia!



Agora vá até o ambiente virtual de estudos e faça o teste referente à Unidade 2. Em seguida, faça o Download do conteúdo da Unidade 3.

Vamos em frente!

Conteúdo

UNIDADE 3 - A fase da aplicação	35
Introdução	35
Primeiro Nível Para aquela época	36
Segundo Nível Para a Igreja de hoje	36
Terceiro Nível Para minha vida	36
Oficina de Estudo Bíblico	38
Mais um Exemplo	39
Como Preparar Perguntas	42
A Boa Pergunta	42
A Pergunta Pobre	42

UNIDADE 3

3

A fase da aplicação



Objetivos de aprendizagem

- Ao final desta unidade você será capaz aplicar o texto bíblico estudado à sua vida e à vida de seus ouvintes;
- Ao final desta unidade você será capaz de entender o principal motivo porque estudamos a Palavra de Deus, aplicar à vida.

Introdução

A esta altura da disciplina você já sabe observar o texto por si só e também sabe aproveitar bem outros recursos além da Bíblia.

Nesta unidade você verá a importância de aplicarmos os conhecimentos bíblicos à vida, às experiências do dia-a-dia. Sem a Aplicação seu estudo bíblico fica vazio de sentido, servirá apenas para seu estímulo intelectual. A fase da Aplicação é importantíssima para o aproveitamento das Escrituras Sagradas para a nossa vida.

Vamos juntos descobrir o quanto a Palavra do Senhor pode tocar os nossos corações. Aplique para a vida!

A pergunta básica aqui é: “Que é que o autor queria que seus leitores fizessem?” Para respondê-la devemos trabalhar em três níveis, não nos esquecendo também das implicações éticas e sociais da mensagem.

Primeiro Nível

Para aquela época

Aqui pensamos no tempo do escritor. “Qual seria a maior aplicação **para aquela época?**”

Lucas deixa explícito na sua introdução ao Evangelho que ele quer que Teófilo tenha certeza quanto aos fatos da fé cristã. Teófilo já estava sendo instruído no Evangelho, e com certeza tinha recebido instruções quanto às implicações práticas da mensagem.

Segundo Nível

Para a Igreja de hoje

“Como esta passagem deverá afetar **a igreja de hoje?**”

“Você acha que nós, como Igreja de Cristo, temos nos recusado a obedecer neste ponto?”

Já vimos como a mensagem da Bíblia é essencialmente prática. Somos chamados para obedecer, mas gerações de cristãos têm se mostrado habilidosos em evitar as consequências práticas da Palavra de Deus. Até seus mensageiros começam a perder a expectativa de algo concreto acontecer. Depois de ouvirmos um sermão, muitas vezes perguntamos: “Mas que é que o pregador diz que devo fazer?”

Terceiro Nível

Para minha vida

“De que modo **minha vida** deve ser moldada através desta passagem das Escrituras?”

Nunca devemos negligenciar a aplicação predominante para os leitores ou ouvintes originais, mas Deus quer trabalhar em nossas vidas hoje.

Você já utilizou as famosas perguntas das leituras bíblicas diárias editadas pela União Bíblica?

- Um mandamento a ser obedecido?

- Um pecado a ser evitado?
- Uma promessa em que devo crer, e sobre a qual devo agir?
- Um aviso a ser lembrado?
- Um exemplo positivo a ser seguido?
- Um princípio pelo qual devo viver?



Vamos ver se você está acompanhando?!

1. Imagine-se no lugar de Teófilo. O que você acha que Lucas quer que você faça depois de ler o que ele lhe escreveu?
2. Qual seria a maior aplicação deste texto para a igreja de hoje? Será que cremos e estudamos a Bíblia, mas evitamos aplicar a mensagem dos evangelhos em nossas vidas pessoais e comunitárias? Se for assim, como é que isso acontece?
3. Responder as perguntas individuais acima, da “União Bíblica”, começando com aquelas que se aplicam mais à sua própria vida. Depois tente imaginar outras aplicações que poderiam ser relevantes aos membros do grupo com qual você estuda a Bíblia. Se, mais tarde você dirigir um estudo sobre o texto, descobrirá respostas espontâneas dos vários participantes.

Pense em possíveis aplicações nos três níveis!

Esta é uma atividade que podemos discutir no encontro virtual. Creio que você muito a acrescentar! Mas, enquanto isso, vamos ver o que podemos descobrir!

Primeiro Nível: Parece-me que Lucas está dizendo a Teófilo o seguinte: Os judeus rejeitaram a Jesus, mas você, Teófilo, mesmo sendo gentio poderá aceitá-lo e ter a mesma fé da viúva de Sarepta, de Naamã, o sírio, do centurião de Cafarnaum (Lc 7.9) e de muitos outros.

Segundo Nível: Aqui está um desafio para nós escutarmos a Palavra de Deus, e não ficarmos amarrados em nossos próprios modos de ver e fazer as coisas. Também podemos entender que algumas vezes saímos da igreja após ouvirmos a mensagem criticando o pregador por dizer coisas com as quais não concordamos ou não aceitamos, mas Deus falou aos nossos corações e rejeitamos sua mensagem.

Terceiro Nível: Esta resposta fica entre você e Deus. Nosso ministério junto com as outras pessoas depende muito da nossa obediência pessoal.



Parabéns! Você acabou de concluir um estudo bíblico indutivo de um trecho do Novo Testamento. Gostou? Faremos outro estudo semelhante nesta Unidade e também haverá oportunidade de trabalhar junto com os outros componentes de seu núcleo ou a sós em uma *Oficina de Estudo Bíblico*.

Oficina de Estudo Bíblico

Nesta oficina você irá escolher um dentre os textos bíblicos abaixo e preparar um estudo bíblico indutivo:

At 8.26-40	1Tes 1
1Pe 1.3-12	1Pe 2.1-8

Em seguida, você irá colocar seu estudo bíblico indutivo no mural do ambiente de estudo virtual, para que os demais alunos tenham acesso e façam sugestões, elogios e críticas. É uma oportunidade para praticar e aprender melhor o que estudamos, num ambiente de bastante compreensão.



Depois de feitas as devidas correções e reflexões em seu estudo bíblico aplique-o em uma classe de Escola Bíblica de sua igreja ou em um encontro de célula, ou ainda em um grupo onde você possa exercitar o método e perceber o retorno das pessoas que participarão com você no estudo da Palavra. Talvez seus convidados gostem tanto da experiência que terão a vontade de montar um núcleo de estudos do CADI.

Após a aplicação do estudo você deverá postar um breve relato para compartilhar com os demais alunos como foi sua experiência.



No início do estudo deste módulo, você comprometeu-se a estudar em casa durante três horas por unidade. Quanto tempo desse compromisso ainda sobra esta semana? Dará para você completar a *observação* do seu trecho escolhido antes do encontro semanal? Se não houver mais tempo, invista um pouco mais. Com certeza valerá a pena.

Para fazer o estudo bíblico indutivo o processo é exatamente o mesmo que você seguiu no estudo de Lc 4.16-30. Você responde as mesmas perguntas, mas é claro que desta vez as perguntas serão relacionadas à passagem escolhida por você.



Há alguns verbetes com informações úteis nos **Anexos 1-3**. Se ainda não fez, faça o download destes arquivos.

Mais um Exemplo

Até aqui você conheceu um método de estudo bíblico que parte do próprio texto da Bíblia. Ao invés de estudar explicações sobre a Bíblia, você tem condições de examinar a Bíblia mesmo. Deus falará com você através da palavra escrita.

Esperamos que você adote este método e que a decisão de fazer isso seja um ponto marcante em sua experiência cristã.

Mais um exemplo - Atos 11.19-26. Mais um exemplo - Atos 11.19-26.

Esta semana você terá oportunidade de trabalhar em outro texto bíblico que lhe servirá como exemplo. É mais uma passagem histórica para você exercitar este método.



Abra sua Bíblia em Atos 11.19-26, e faça a leitura repetida como na Unidade 1.

Perguntas de Observação

O.1. Que tipo de literatura é o trecho?

O.2. O quê?

Quem?

Quando?

Onde?

O.3. Escreva algumas expressões repetidas que ajudam a entender o significado da passagem:

O.4. Escreva o Tema Central da passagem em dez palavras ou menos. Verifique os grupos de versículos que contêm os subtópicos, e dê um título a cada um.

O.5. Qual é o tópico de interesse comum - o “ponto alto” - que é levantado neste trecho?

Perguntas de Interpretação

I.1. Formule sua “pergunta-chave de interpretação”:

I.2. Há detalhes da partida que você somente descobre através do apêndice?

I.3. Que podemos aprender do contexto que nos ajudará na interpretação de At 11.19-26?

Contexto literário

Aproveite seu conhecimento do livro de Atos e leia também At 1.1-8; 10.1-11.18.

Contexto Histórico / Geográfico / Cultural

Estude o verbete PERSEGUIÇÃO no **Anexo 3**.

Contexto Religioso



Talvez você tenha tratado do contexto religioso junto com o histórico/ geográfico/ cultural e o literário. Nesse caso, somente precisa ler Gl 1.11-2.21 e escrever quaisquer ampliações da sua resposta que achar necessárias.

I.4. Agora, à luz dos seus estudos sobre as palavras repetidas e sobre o contexto, modifique o Tema Central que você escreveu na pergunta (pergunta de observação) O.4, para destacar a IDÉIA que o escritor quer comunicar neste trecho. Depois escreva um título destacando o SIGNIFICADO de cada subdivisão no seu caderno fazendo uma tabela, assim:

Perguntas de Aplicação

A.1. Que é que Lucas queria que seus ouvintes originais fizessem?

A.2. Qual seria a maior aplicação para a igreja de hoje? Você acha que ela tem reagido a obedecer?

A.3. Qual seria a maior aplicação da passagem para você?



Pronto! Você concluiu mais um estudo bíblico com este método! Continue praticando e você usará o método naturalmente em sua leitura bíblica.

Como Preparar Perguntas

O propósito do estudo em grupo é levar os componentes do grupo a descobrirem por si o que Deus tem a revelar através de sua Palavra. Se o líder tem que responder sua própria pergunta, houve falha na comunicação, porque sabemos que as pessoas podem tirar as respostas do próprio texto. E nós fazemos isso refletindo da mesma maneira que faríamos se estivéssemos estudando a Bíblia sozinhos. Só que o líder do estudo dirige as perguntas sobre o texto bíblico aos membros do grupo.

É bom destacar neste ponto que as perguntas que você usará no estudo em grupo, na maioria serão diferentes das do estudo individual. Normalmente há muito mais tempo e há mais pessoas querendo compartilhar suas idéias.

Se você aproveitar bem o tempo disponível, seus ouvintes ficarão satisfeitos e desejaram participar outras vezes!

Por isso é bom preparar as perguntas com bastante dedicação e antecedência. Elas devem realçar os pontos mais importantes da passagem e levar todos a uma participação ativa na discussão. Devem tratar das três fases de observação, interpretação e aplicação de cada seção do texto, mas não devem ser numerosas demais para o tempo disponível da reunião.

Veja agora algumas diretrizes sobre o tipo de pergunta que procuramos:

A Boa Pergunta

- É clara e breve, fácil de ser captada.
- Faz com que os participantes investiguem o texto.
- Revela algo importante.
- Estimula a pensar e avaliar. Leva à discussão.
- Leva a uma resposta apropriada (verdadeira, em relação ao texto).

A Pergunta Pobre

- Irrelevante para seu propósito.
- Complicada ou vaga demais.
- Não há uma resposta definida.
- Pode ser respondida pelo simples “sim” ou “não”, a não ser que haja uma outra pergunta mais reflexiva imediatamente a seguir.
- Leva à especulação ou aos “tangentes”.
- Os participantes não têm conhecimentos necessários para responder.



Vamos ver como estes princípios funcionam na prática, voltando ao primeiro trecho que acabamos de estudar?

Prepare três perguntas que levem à OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO e APLICAÇÃO do trecho Lc 4.16-30.



Observação: Como Jesus exercia seu ministério aqui?

Interpretação: Por que as palavras de Jesus nos v.25-27 excitavam tanta raiva nos ouvintes?

Aplicação: Como deve ser nossa atitude, ao ouvirmos um aspecto do evangelho cujo a explicação antes não tínhamos compreendido?

Muito bem! Terminamos a terceira unidade!

Pratique bastante o método de estudo bíblico indutivo que você aprendeu aqui, para dar sua opinião, tirar dúvidas e compartilhar suas experiências em nosso encontro virtual nesta semana. Não perca o encontro. Sua participação é muito importante para nós e para os outros alunos do curso.

Esperamos por você!



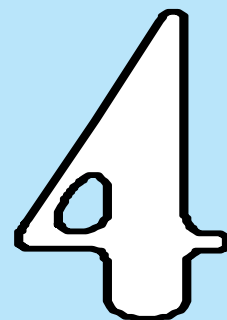
Agora volte ao ambiente virtual de estudos e faça seu teste número 3 desta disciplina.

Bom teste!

Conteúdo

UNIDADE 4 - O desfecho da oficina	48
Introdução	48
Multifuncional.....	49
Oficina de estudo bíblico	50
Conclusão	51

UNIDADE 4



O desfecho da oficina



Objetivos de aprendizagem

- Ao final desta unidade você será capaz de fazer seu próprio estudo bíblico indutivo, usando o método nas etapas Observação, Interpretação e Aplicação;
- Ao final desta unidade você será capaz de avaliar seu próprio desempenho na utilização do método aprendido;

Introdução

Chegamos à última unidade desta disciplina introdutória do Curso de Missões à Distância do CADI. Esperamos que você tenha gostado deste método de estudo da Palavra de Deus e queira que outras pessoas desfrutem dos benefícios do seu trabalho.

Nesta última etapa você irá unir todas as experiências de aprendizado que teve até aqui para construir seu estudo bíblico inédito e criativo.

*Dê a sua importante
opinião, postando
seu comentário
no Fórum desta unidade
do ambiente virtual!*



Como você explicaria a um amigo cristão as vantagens do método indutivo em relação a outros métodos de estudo da Bíblia?

Eu poderia dizer que uma vantagem deste método é que ele favorece que o Senhor fale comigo através da Bíblia os comentários dos homens podem ser importantes e iluminadores, mas nunca poderão substituir a voz de Deus à partir da própria Bíblia e nos termos dela mesmo.

Multifuncional

As respostas que descobrimos às perguntas de análise de uma passagem bíblica poderão ser empregadas de várias formas. Você poderá usá-las na preparação de uma aula expositiva, um sermão ou um estudo em grupo. Este último é normalmente o método que tem mais proveito, e eis a importância da “Oficina de Estudo Bíblico”, onde você poderá exercitar-se mais na utilização do método e também irá compartilhar suas idéias criativas com os demais alunos do curso.

No encontro virtual você poderá comentar sobre as idéias que teve e também conhecer as de seus colegas de turma.

Contudo, será bom se você pensar já também num outro grupo no qual poderá apresentar esse e outros estudos bíblicos. Pense nos colegas de serviço ou escola, vizinhos, membros de sua família, ou num grupo de sua igreja, como por exemplo, uma classe da Escola Bíblica. Para um estudo em grupo, pressupõe-se normalmente a presença de 4 a 12 participantes, capazes de interagir num diálogo, e refletir sobre um trecho bíblico.

Como está sua habilidade na preparação das perguntas? Vamos praticá-la mais uma vez para que você tenha mais confiança para o trabalho da “oficina”.



Prepare três perguntas, uma de observação, uma de interpretação e uma de aplicação sobre o versículo 19 de atos 11.



As suas perguntas podem ser diferentes, mas verifique que cada uma mostre as características de uma boa pergunta listadas na Unidade 3.

Veja exemplos de perguntas que podem ser feitas:

1. Observação: Como o evangelho chegou à Antioquia?

2. Interpretação: Por que você acha que os pregadores do v. 19 somente falavam aos judeus?

3. Aplicação: Que grupos sociais ou religiosos ou étnicos existem em volta da sua igreja, que ouviram o evangelho muito pouco, mas que poderiam mostrar bastante receptividade a ele?

Oficina de Estudo Bíblico



Esta atividade é sua última tarefa.

Você deverá proceder do seguinte modo:

1. Escolha um dos textos bíblicos listados na página 39 ;
2. Desenvolva um estudo bíblico indutivo seguindo os passos estudados: **Observação, Interpretação e Aplicação.**
3. Utilize o **apêndice 4** como roteiro para desenvolver seu estudo.
4. Envie o arquivo de seu estudo bíblico através do ambiente de estudo virtual. Se tiver alguma dúvida, entre em contato conosco por e-mail cemcadi@cem.org.br .
5. Ao final do trabalho, coloque nas Referências Bíblicas, as fontes de onde você fez as pesquisas para seu estudo (autor, título, editora, cidade, ano e página).



GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada.** São Paulo: Vida, 2000. p.327.

Se você é professor de alguma classe de adolescentes, jovens ou adultos em sua igreja, aplique seu estudo e anexe um relatório de como foi sua apresentação. Você também poderá desenvolver o estudo no culto doméstico, em uma reunião de célula ou em uma visita à uma família amiga.

Você poderá enviar-nos seu estudo bíblico para correção antes de aplicá-lo, assim terá mais confiança em sua tarefa prática. Teremos imenso prazer em ajudar. Após a realização do estudo bíblico inclua em seu relatório:

1. Qual sua impressão sobre a experiência;
2. Que retorno percebeu dos participantes (atenção, interesse, contribuições, etc);
3. O que considera ter sido o ponto alto do estudo;
4. O que poderia ter deixado de fazer (falhas, nervosismo, inibição, fala em excesso, etc.)
5. Observações gerais.

Qualquer dúvida que encontrar na elaboração desta tarefa, por favor, não deixe de compartilhar conosco. Mais importante que completá-la é o seu desenvolvimento na utilização do estudo bíblico como uma ferramenta de trabalho na grande seara do Senhor.

Conclusão

Parabéns pela conclusão do módulo! Esperamos que seja somente o primeiro de muitos que você estudará no CADI, e que este aspecto de sua vida seja uma benção tanto para você como para sua igreja. Mãos à obra!



Desta vez você não terá um teste para fazer no ambiente virtual, mas estamos aguardando seu estudo bíblico para concluirmos a avaliação de seu desempenho.

Anexo1 – Referências para os Estudos em Lucas e Atos.

ANO ACEITÁVEL (v.19). No estudo indutivo da Bíblia, sempre queremos interpretar a passagem nos termos da própria Bíblia, e especialmente à luz da linguagem do mesmo autor bíblico. Há três referências a uma época *aceitável* em Isaías. São Is 61.1,2 (o trecho citado por Jesus em Lc 4); Is 49.8 e Is 58.5. O exame de todas essas referências revela que se fala numa ocasião quando o Senhor vai agir para abençoar seu povo. Não devemos nos preocupar se num lugar se fala de um *ano*, em outro de um *tempo* e em outro de um *dia*. Os israelitas da antiguidade não tinham a mesma preocupação do nosso século com números e datas exatas.

Chegamos, então, à conclusão que o termo *dia aceitável* se refere a uma ocasião prevista pelo profeta quando o Senhor agirá para salvar e abençoar ao seu povo.

ANTIOQUIA (DA SÍRIA). A cidade foi fundada em 300 a.C. por Seleuco Nicator, rei do império Seleuco. Ficou à beira de um rio navegável, o Orontes, que tinha na sua foz um bom porto marítimo. Mais tarde ficou como capital da província romana da Síria e era a terceira maior cidade do Império Romano.

R.K Harrison diz que os habitantes tinham uma reputação pela energia, insolência e instabilidade, que manifestou-se numa série de revoltas contra a dominação romana. Havia lá um bosque da deusa Dafnis e um santuário de Apolo, onde eram praticados ritos orgíacos.

A população de Antioquia era sempre mista, e os imperadores seleucos tinham encorajado os judeus a migrarem até lá, dando-lhes plenos direitos como cidadãos. Outros judeus provavelmente fugiram para lá durante as guerras macabéias.

ANUNCIOU-LHE, EVANGELIZAVA. Essas palavras traduzem o mesmo termo no grego original.

BATIZOU. É o sinal público que uma pessoa pertence a Cristo, sendo identificado com Ele na sua morte e na sua ressurreição (Rm 6.3,4). No caso, o eunuco foi batizado após a profissão de fé, e tanto ele como Filipe desceram às águas. Apesar do Novo Testamento destacar a importância do batismo, ele fala muito pouco sobre o método usado na Igreja Primitiva.

A CITAÇÃO em At 8.32,33 é de Isaías 53.7,8. A pergunta do Eunuco “Fala de si mesmo ou de algum outro?” Reflete o fato que havia várias opiniões no judaísmo sugerindo que o *Servo do Senhor* referido aqui era o profeta Isaías ou Jeremias (Jr 11.18-20), ou mesmo o povo de Israel. Filipe porém, destacou que Jesus é a chave da profecia (cp. Lc 24.25-27, 44-47).

A CITAÇÃO DE ISAÍAS 61.1,2 (v.18,19) vem da *Septuaginta*, a tradução grega do Antigo Testamento. Essa era comumente usada no 1º século d.C., porque muitos não entendiam mais o hebraico da versão original dele. À citação de Is 61.1,2 está acrescentada uma frase de Is 58.6, *para pôr em liberdade os oprimidos*. O trecho citado fala do triunfo do *Servo do Senhor* e do povo Dele, previsto pelo profeta Isaías. Outras passagens sobre o *Servo do Senhor* são Is 42.1-9; 49.1-7; 50.1-11; 52.13-53;12.

CONTEXTO de At 11.19-26. Sobre o contexto literário será útil aqui seu conhecimento geral do livro de Atos, e especialmente os trechos de 1.8 e 10.1-11;18. Sobre o contexto histórico, leia também o verbete PERSEGUIÇÃO no anexo 2, e sobre o contexto religioso, leia Gl 1.11-2;21.

ELIAS, ELISEU (25-27). Estes dois profetas eram da maior importância para o povo israelita, mas fizeram milagres a favor de pessoas não-israelitas. Do seu conhecimento geral da Bíblia você provavelmente se lembrará que os dois tiveram experiências de rejeição pelo seu povo. Poderá rever os relatos deles em 1Rs 17; 2.23; 5.1-14.

ETIÓPIA. Não ocupava o território do país que conhecemos por esse nome. Era situada na região superior do Rio Nilo, que hoje conhecemos por Sudão. Havia lá umas colônias da dispersão judaica.

EUNUCO. A palavra provavelmente, mas não necessariamente, significa um homem castrado. Sendo assim ele não poderia entrar no templo judaico (Dt 23.1). Ele, como Cornélio e muitos outros, seria um temente a Deus, quer dizer, alguém que cultuava ao Senhor (8.27) sem cumprir todas as condições da lei judaica (cp. 13.16-26; 16.14; 17.4;17; 18.7).

O fato do etíope viajar de carro (provavelmente puxado por boi) destaca, como as palavras de At 9.27, a alta posição de responsabilidade que ele ocupava. Pelos costumes sociais da época, Filipe nunca teria chegado a ele para conversar, a não ser pela orientação divina muito clara.

ISRAEL. Era este o nome dado por Deus a Jacó em Gn 32.28. Dele descendia o povo que se chamava pelo mesmo nome.

O essencial de Israel era um relacionamento único com Deus, que implicava numa separação das práticas pagãs dos povos vizinhos. A história do Antigo Testamento destaca uma vez após outra como os israelitas desviaram-se do seu propósito especial e foram punidos pelo Senhor. A lição mais dura foi a destruição de Jerusalém e o exílio da população sobrevivente em 587 a.C., mas depois dela o povo nunca voltou para a idolatria.

Nos séculos seguintes a comunidade judaica teve que lutar pela sobrevivência e o foco de sua identidade nacional foi a lei de Deus. Mesmo até os tempos

modernos tem sido impossível fazer uma separação entre a religião e a vida sócio-política do povo. A época de Jesus não era nenhuma exceção. Qualquer inflamação das emoções religiosas levaria a um efeito acentuado na vida social e política, e vice-versa.

JOSÉ (v.22). Jesus seria conhecido como “o filho de José”, tendo crescido na família deste. As histórias da meninice de Jesus são conhecidíssimas porque formam parte da religião popular brasileira. Por isso, se você não tem bastante familiaridade com o texto bíblico, leia-os novamente em Mt 1;2, e Lc 1;2 para verificar que não confundiu nenhuma lenda popular com a narração bíblica.

LUCAS, EVANGELHO DE. Quanto à autoria do evangelho não há razão de negar a tradição antiga que tanto ele como o livro de Atos foram escritos por Lucas, “o médico amado” (Cl 4.14), e companheiro do apóstolo Paulo.

Os dois livros foram dirigidos ao *excelentíssimo Teófilo* (Lc 1.1-4; At 1.1), um indivíduo que tinha recebido instrução da fé cristã. Provavelmente era um gentio de posição elevada e representativo de muitos gentios recém-convertidos.

Há dois grupos de palavras que salientam os interesses teológicos de Lucas. O primeiro é *evangelização* e suas ramificações, e o segundo é a palavra *salvação* e seus sinônimos. Assim Lucas destaca como a mensagem de Jesus era de salvação oferecida para todos, e especialmente para os desprezados da sociedade. Sua rejeição pelos judeus deu a oportunidade para aceitação pelos gentios.

“MÉDICO, CURA-TE A TI MESMO” (v.23). Este provérbio é conhecido em outros documentos da antiguidade, mas descobrimos seu significado aqui somente pelo exame indutivo do texto. O senso geral está claro e deverá significar algo como: “Como melhorou sua posição perante a sociedade sem o nosso conhecimento?” ou “Se estes relatórios de milagres feitos em Cafarnaum são verdadeiros, faça o mesmo aqui e ressalve sua reputação diante dos nossos olhos”.

NAZARÉ. A cidade de José e Maria era muito pequena, e escondida numa vale elevado acima da planície de Esdrelom, no norte da Palestina. Era uma cidade fronteiriça, mas durante o tempo dos romanos tinha sido incorporado na vida judaica.

AS CHAVES [] em At 8.37 na Edição Atualizada indicam palavras que não aparecem nos melhores documentos ao dispor dos tradutores, e provavelmente não pertenciam ao texto original de Atos.

SINAGOGA (v.16) .A sinagoga mais que qualquer instituição imprimiu caráter à fé judaica. Era o nome dado à assembléia de membros da comunidade judaica, e depois ao prédio usado para tais encontros. Provavelmente elas originaram

durante o exílio babilônico dos judeus, que longe da sua terra precisavam de um ponto focal da sua comunidade.

Depois da volta da Babilônia e da reconstrução do templo, nunca deixou de existir uma “dispersão”, quer dizer, uma população judaica dispersa em vários países, e as sinagogas continuaram em atividade mesmo na Palestina.

Desempenharam três funções: primeiro, do governo civil da comunidade; segundo, de educação, sendo usada como grupos escolares nos dias úteis. Em terceiro lugar, a sinagoga era o local onde era preservada a fé israelita e ensinado o que chamamos de Antigo Testamento.

O culto sabatino era de orações, a leitura da lei de Moisés (os primeiros cinco livros da Bíblia) e depois a leitura de um trecho dos profetas, seguido por uma explicação do mesmo. Um visitante distinto podia notificar a sua vontade de participar, ficando em pé no meio da congregação. Depois seguia até uma plataforma elevada onde, ainda de pé, lia uma passagem dos profetas. Recebia o rolo entregue a ele pelo assistente que desempenhava essa função. Após a leitura, o rolo seria recolocado na “arca”, o receptáculo especial dele, e o pregador se assentaria para fazer sua exposição ao povo.

UNGIU (v.28). A unção com óleo santo era um ato de grande solenidade em Israel, significando a santidade ou separação de uma pessoa ou artigo para um serviço especial a Deus. Eram ungidos os reis (2 Sm 2.4), os sacerdotes (Ex 28.41) e os profetas (1Rs 19.16).

A palavra *ungido* é uma tradução de *Messias* no hebraico e *Cristo* no grego; termos que denotam o rei prometido esperado pelos israelitas. É claro que Jesus era o *Cristo*, mas nesta fase do ministério Dele, não salienta o fato. Fica, então para a segunda fase deste estudo, a de *interpretação*, definir qual dos três cargos (rei, sacerdote ou profeta) é referido nesta passagem.

Anexo 2 – Referências para os Estudos em 1 Tessalonicenses.

A origem da igreja em Tessalônica é descrita em Atos 16. 11-17.9.

IGREJA (v.1). Em geral, as pessoas usam este termo significando um templo, (como na frase “na esquina há uma igreja católica”) ou para identificar uma denominação (A Igreja Metodista do Brasil). Precisa ficar claro que Paulo escreve a um grupo local de pessoas, os cristãos de Tessalônica. É neste sentido que a palavra está sendo usada aqui.

ESPERANÇA (v.3). Esta palavra na Bíblia leva seu sentido normal de algo futuro, invisível, mas há um elemento forte de certeza. Temos uma esperança segura. Certamente os cristãos de Tessalônica não tinham dúvida alguma.

PALAVRA DO SENHOR (v.8). Há uma longa história no Antigo Testamento dos profetas e outros proclamando a palavra do Senhor: a mensagem divina de repreensão, de encorajamento ou de orientação para com seu povo. É claro que Paulo pensa nos profetas do Antigo Testamento. Estão proclamando o evangelho, as boas notícias, acerca de Jesus, mas desta vez não é uma palavra somente para os judeus, mas sim para todos os povos.

REPERCUTIU (v.8). Normalmente o verbo expressa a ação de refletir um som ou luz, mas a palavra usada pelo apóstolo lembra o rugir do trovão ou o chamado da trombeta. Com isso ele quer transmitir a imagem de ondas de som, que se espalhavam do testemunho vivo dos tessalonicenses por todas as regiões vizinhas e até bem longe. Certamente não foram os missionários enviados pela igreja, mas os comerciantes crentes que viajavam a outras cidades, ou as pessoas que passavam por Tessalônica e levavam a notícia daquela comunidade cristã que encarnava a palavra do Senhor.

IRA (v.10). Paulo desenvolve a idéia de ira em Rm 1. Ela significa a raiva de Deus contra os homens que rejeitam sua lei, seu padrão de justiça. A ira era vindoura na forma do juízo futuro de Deus sobre todos os homens. Desse jeito somos salvos somente pela morte de Cristo. Não há citações bíblicas neste trecho.

TESSALÔNICA. Você poderá procurar maiores detalhes no verbete apropriado do NDB, num atlas bíblico ou em outros livros, mas aqui estão os fatos suficientes para que você responda a pergunta.

Tessalônica foi fundada após o engrandecimento da Macedônia sob Alexandre, o Grande, e logo chegou a ser a cidade principal daquele Estado. Era um porto marítimo na interseção dos caminhos de comércio entre Itália e o Oriente, e entre o Mar Egeu e o Rio Danúbio.

Anexo 3 - Referências para os Estudos em I Pedro

REGENEROU (1.3). A ação do Espírito Santo dando nova vida aos eleitos, que colocam sua fé em Jesus Cristo.

ESPERANÇA (1.3). Veja o anexo 2.

HERANÇA (1.4). Este termo significa a participação atual e futura na glória de Cristo. Ele é o herdeiro de todas as coisas (Hb 1.2). Em contraste com as heranças materiais, a do povo de Deus está nos céus, e inviolável. O penhor dela é o Espírito Santo no coração daquele que pertence a Cristo (Ef 1.14).

LEITE (2.2). Leia Is 55.1; 1Co 3.2; Hb 5.13.

PEDRA (2.6). Leia Sl 118.22 (usado por Jesus em Mt 21.42 e por Pedro em At 4.10-12); Is 8.14,15 (usado por Paulo em 1Co 1.23).

CASA (2.5). Leia Mt 16.18; 1Co 3.9; Ef 2.21ss.

SALVAÇÃO (2.2). Hoje usamos esse termo exclusivamente no sentido espiritual, mas os equivalentes no Hebraico e no Grego têm significados mais latos. *Iesua*, em hebraico, significa: espaço, facilidade, segurança. A palavra grega *sotéria* é traduzida por: salvação, recuperação, redenção, remédio, bem estar.

No início do Antigo Testamento a palavra destaca o livramento das doenças ou dos inimigos e a posse da terra prometida. Depois fala mais em condições morais e espirituais.

No Novo Testamento salienta mais o livramento do pecado através de Cristo. Mas os escritores do Novo Testamento estão de tal maneira influenciados pelo Antigo Testamento que não podemos fazer uma dicotomia entre o material e o espiritual.

Deve ser notado que há três tempos da salvação: eu fui salvo (Rm 5. 12); estou sendo salvo, progressivamente liberto do mal e do pecado (Fp 2.2,12); e serei salvo quando for levado para o céu (1Ts 5.9).

PROFETAS (1.10). É um pressuposto explícito ou implícito de todos os escritores do Novo Testamento que a mensagem de Cristo é uma seqüência às profecias do Antigo Testamento que também foram inspiradas pelo Espírito Santo.

PEDRO, PRIMEIRA EPÍSTOLA DE. Tanto a introdução à carta como a referência do autor “ser testemunha dos sofrimentos de Cristo”(1Pe 5.1) destacam que era escrito pelo apóstolo Pedro, “por meio de Silvano” (1Pe 5.12). Esse último seria mesmo o companheiro de Paulo que aceitaria o papel de “*amanuensis*”, um escriba que, conforme a prática antiga, participava na redação estilística da carta.

Os destinatários da carta eram igrejas na região da Ásia Menor (hoje Turquia) e apesar das muitas referências na carta ao Antigo Testamento, há bastante evidência que a maioria dos seus membros eram gentios, o novo povo de Deus (1.14,18: 2.9, 18-21; 4.3-5).

PERSEGUIÇÃO. A sociedade romana era um monolito que facilmente podia oprimir um grupo minoritário, especialmente quando esse grupo rejeitava a crença geral do politeísmo. Os judeus tinham conseguido ser reconhecidos como uma religião lícita, que deu-lhes uma certa proteção. Durante bastante tempo os cristãos provavelmente eram considerados como uma seita judaica, e por isso não eram perseguidos. Mas afinal de contas, e provavelmente devido aos esforços judaicos, eram reconhecidos como um grupo distinto. Conforme a carta de Pliny ao imperador Trajano, pela legislação corrente, podiam ser mortos se não negassem sua fé, pela ofensa de “contumácia” ou teimosia.

Temos certeza de que na época apostólica não havia nenhuma perseguição geral, e de fato o livro de Atos mostra os romanos como protetores de Paulo. No caso do imperador Nero, havia uma caça de “bodes expiatórios” pelo incêndio de Roma, e muitos cristãos morreram.

Os governadores tinham bastante liberdade nas suas mãos para perseguirem ou não os cristãos. Havia então uma ameaça permanente sobre a igreja, que nem sempre era ativada. Por isso, podiam sofrer injustamente (1 Pe 2.19) ou serem expostos à perseguição por meio da calúnia (1Pe 4.14,15).

Para informações mais detalhadas, procure os verbetes PERSEGUIÇÃO; PEDRO, PRIMEIRA EPÍSTOLA DE (V); SALVAÇÃO; no *NDB*.

Anexo 4 – O Estudo Bíblico Indutivo, um Esboço do Método

Observação

Leia o trecho várias vezes, em mais de uma tradução. (Nesta fase, até formular sua pergunta-chave, utilize somente sua Bíblia).

O.1 - Qual o Tipo de Literatura ?

As categorias mais importantes são: narrativa, lei, poesia, apocalíptica, cartas.

O.2 - Destrinche a Passagem, através de uma das duas alternativas seguintes.

A. “Perguntas do Jornalista”

O quê ? Quem ? Quando ? Onde ?

B. “Análise Sintática”

Com qualquer delas será útil se cada participante receber uma cópia do texto bíblico em estudo, digitada sem títulos ou parágrafos, numeração de versículos etc.

O.3 - Tem palavras ou frases repetidas que ajudam no entender o sentido da passagem?

O.4 - Escreva o “Tema Central (1)” que você descobriu em decorrência das suas observações. Que diz o autor?

Descubra as subdivisões do trecho. (Frequentemente parágrafos). Dê um título a cada uma, anotando os versículos que a compõem.

O.5 - Pense no “Tópico de Interesse Geral”.

Para fazer um estudo mais interessante, pergunte: a que “tópico quente” esta passagem se relaciona ?

Interpretação

Nesta seção tentaremos descobrir a idéia especial que o autor quer comunicar. O enfoque do momento não é tanto “O que o autor diz”, e mais, “O que ele quer dizer.” Por ora continue usando somente sua Bíblia.

I.1 - Formule sua “pergunta-chave de interpretação”:

Qual o fato principal que quero entender no meu estudo da passagem?

Nota sobre a Pergunta-Chave

A - Uma pergunta que você quer fazer para a passagem.

B - Ela deixa você “grilado” (encucado, incomodado); é uma parte do seu pensar diário.

C - Como é que esse problema descobre uma resposta dentro da passagem?

D - Você consegue melhorar sua pergunta?

I.2 - Detalhes que você descobriu através de um comentário ou outras leituras

Coloque aqui somente aqueles que pertencem à parte de **observação**.

Daqui para frente utilizaremos um comentário e outros livros disponíveis para todas as respostas.

I.3 - Palavras e Frases com Significados Especiais

Explique brevemente as expressões que precisam ser destrinchadas, porque são:

A - difíceis de entender, inclusive do ponto de vista da língua portuguesa.

B - figurativas, e podem ser importantes na explanação do texto.

C - citações de outras passagens bíblicas (na Edição Atualizada são denotadas por um recuo no texto no início de cada linha.)

Como elas explicam o que o autor **quer dizer** ?

I.4 - Estude o Contexto.

Que podemos descobrir nele para esclarecer o significado do trecho ?

Examine os seguintes aspectos:

Literário - O que você descobre na Bíblia.

Histórico/Geográfico/Cultural - O ambiente mais largo.

Religioso

Estas perguntas devem permiti-lo modificar o **Tema Central (I)**, para destacar o significado do trecho.

I.5 - Assim você poderá escrever o Tema Central (2).

“Que quer dizer o Autor ?” Qual a idéia que ele quer comunicar?

Escreva as subdivisões do texto, dando-lhes títulos que destacam o significado de cada uma.

Como o autor a usa para comunicar sua idéia especial?

Aplicação

O que é que o autor queria que seus leitores fizessem?

A.1 Qual seria a maior aplicação para aquela época?**A.2 Como esta passagem deveria afetar a igreja de hoje?**

Você acha que ela (quer dizer, nós) tem se recusado a obedecer neste ponto?

A.3 De que modo minha vida individual deve ser moldada através desta passagem da Escritura?

Há três níveis de aprofundamento no estudo.
Você escolhe o mais apropriado, conforme o tempo ao seu dispor.

Nível 1. Uma pergunta só sobre cada fase

Observação: O que é que a passagem diz?

Interpretação: O que é que a passagem quer dizer?

Aplicação: O que é que devo fazer?

Nível 2. Respostas a todas as perguntas, demorando menos em I.3 e I.4.

Nível 3. Mais ênfase nas expressões com significados especiais e ao contexto.

Respostas a todas as perguntas, salientando as pesquisas que você fez em I.3 e I.4.

Como Preparar Perguntas

O propósito do estudo em grupo é levar os participantes do grupo a descobrir por si mesmos o que Deus tem a revelar pela sua Palavra. Se o líder tem que responder sua própria pergunta houve falha na comunicação, porque sabemos que as pessoas podem tirar as respostas da passagem. (As perguntas devem funcionar assim, levando os participantes a refletir sobre o texto).

É bom destacar neste ponto que as perguntas que você usará no encontro do grupo, na maioria, serão diferentes das do estudo individual. Normalmente há menos tempo e há mais pessoas querendo compartilhar suas idéias.

Por isso é bom preparar as perguntas com bastante dedicação, cuidado e antecedência.

Elas devem realçar os pontos mais importantes da passagem e levar todos a uma participação ativa na discussão.

Devem tratar das três fases, de observação, interpretação e aplicação de cada seção do texto, mas não devem ser numerosas demais para o tempo disponível da reunião.

Por fim, devem ser diretamente retiradas do texto bíblico, não dando margem para desvios do assunto em estudo. Estes desvios dão lugar às divagações desnecessárias e às heresias.

ANEXO 3
Lc. 4: 16-30

Nova Linguagem Internacional – NVI

- 16 Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler
- 17 Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito:
- 18 “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos
- 19 e proclamar o ano da graça do Senhor” e
- 20 Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele;
- 21 e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”.
- 22 Todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios. Mas perguntavam: “Não é este o filho de José?”
- 23 Jesus lhes disse: “É claro que vocês me citarão este provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo! Faze aqui em tua terra o que ouvimos que fizeste em Cafarnaum’”.
- 24 Continuou ele: “Digo-lhes a verdade: Nenhum profeta é aceito em sua terra.
- 25 Asseguro-lhes que havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e houve uma grande fome em toda a terra.
- 26 Contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, senão a uma viúva de Sarepta, na região de Sidom.
- 27 Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado somente Naamã, o sírio”.
- 28 Todos os que estavam na sinagoga ficaram furiosos quando ouviram isso.
- 29 Levantaram-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o topo da colina sobre a qual fora construída a cidade, a fim de atirá-lo precipício abaixo.
- 30 Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se.

João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada - RA

- 16 Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler.
- 17 Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:
- 18 O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos,
- 19 e apregoar o ano aceitável do Senhor.
- 20 Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele.
- 21 Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.
- 22 Todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: Não é este o filho de José?
- 23 Disse-lhes Jesus: Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra.
- 24 E prosseguiu: De fato, vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.
- 25 Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra;
- 26 e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidom.
- 27 Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro.
- 28 Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira.
- 29 E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cimo do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo.
- 30 Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se.

ANEXO 4
Unidade didática (cd-rom)